

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JONAS LUIZ DE SOUZA

**O EVANGELHO SOCIAL E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS  
COMO FATOR DE SALVAÇÃO DA ORDEM SOCIAL**

São Leopoldo

2023



JONAS LUIZ DE SOUZA

**O EVANGELHO SOCIAL E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS  
COMO FATOR DE SALVAÇÃO DA ORDEM SOCIAL**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Tradição e  
Sagradas Escrituras Teologia, Religião e  
Linguagens  
Linha de Pesquisa: Hermenêuticas e  
Teologias Bíblicas

Pessoa Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Bezerra de Souza

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S726e Souza, Jonas Luiz de

O evangelho social e a contextualização do Reino de Deus como fator de salvação da ordem social / Jonas Luiz de Souza ; orientadora Carolina Bezerra de Souza . – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.  
103 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Evangelho social. 2. Teologia liberal. 3. Fundamentalismo. 4. Reino de Deus. I. Souza, Carolina Bezerra de, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JONAS LUIZ DE SOUZA

**O EVANGELHO SOCIAL E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO REINO  
DE DEUS COMO FATOR DE SALVAÇÃO DA ORDEM SOCIAL**

Dissertação de Mestrado

Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia Faculdades  
EST

Programa de Pós-Graduação  
em Teologia Área de  
Concentração: Teologia,  
Religião e Linguagens

Data de Aprovação: 19 de julho de 2023

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. HELMUT RENDERS (UMESP)  
Participação por webconferência

Assinado digitalmente  
por  
Carolina Bezerra de  
Souza  
Data: 03/08/2023  
20:33:16 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Flávio Schmitt  
Data: 07/08/2023  
17:02:58 -03:00



*Dedico esta pesquisa ao meu amigo e mentor, Prof. Dr. Thiago Almeida Silveira, um dos grandes valores da EST. Devo a esta nobilíssima pessoa muito do que sou e grande parte do que tenho em termos acadêmicos teológicos!*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por sua preciosa companhia durante toda a trajetória da vida, e por me oportunizar conhecê-lo melhor durante este período de mestrado.

Sim, a academia também proporciona isso.

À minha esposa Eliane N. R. de Souza e às minhas filhas, Juliana de Souza e Liana Silibele de Souza, pela paciência, carinho, apoio e cobrança, (e aí já terminou o trabalho?). Aos meus genros pelo carinho e apoio. Ao Pepe, por uma cadeira melhor, um teclado melhor, um monitor melhor e um computador melhor...!

Agradeço de coração, muito especialmente a minha orientadora, Profa. Dra. Carolina Bezerra de Souza, mais que uma orientadora, um presente enviado por Deus. Sem você professora, não teria sido possível.

Agradeço ao Prof. Dr. Flávio Schmitt, a quem, desde a entrevista para o mestrado, vem trazendo aportes para viabilizar e enriquecer esta pesquisa. Ao estimadíssimo Prof. Dr. Marcelo Saldanha, que me surpreendeu ao mostrar que é possível ler a Bíblia em Graciliano Ramos, Machado de Assis e Ernest Hemingway.

É verdade, agora creio!

À Faculdades EST, um sonho de vida tornado real. Querida EST, estás muito além da grandeza que representas. Obrigado a cada professora e a cada professor da EST, por sua dedicação incrível e foco total na pesquisa de cada discente. Nunca vi nada parecido!

Ao Prof. Dr. Hélio Teixeira, por ter incentivado os primeiros passos no Evangelho Social. A conversa se transformou em pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos, pelo aporte de todos os recursos financeiros, tanto das mensalidades quanto das taxas. Teria sido impossível sem estes recursos.

Meu muito obrigado!

*Quando observamos, da praia, um veleiro a afastar-se da costa, navegando mar adentro, impelido pela brisa matinal, estamos diante de um espetáculo de beleza rara.*

*O barco, impulsionado pela força dos ventos, vai ganhando o mar azul e nos parece cada vez menor.*

*Não demora muito e só podemos contemplar um pequeno ponto branco na linha remota e indecisa, onde o mar e o céu se encontram.*

*Quem observa o veleiro sumir na linha do horizonte, certamente exclamará: Já se foi.*

*Terá sumido? Evaporado?*

*Não, certamente. Apenas o perdemos de vista.*

*O barco continua do mesmo tamanho e com a mesma capacidade que tinha, quando estava próximo de nós.*

*Continua tão capaz, quanto antes, de levar ao porto de destino as cargas recebidas.*

*O veleiro não evaporou, apenas não o podemos mais ver. Mas ele continua o mesmo.*

*E talvez, no exato instante em que alguém diz: Já se foi, haverá outras vozes, mais além, a afirmar: Lá vem o veleiro.*

Victor Hugo



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Movimento do Evangelho Social, considerado a principal expressão que influenciou a igreja americana nos últimos cento e trinta anos. Um movimento social de grande importância e repercussão nos países de língua inglesa, maiormente falando, Estados Unidos e Canadá, e que tem sido o precursor de importantes movimentos sociais, tais como: o Movimento dos Direitos Civis (década de 1950), e a Teologia da Libertação (década de 1960), na América Latina. Serão consideradas as origens do Evangelho Social, sua teologia, fontes da teologia liberal e fontes bíblicas do movimento, evolução prática e possíveis aplicações e implicações para a Igreja atual. Por ser o Movimento do Evangelho Social um tema pouco pesquisado no Brasil, quase inexiste dissertações ou teses específicas sobre o tema, e há apenas um livro específico publicado, optou-se por enriquecer a pesquisa com muitas citações diretas sobre relevantes trabalhos a respeito do tema. A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo faremos a apresentação do Movimento do Evangelho Social, seu histórico e definições, o contexto da sociedade americana em fins do século XIX, o posicionamento da igreja protestante e seu caráter fundamentalista em reação ao movimento do Evangelho Social. O segundo capítulo será dedicado a Walter Rauschenbusch, o proponente mais influente do movimento do Evangelho Social na América. Aqui serão consideradas a relevância da teologia liberal em seus escritos, uma breve biografia de Rauschenbusch e um exame de sua Teologia do Evangelho Social. No terceiro capítulo serão abordados conceitos e ideias sobre o Reino de Deus. Dada a importância do tema da Teologia do Evangelho Social, faremos um resumo exegético de Mateus 5.3-10, com destaque para a temática social do texto proposto. Partindo deste resumo exegético serão destacados aspectos das bem-aventuranças que se imbricam com a perspectiva social, ressaltando descobertas que permitam estabelecer a relação entre o Evangelho Social e a função social do Reino de Deus contida nestas bem-aventuranças. Por fim, serão considerados aspectos sobre o Reino de Deus, sua centralidade na pregação de Jesus e os principais conceitos da teologia bíblica, buscando estabelecer um diálogo entre as ideias dos teólogos bíblicos, com foco na questão social sobre o Reino de Deus, relacionando-as confrontando-as com a proposta do Evangelho Social.

**Palavras-chave:** Evangelho Social. Teologia liberal. Fundamentalismo. Reino de Deus.



## ABSTRACT

This work aims to present the Social Gospel Movement, considered the main expression that influenced the American church in the last one hundred and thirty years. A social movement of great importance and repercussion in English-speaking countries, mainly the United States and Canada, and which has been the precursor of important social movements, such as: the Civil Rights Movement, and the Theology of Liberation, in Latin America. The origins of the Social Gospel, its theology, sources of liberal theology and biblical sources of the movement, practical evolution and possible applications and implications for the current Church will be considered. As the Social Gospel Movement is a topic little researched in Brazil, there are almost no specific dissertations or theses on the topic, and there is only one specific book published, it was decided to enrich the research with many direct citations on relevant works on the topic. The research is organized into three chapters. In the first chapter we will present the Social Gospel Movement, its history and definitions, the context of American society at the end of the 19th century, the position of the Protestant church and its fundamentalist character in reaction to the Social Gospel movement. The second chapter will be dedicated to Walter Rauschenbusch, the most influential proponent of the social gospel movement in America. Here we will consider the relevance of liberal theology in his writings, a brief biography of Rauschenbusch and an examination of his Social Gospel Theology. In the third chapter, concepts and ideas about the Kingdom of God will be discussed. Given the importance of the theme to Social Gospel Theology, we will make an exegetical summary of Matthew 5.3-10, highlighting the social theme of the proposed text. Based on this exegetical summary, aspects of the beatitudes that overlap with the social perspective will be highlighted, highlighting discoveries that allow us to establish the relationship between the Social Gospel and the social function of the Kingdom of God contained in these beatitudes. Finally, aspects about the Kingdom of God will be considered, its centrality in the preaching of Jesus and the main concepts of biblical theology, seeking to establish a dialogue between the ideas of biblical theologians, focusing on the social issue about the Kingdom of God, relating them to comparing them with the proposal of the Social Gospel.

**Keywords:** Social Gospel. Liberal theology. Fundamentalism. Kingdom of God.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2 O EVANGELHO SOCIAL</b> .....	<b>23</b>
2.1 O MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL – HISTÓRICO E DEFINIÇÕES .....	24
2.2 CONTEXTO ECLESIAL NO FINAL DO SÉCULO XIX E O POSICIONAMENTO DO EVANGELHO SOCIAL .....	29
2.3 FUNDAMENTALISMO COMO OPOSIÇÃO E RESPOSTA AO LIBERALISMO TEOLÓGICO E O NASCENTE MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL .....	34
<b>3 WALTER RAUSCHENBUSCH, O LIBERALISMO TEOLÓGICO E A TEOLOGIA DO EVANGELHO SOCIAL</b> .....	<b>39</b>
3.1 CONTEXTO DA TEOLOGIA LIBERAL E SUA INFLUÊNCIA NO MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL .....	39
3.1.1 A Teologia Liberal .....	42
3.1.2 Teólogos liberais que exerceram influência direta no Evangelho Social .....	44
3.1.2.1 Friedrich Schleiermacher .....	46
3.1.2.2 Albrecht Benjamin Ritschl (1822-1889) .....	48
3.1.2.3 Adolf von Harnack (1851-1930) .....	51
3.2 BREVE BIOGRAFIA DE WALTER RAUSCHENBUSCH .....	53
3.2.1 Exame da teologia de Rauschenbusch e escritos selecionados .....	57
3.2.2 Cristianismo e a Crise Social .....	61
3.2.3 Uma Teologia Para o Evangelho Social .....	63
<b>4 O REINO DE DEUS: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA BÍBLICA E APROXIMAÇÕES COM A TEOLOGIA DO EVANGELHO SOCIAL</b> .....	<b>67</b>
4.1 ORGANIZAÇÃO LITERÁRIA DAS PERÍCOPES COMO RESPOSTA ÀS DEMANDAS SOCIAIS .....	68
4.2 RESUMO EXEGÉTICO DO TEXTO DE MATEUS 5:3-10 .....	71
4.2.1 Texto grego e a tradução de Mateus 5.1-10 .....	73
4.2.2 Contexto geral das bem-aventuranças .....	74
4.2.3 Contexto imediato das bem-aventuranças .....	78
4.2.4 Felizes os pobres .....	79
4.3 TEOLOGIA BÍBLICA ACERCA DO REINO DE DEUS NO CONTEXTO DO EVANGELHO SOCIAL .....	84
4.3.1 O Reino de Deus (ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ) ou o Reino dos Céus (ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν) em Mateus .....	85
4.3.2 A centralidade do Reino de Deus na pregação de Jesus e na Teologia do Evangelho Social .....	88
4.3.3 Novos conceitos sobre o Reino de Deus na teologia bíblica atual .....	90
4.3.4 A ampliação dos conceitos do Reino de Deus pelo Evangelho Social para inclusão de toda a sociedade .....	92
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>98</b>



# 1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é abundante em textos que fundamentam e defendem um evangelho social, um evangelho que vai ao encontro das necessidades sociais. Neste sentido é citado em Provérbios: “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados” (Pv 31.8-9)<sup>1</sup>. Também podemos ver desde os primórdios do cristianismo que a proclamação do evangelho pela igreja do primeiro século fez diversos movimentos ao encontro das necessidades sociais (At 2.42-47).

De acordo com Walter Rauschenbusch, o evangelho individualista que tanto caracterizou o protestantismo americano ao longo do século XIX

não tem nos oferecido uma compreensão adequada da pecaminosidade da ordem social e sua participação nos pecados de todos os indivíduos nela inseridos. Não tem evocado a fé na vontade e poder de Deus para redimir as instituições permanentes da sociedade humana de sua culpa herdada pela opressão e extorsão. Tanto nosso senso de pecado quanto nossa fé na salvação têm ficado aquém das realidades sob seus ensinamentos.<sup>2</sup>

A igreja atual precisaria partilhar deste mesmo sentimento, pois o cenário, em termos sociais, apresenta oportunidades muito próximas ou mais graves que naquele tempo. Malina compactua com esta ideia em relação ao Evangelho Social, ao afirmar: “se nós não partilharmos nada dos cenários sociais que moldaram as perspectivas dos autores bíblicos, nossa leitura da Bíblia e subsequente teologia serão uma confusão ou nossas ideias e valores impor-se-ão aos autores e seus textos.”<sup>3</sup>

O evangelho, em uma definição geral, é a boa nova anunciada por Jesus Cristo. É a proclamação e a demonstração da atividade redentora de Deus, por meio de Jesus Cristo, ao mundo inteiro escravizado pelo pecado e pela injustiça social. Havia um entendimento na maioria da cristandade que o caráter da salvação era individual, limitado exclusivamente à pessoa.

Rauschenbusch, um dos principais promotores do Movimento do Evangelho Social, até certo ponto, também tinha este entendimento. Ele afirma que “a salvação

---

<sup>1</sup> BÍBLIA SAGRADA, NOVA VERSÃO INTERNACIONAL: **Antigo e Novo Testamento. Português**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. Todas as citações da Bíblia usadas neste trabalho serão desta versão, salvo indicação referenciada.

<sup>2</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter. **Uma Teologia Para o Evangelho Social**. Vitória: ASTE, 2019, p. 50.

<sup>3</sup> MALINA, Bruce. **O Evangelho Social de Jesus**. São Paulo, 2004. P. 22.

individual é, sem dúvida, uma parte essencial da salvação”<sup>4</sup>, mas não deve ficar só nisso. O Evangelho Social amplia este conceito, ao sugerir uma possibilidade diferente de interpretação, incluindo a salvação da ordem social. Segundo Cole, Ordem Social é um termo que se refere à forma como todos os componentes sociais trabalham juntos para avançar, em vez de desmoronar. Além disso, significa que o comportamento dos indivíduos cumpre os contratos sociais partilhados que implicam leis, regras, valores, padrões e normas. Através do seu estudo sobre o papel da religião nas sociedades primitivas e tradicionais, o sociólogo francês Émile Durkheim passou a acreditar que a ordem social surgia das crenças, valores, normas e práticas partilhadas por um determinado grupo de pessoas<sup>5</sup>. Uma experiência religiosa de solidariedade é mais cristã do que uma experiência puramente individualista.

No final do século XIX, a igreja americana encontrava-se em meio a um turbilhão de ações e ideias sobre os desafios da religião frente às condições humanas e sociais. Havia uma grande necessidade de dar respostas às mudanças geradas pela revolução industrial. Para a igreja da época, as propostas giraram em torno da necessidade de uma contextualização social da igreja, e as demandas, baseadas nas escrituras, para a ação política e social.

Buscando apresentar novas respostas da igreja cristã americana para atender esta demanda, tem início uma nova reflexão, um novo movimento, relacionando a fé e a ação social. A corrente teológica surgida neste contexto recebeu o nome de Movimento do Evangelho Social. A ideia deste movimento era em si, um sistema de pensamento que combinava as mudanças do indivíduo mediante a aplicação dos princípios cristãos em todas as suas relações com a sociedade.

Esta pesquisa vai abordar esta ideia que se tornou a principal expressão que influenciou a igreja no final do século XIX e seguiu influenciando a Igreja durante o século XX. Começando nos Estados Unidos e Canadá, onde teve sua mais forte influência, acabou perpassando todos os continentes, o chamado Movimento do Evangelho Social. Para Rauschenbusch

o movimento do Evangelho Social relacionava a ideia do Reino de Deus com as raízes da democracia moderna, ainda que, insistiam, não se identificasse diretamente com nenhuma teoria social específica. Todavia, identificava o Reino de Deus com a justiça social, liberdade, fraternidade, o trabalho e

---

<sup>4</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 125.

<sup>5</sup> COLE, Nicki L. **What Is Social Order in Sociology?** ThoughtCom. 2019. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/social-order-definition-4138213>. Acesso em 11 de julho de 2023.

alegria. A perspectiva do Evangelho Social é uma espécie de adaptação e ainda de contextualização de sua teologia bíblica, buscando ver o ideal do Reino de Deus, redefinindo-o em democracia, de paz mundial, de industrialização, de evolução da ciência, porém, tudo relacionado com a antiga fé movida pelo entusiasmo de orar e atender as necessidades da sociedade.<sup>6</sup>

Rauschenbusch, ao contextualizar a pregação de Jesus, tomando por base Mateus capítulos 4 ao 7, visualizou a possibilidade de adaptar o Reino de Deus 'aqui e agora'. Para tanto, além de tomar as rédeas do emergente Movimento do Evangelho Social, do qual é considerado o grande profeta e teólogo, buscou trazer os ideais do Reino de Deus preconizados por Jesus, o que se tornou para ele como uma missão de vida. Para Malina, "Rauschenbusch era devotado a colocar em ordem as forças do cristianismo Americano no serviço do evangelho social, com uma visão para melhorar o destino do pobre".<sup>7</sup>

O método utilizado neste trabalho está baseado em pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa<sup>8</sup> e de cunho exploratório. Este método de pesquisa, segundo Minayo, "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis"<sup>9</sup>. Enfim, trata-se de uma revisão de literatura, cujo objetivo principal é refletir sobre a hermenêutica ou entendimento do Evangelho Social na apropriação e contextualização da ideia do Reino de Deus como elemento de salvação social.

A relevância do trabalho está no fato de não termos encontrado nenhuma dissertação ou tese específica sobre o tema no Brasil, o que de certa forma impressiona, pois trata-se de um movimento social de grande importância e repercussão nos países de língua inglesa, maiormente falando, Estados Unidos e Canadá, e que tem sido o precursor de importantes movimentos sociais, tais como, o

---

<sup>6</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter. **Los Principios Sociales de Jesus**. Buenos Aires: La Aurora, 1947. P. 74-75.

<sup>7</sup> MALINA, 2004. P. 9.

<sup>8</sup> Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas [...], mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (susitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33.

<sup>9</sup> MINAYO, M. N. S. (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 21-22.

Movimento dos Direitos Civis (década de 1950), e a Teologia da Libertação (década de 1960), na América Latina.

Para Helmut Renders, em sua introdução na edição brasileira do livro 'Uma Teologia Para O Evangelho Social', de Walter Rauschenbusch, o assunto ocupa um lugar de destaque e continua a representar um esforço concentrado para apresentar uma leitura do Movimento do Evangelho Social, com sua fundamentação bíblico-teológica, com sua proposta pastoral e ênfase social em termos gerais. Renders afirma que

[...] precisamos lamentar de imediato que, tanto nos textos sobre as histórias como as teologias dos protestantismos do Brasil, a importância do movimento do Evangelho Social é aparentemente desconhecida de pesquisadores/as da religião, sejam eles/as teólogos/as ou cientistas da religião, ou ignorando ou não identificando em sua importância.<sup>10</sup>

Entende-se que o exposto acima, dado o posicionamento de um dos principais pesquisadores brasileiros sobre o Evangelho Social, justifica em muito este empreendimento de pesquisa.

De acordo com o que já se apresentou, o tema da pesquisa está centrado na identificação de linhas que articulam a Teologia do "Evangelho Social de Walter Rauschenbusch, como uma das formas mais criteriosas, cuidadosas e relevantes de traduzir o anúncio do Reino de Deus por Jesus de Nazaré"<sup>11</sup>, em sintonia com a mensagem original do evangelho. Ainda que Renders entenda que o Evangelho Social manifeste esta forma criteriosa de traduzir o Reino de Deus, há evidentemente, outras formas de evangelismo social e de promoção do Reino de Deus. Mas consideramos este entendimento de Renders, por pautar-se esta pesquisa exclusivamente ao já aludido Movimento do Evangelho Social.

Quanto ao objetivo geral, esta pesquisa busca investigar em que medida o Evangelho Social, a partir de sua história, significados, abrangência e teologia, pode representar, de fato, uma contextualização do Reino de Deus como fator de salvação da ordem social.

Em relação aos objetivos específicos, elencamos o que segue:

---

<sup>10</sup> RENDERS, Helmut. *In*: RAUSCHENBUSCH, Walter. Uma Teologia para o Evangelho Social. Vitória. ASTE, 2019, p. 16.

<sup>11</sup> RENDERS, 2019, p. 16.

1) investigar os conceitos e noções a respeito do Evangelho Social, trazendo como pano de fundo a história do Evangelho Social, o contexto da teologia liberal e suas implicações relacionadas com a Teologia do Evangelho Social, destacando os principais personagens considerados como referências do Evangelho Social, bem como exemplos de seus trabalhos;

2) Analisar possíveis evidências enfatizadas na pregação de Jesus, que podem caracterizar o seu evangelho como social, considerando qual abordagem dos aspectos socioliterários do evangelho de Mateus subsidiam tais evidências, partindo da organização literária das principais perícopes que fornecem possíveis respostas às demandas sociais, destacando Mateus 5.3: “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus”, enfatizando o lugar do pobre no Reino e na sociedade.

Considerando que o interesse da pesquisa é o Evangelho Social e a contextualização do Reino de Deus como fator de salvação da ordem social, apresenta-se o desafio de buscar uma resposta ao seguinte questionamento: o Evangelho Social e sua teologia representam de fato uma perspectiva social do Reino de Deus?

Entende-se que a pergunta é pertinente e pode guiar a pesquisa, pois nenhum movimento social apoderou-se tanto da centralidade do Reino de Deus em sua teologia quanto o Movimento do Evangelho Social.

O desenvolvimento do tema da pesquisa está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo será apresentado o Movimento do Evangelho Social, seu histórico e definições, o contexto da sociedade em fins do século XIX, o posicionamento da igreja protestante e seu caráter fundamentalista em reação ao movimento do Evangelho Social.

O segundo capítulo será dedicado a Walter Rauschenbusch, “[...] o proponente mais influente do movimento do evangelho social na América, cuja teologia teve um grande impacto em uma gama díspar de líderes religiosos”<sup>12</sup>, sendo considerado o grande definidor do Evangelho Social e principal teólogo do movimento. Este capítulo vai considerar a relevância da teologia liberal em seus escritos, incluir uma breve biografia de Rauschenbusch e um exame de sua Teologia do Evangelho

---

<sup>12</sup> EVANS, Christopher H. **The Social Gospel in American Religion**. New York: NYU Press, 2017, p. 78. Original: “[...] was the most influential proponent of the social gospel movement in America, and his theology had a major impact an disparate range of religious leaders”.

Social. Considerando a relevância do tema, será destacado o entendimento e a visão social de Rauschenbusch a respeito do Reino de Deus.

No terceiro capítulo serão abordados conceitos e ideias sobre o Reino de Deus. Dado à importância do tema à Teologia do Evangelho Social, faremos um resumo exegético de Mateus 5.3-10, com destaque para a temática social do texto proposto. Partindo deste resumo exegético serão destacados aspectos das bem-aventuranças que se imbricam com a perspectiva social, ressaltando descobertas que permitam estabelecer a relação entre o Evangelho Social e a função social do Reino de Deus contida nestas bem-aventuranças.

Por fim, serão considerados aspectos sobre o Reino de Deus, sua centralidade na pregação de Jesus e os principais conceitos da teologia bíblica, buscando estabelecer um diálogo entre as ideias dos teólogos bíblicos, com foco na questão social sobre o Reino de Deus, relacionando-as confrontando-as com a proposta do Evangelho Social.

## 2 O EVANGELHO SOCIAL

Neste capítulo apresenta-se o Movimento do Evangelho Social, seu histórico e definições, o contexto da sociedade da época, seus precursores e principais líderes.

O Evangelho Social tem caráter de um movimento social cujos objetivos gravitam em torno de uma contextualização do reino de Deus junto aos conceitos de democracia moderna, com foco nos ideais de liberdade e justiça social e uma nova proposta de atuação da igreja na sociedade. Em se tratando de movimento social, o professor de Teologia do Novo Testamento da Universidade de Heidelberg, Gerd Theissen, relaciona

duas definições de movimento social. 1) Um movimento social pode ser definido como uma tentativa coletiva de fazer avançar um interesse comum ou assegurar um alvo conjunto por intermédio de uma ação coletiva fora do contexto de instituições estabelecidas. 2) Um movimento social é o processo de protesto contra condições sociais vigentes conduzido de forma consciente por um agrupamento de número crescente de membros.<sup>13</sup>

O Movimento do Evangelho Social enquadra-se nesta definição ao desafiar a igreja a avançar sobre setores marginalizados da sociedade, proclamando o reino de Deus de forma prática, sob a ótica da ação social. Historicamente, o Evangelho Social foi um movimento específico que deu dimensão e significados às diversas formas de interação da Igreja com a sociedade por meio de uma nova leitura do evangelho, trazendo uma nova ressignificação, interpretação e aplicação do Reino de Deus.

Em 1907, Rauschenbusch escreveu o livro 'Cristianismo e a Crise Social', que até hoje continua sendo uma declaração seminal do movimento do Evangelho Social:

a Igreja tem um enorme interesse na crise social. Pode tentar manter uma atitude de neutralidade, mas nenhum dos lados o permitirá. Se é inerte, joga sua influência para o lado das coisas como elas são, e a classe que aspira a um lugar mais adequado na organização da sociedade sentirá a grande força espiritual da Igreja como um peso morto contra ela. Se perde a lealdade e a confiança da classe trabalhadora, perde a própria classe em que se originou, à qual pertenceram seus fundadores e que a elevou ao poder. Se se torna uma religião das classes superiores, condena-se a uma morte lenta e confortável.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> THEISSEN, Gerd. **O Movimento de Jesus. História de uma revolução de valores.** São Paulo: Edições Loyola, 2008. P. 141.

<sup>14</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter. **Christianity and the Social Crisis.** New York: The MacMillan Company, 1908, p. 331. Original: *Thus the Church has a tremendous stake in the social crisis. It may try to maintain an attitude of neutrality, but neither side will permit it. If it is quiescent, it thereby*

Essas palavras foram escritas no final do século XIX, no auge da Revolução Industrial, nos Estados Unidos, e continuam a confrontar a igreja mais de um século depois. Nesse panorama, a Igreja Cristã ainda cria que, apenas chamar as pessoas ao arrependimento e à conversão, bastaria para mudar a realidade social de seu tempo.

É justamente contra este modo de ver, por um lado, a tarefa da Igreja, e por outro, a omissão do estado e das instituições, que surge o Movimento do Evangelho Social. Buscando um melhor entendimento sobre as origens e a atuação deste movimento social, o próximo tópico fornecerá uma definição e um histórico do movimento, com todas as suas implicações.

## 2.1 O MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL – HISTÓRICO E DEFINIÇÕES

O marxismo é considerado o grande revelador dos males e contradições sociais que vieram na esteira da revolução industrial. Por influência do marxismo, surgiram em paralelo, mudanças de atitude no protestantismo pietista. É significativo que no mesmo ano da publicação do Manifesto Comunista, 1848, surge na Inglaterra o movimento dos cristãos socialistas. Este movimento se empenhou publicamente na elaboração de um método cristão de reforma social como alternativa para as lutas de classe.<sup>15</sup> Isso não significa que a origem do Evangelho Social é marxista. Para Camargo, “quando o marxismo surgiu já havia um forte movimento dentro da Igreja que identificava o cristianismo existente com a ordem estabelecida”.<sup>16</sup>

O Movimento do Evangelho Social surgiu nos anos 1870, de acordo com David Bebbington, com o objetivo de impactar a sociedade da época e transformá-la em uma aproximação do Reino de Deus. O termo Evangelho Social foi usado pela primeira vez por Charles Oliver Brown em referência ao tratado de Henry George, de

---

*throws its influence on the side of things as they are, and the class which aspires to a fitter place in the organization of society will feel the great spiritual force of the Church as a dead weight against it. If it loses the loyalty and trust of the working class, it loses the very class in which it originated, to which its founders belonged, and which has lifted it to power. If it becomes a religion of the upper classes, it condemns itself to a slow and comfortable death.*

<sup>15</sup> CAMARGO, César S. **O Evangelho Social: Aspectos Históricos e Teológicos**. Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). São Paulo, v. 6 (3), n. 31, 254-255

<sup>16</sup> CAMARGO, 1988, p. 254.

1879, Progresso e Pobreza<sup>17</sup>, que deu início ao movimento do imposto único. Sobre a utilização do termo Bebbington fala a respeito de

John Clifford, o outro expoente principal de uma mensagem cristã para a sociedade, estava retomando uma frase do Manifesto Comunista quando, em 1888, lançou o “Evangelho Social” como slogan de campanha em um discurso à União Batista. O movimento representou, portanto, uma ampliação dos horizontes dos inconformistas, mas não os separou de suas raízes evangélicas.<sup>18</sup> (Tradução nossa).

O fato de o Evangelho Social ter se mantido dentro das raízes evangélicas tem sido considerado a herança teológica mais original vinda dos Estados Unidos. Sua influência continua presente e ainda muito discutida no século XXI. Gary Dorrien, teólogo e especialista em ética social americana, entusiasta do Evangelho Social, afirma que:

o evangelho social americano teve um impacto mais profundo, amplo e duradouro nas igrejas estabelecidas do que em qualquer lugar da Europa, devido às suas raízes puritanas abolicionistas e evangélicas, além da falta de uma igreja estatal na América. Os ministros que a fundaram na década de 1880 ficaram magoados com a acusação de socialistas e sindicalistas de que as igrejas não se importavam com o sofrimento dos pobres e vulneráveis<sup>19</sup>. (Tradução nossa).

Interessante que estas acusações continuam em nossos dias. Muitos detratores do Evangelho Social ainda hoje acusam o movimento de tendências marxistas. Recentemente Rick Warren, pastor batista americano, afirmou que o Evangelho Social “era apenas marxismo em roupas cristãs”, de acordo com o título da entrevista concedida à Beliefnet e The Wall Street Journal.<sup>20</sup> No entanto é possível

<sup>17</sup> MARTY, Martin E. **Modern American Religion**, Volume 1: The Irony of It All, 1893-1919. Chicago: University of Chicago Press, 1997, p. 286.

<sup>18</sup> BEBBINGTON, D. **Evangelicalism in Modern Britain**. London: Taylor & Francis Group, 2005, p. 213. Original: *John Clifford, the other leading exponent of a Christian message for society, was taking up a phrase from The Communist Manifesto when in 1888 he launched the ‘Social Gospel’ as a campaigning slogan in an address to the Baptist Union. The movement therefore represented a broadening of the horizons of Nonconformists, but it did not cut them off from their Evangelical roots.*

<sup>19</sup> DORRIEN, Gary. **In a Post Hegelian Spirit – Philosophical Theology as Idealist Discontent**. Waco, Texas. Baylor University Press, 2020, p. 11. Original: *The American social gospel had a deeper, wider, and more lasting impact on established churches than was true anywhere in Europe, owing to its abolitionist and evangelical Puritan roots plus America’s lack of a state church. The ministers who founded it in the 1880s were stung by the accusation of socialists and trade unionists that churches did not care about the suffering of the poor and vulnerable.*

<sup>20</sup> WALDMAN, Steven. Interview Rick Warren: **Social Gospel & “Marxism in Christian Clothing”**. New York, 2018. Disponível em: <https://www.beliefnet.com/columnists/stevenwaldman/2008/12/rick-warren-social-gospel-marx.html> Acesso em 18 de nov. de 2022.

de se argumentar contra Warren e outros críticos, que o Evangelho Social têm em suas raízes uma base socialista, não impulsionada pela ideologia política, mas pelo socialismo cristão e pautada em uma definição ampla da ética do Reino, do ponto de vista das Escrituras. Para Robert Handy, “embora disposto a ser rotulado de socialista cristão, Rauschenbusch permaneceu notavelmente acima da briga política. Ele não confiava no socialismo secular como movimento e nunca se tornou membro do partido”.<sup>21</sup>

As raízes puritanas citadas por Dorrien reforçam uma das características principais dos primeiros homens de Deus envolvidos com o Evangelho Social. Eram pessoas extremamente comprometidas com o evangelho, plenamente envolvidos em suas igrejas e com foco extraordinário no evangelismo. Carson comentando sobre o envolvimento prático e direto de cristãos ingleses e americanos durante o período de avivamento, conhecido como O Grande Despertar, nos Estados Unidos, afirma que:

O Despertamento Evangélico testemunhou uma imensa mudança social conduzida por cristãos convertidos nos ministérios de Howell Harris, George Whitefield, John Wesley e seus contemporâneos. Esses cristãos foram instrumento para conseguir não apenas o banimento da escravidão em todo o Império Britânico, mas também a obtenção de leis que criminalizaram o trabalho infantil em minas de carvão e reformaram o sistema prisional. Deram início a um número incontável de instituições de ajuda aos indigentes e fundaram sindicatos para opor-se à avidez que brotou com a primeira onda da Revolução Industrial (três dos primeiros líderes sindicais importantes foram pastores metodistas banidos para a Austrália por causa de seus esforços). Mas o que é notável nesses líderes é que em grande parte foram, antes de tudo, cristãos do evangelho, com disciplina extraordinária em sua leitura bíblica e evangelismo.<sup>22</sup>

Por tudo isto, o Evangelho Social representa um dos principais desdobramentos do pensamento cristão ocidental, o qual teve seu fortalecimento e maior expressão nos Estados Unidos, tendo como pano de fundo os excessos causados pelo capitalismo, gerados com base no desenvolvimento industrial e econômico. Não obstante ao acúmulo de capital e riquezas, os problemas sociais

---

<sup>21</sup> HANDY, Robert T. **The Social Gospel in America 1870-1920**. New York: Oxford University Press, 1996, p. 262.

<sup>22</sup> CARSON, D. A. **Cristo & Cultura: Uma Releitura**. São Paulo: Vida Nova, 2012. P. 137.

resultantes foram a proliferação de comunidades pobres marginalizadas, injustiça social e economicamente.<sup>23</sup>

O contexto da época era de depressões recorrentes, conflitos sociais e problemas nascidos da urbanização e superpopulação das cidades e da revolução industrial. Como uma reação bastante complexa a esta nova situação, o movimento do Evangelho Social se opôs à ingênua glorificação do lucro e defendeu a justiça para a classe trabalhadora industrial e as reformas políticas destinadas a melhorar as condições injustas que impediam as pessoas de ter um mínimo de dignidade.

Apesar dos problemas que enfrentou, o movimento continuou a depositar esperança na possibilidade do progresso moral para o bem da sociedade. Isto foi central para a agenda do Evangelho Social e forjou numerosos esforços para sintetizar sua teologia com argumentos específicos para uma minirreforma religiosa, política e social. Embora o impulso do Evangelho Social possa ter seguido seu curso nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, seu legado continuou ao longo do século XX em vários movimentos religiosos e seculares.<sup>24</sup>

A palavra 'social' contida no Evangelho Social, segundo o contexto europeu, no qual foi originada, tinha a ver exclusivamente com os pobres e a situação por estes vivida dentro do contexto da revolução industrial. "Social era uma palavra-chave para o pobre e para a pobreza que eles suportavam por causa da grande transformação conhecida como Revolução Industrial".<sup>25</sup> Dentro do Movimento do Evangelho Social, a palavra sempre teve uma dimensão política, principalmente através da franqueza de seus seguidores em apoio aos direitos dos trabalhadores e questões de justiça para os oprimidos. A esse respeito, os evangelistas sociais foram acusados de terem em comum os ideais socialistas de esquerda.

Segundo Evans, a definição clássica para o Evangelho Social veio no início da década de 1920, com o evangelista social Shailer Mathews, apologeta do Evangelho Social, que o definiu como "a aplicação dos ensinamentos de Jesus e a mensagem total da salvação cristã à sociedade, à vida econômica e às instituições

---

<sup>23</sup> GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão – Volume III**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. P. 389.

<sup>24</sup> EVANS, Christopher H. **Liberalism Without Illusions** – Renewing an American Christian Tradition. Waco: Baylor University Press, 2010, p. 55.

<sup>25</sup> MALINA, 2004. P. 9.

sociais, bem como aos indivíduos”<sup>26</sup> (tradução nossa). Outra definição apresentada por Evans, a partir de Susan Lindley, apresenta um entendimento no qual o Evangelho Social “foi além da caridade cristã tradicional em seu reconhecimento da identidade corporativa, pecado corporativo e estrutural, salvação social, junto com a preocupação com o pecado individual, fé e responsabilidade”<sup>27</sup> (tradução nossa). As duas definições refletem como o Evangelho Social estava intimamente ligado a temas emergentes da teologia liberal.

O historiador Christopher Evans, principal biógrafo de Rauschenbusch na atualidade, traz uma definição completa e atualizada do Evangelho Social. Para ele

O evangelho social foi um desdobramento do liberalismo teológico que se esforçou para aplicar uma visão teológica progressista para envolver as estruturas sociais, políticas e econômicas americanas. Enraizado em desenvolvimentos histórico-teológicos mais amplos no protestantismo americano no final do século XIX e início do século XX, o evangelho social integrou vertentes teológicas evangélicas e liberais de maneiras que defendiam mudanças estruturais e sistêmicas nas instituições americanas. O movimento teve um amplo impacto na religião e na sociedade ao longo do século XX, culminando durante o movimento pelos direitos civis das décadas de 1950 e 1960.<sup>28</sup> (Tradução nossa).

Desse modo, o Evangelho Social representou um esforço, tanto de clérigos quanto de leigos protestantes influentes, que não se acomodaram às tendências meramente religiosas dentro das igrejas, mas usaram sua influência para adaptar o protestantismo às necessidades de seu tempo. Em meio a todo um caos social, as igrejas em geral tinham pouca preocupação com os problemas criados pela urbanização e industrialização nos anos posteriores à Guerra Civil.

Os evangelistas sociais estavam reagindo em parte contra o individualismo excessivo do protestantismo tradicional e a crença de que a regeneração individual era em si uma meta suficiente do esforço da igreja. O novo foco do Evangelho Social,

---

<sup>26</sup> EVANS, 2010, p. 55. Original: *The application of the teachings of Jesus and the total message of the Christian salvation to society, the economic life, and social institutions, as well as to individuals.*

<sup>27</sup> EVANS, 2010, p. 56-57. Original: *Moved beyond traditional Christian charity in its recognition of corporate identity, corporate and structural sin, and social salvation, along with concern for individual sin, faith, and responsibility.*

<sup>28</sup> EVANS, 2017, p. 9. Original: *The social gospel was an offshoot of theological liberalism that strove to apply a progressive theological vision to engage American social, political, and economic structures. Rooted in wider historical-theological developments in American Protestantism in the late nineteenth and early twentieth centuries, the social gospel integrated evangelical and liberal theological strands in ways that advocated for systemic, structural changes in American institutions. The movement had a wide-ranging impact on religion and society throughout the twentieth century, cresting during the civil rights movement of the 1950s and 1960s.*

entretanto, estava na família, na nação, na vida social e comercial como campos da manifestação de Deus e da operação do Espírito.

Esta reação ao individualismo excessivo, e sua oposição ao protestantismo tradicional representa muito bem o contexto eclesial no final do século XIX, que será tratado no próximo tópico.

## 2.2 CONTEXTO ECLESIAL NO FINAL DO SÉCULO XIX E O POSICIONAMENTO DO EVANGELHO SOCIAL

O pano de fundo para o surgimento do movimento do Evangelho Social foi a mudança demográfica marcante na sociedade tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos da América. Uma sociedade predominantemente agrícola sofreu uma tremenda transformação na era industrial, devido ao grande deslocamento da população das áreas rurais para as grandes cidades. Isso foi visto, por exemplo, em cidades como Chicago, onde a população aumentou de cerca de cinco mil em 1840 para cerca de 1,1 milhão em 1890<sup>29</sup>. Uma mudança tão dramática na concentração da população acarretou problemas de superlotação, resultando em dificuldades de saneamento e problemas de saúde e toda a gama de problemas sociais. Essa superpopulação trouxe problemas sociais como o álcool, o aumento da violência e a prostituição e desigualdade social, que também afetariam a moralidade da época e a atuação da igreja junto a sociedade.

Cada época tem conhecido controvérsias e debates no campo da teologia, alguns de difícil aplicação para o cotidiano. Para Calvino Rocha,

uma influência platônica tem estado presente ao longo da História do Cristianismo, separando corpo e alma, matéria e metafísica. Em nossos tempos essa influência tem sua face visível naqueles cristãos apenas preocupados com a alma, a vida espiritual (contrastada com a vida material), o outro mundo, a vida após a morte, de tendência ascética, separatista e alienada. Para essas pessoas, a missão da Igreja é resgatar indivíduos isolados, garantindo-lhes a vida abençoada após a morte, enquanto aqui deve se separar do mundo, cultivar uma religiosidade intimista, lutando contra a "carne", manifestada em usos e costumes. O mundo não tem futuro, nada nos resta fazer por ele, e não nos devemos meter em questões políticas,

---

<sup>29</sup> BATEMAN, Bradley W. **The Social Gospel and the Progressive Era**. Divining America, TeacherServe©. National Humanities Center. Disponível em: <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/twenty/tkeyinfo/socgospel.htm>. Acesso 24 de abr. 2023.

sociais e econômicas. A vida do homem deve se resumir a ir para o trabalho, para a igreja e para sua casa... e que tudo o mais vá para o inferno...<sup>30</sup>

No entanto, ainda que Rocha faça referências ao tempo presente sobre algo que já deveria ter sido superado, este era o entendimento de grande parte do protestantismo na virada do século XIX.

Rauschenbusch, ministro de sétima geração de pastores de tradição luterana, tornou-se o pastor da pequena Segunda Igreja Batista Alemã na cidade de Nova York, nos limites de um dos bairros de pior fama da cidade, o bairro Hell's Kitchen. O bairro, na verdade uma favela miserável, teve o nome cunhado por policiais que diziam que o inferno era um lugar mais agradável que este lugar, pois este bairro era a própria 'Cozinha do Inferno'. Foi neste bairro onde sua experiência de uma procissão interminável de homens sem trabalho, sem roupas, sem sapatos e sem esperança, que Rauschenbusch teve despertada sua consciência social.<sup>31</sup>

Deste ponto de vista não tão privilegiado, ele viu o inferno a que estava relegada uma população pobre e miserável, e testemunhou os males sociais que assolam as cidades, pobreza, crime e degradação humana. Até este ponto, sua maneira de pregar era tão ortodoxa quanto a de outros ministros de seu tempo. Pregava e pastoreava para salvar almas e edificá-las na fé. Porém, o impacto daquela 'Cozinha do Inferno' o fez descobrir que ali não era um lugar seguro para almas salvas. Daí surge a formulação de um programa com metodologia social, fora dos padrões da religião institucional.

Um dos primeiros embates do Evangelho Social foi justamente contra o individualismo da religião estabelecida. Por trás das causas dos grandes problemas sociais encontravam-se ministros do evangelho e parte da membresia abastada destas igrejas. Eles viam a riqueza material e o sucesso como produtos da santidade pessoal e como testemunho da benção de Deus para suas vidas. Em relação aos pobres, viam que estes eram de certa maneira inferiores e não eram dignos da mesma benção que os eleitos de Deus.

Rauschenbusch, em seu livro *Cristianismo e a Crise Social*, ridicularizou como erradas estas crenças comumente mantidas, de que os pobres são pobres por sua

---

<sup>30</sup> ROCHA, Calvino. **Responsabilidade Social da Igreja**. Londrina: Descoberta Editora, 2003, p. 37.

<sup>31</sup> ROWLAND, Chistopher. **The Cambridge Companion to Liberation Theology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 674.

própria culpa, ou que os imigrantes são a causa da corrupção nas políticas da cidade. Ao contrário dos avivalistas cristãos que pregavam uma mensagem de redenção pessoal, ele acreditava que esses eram os pecados da sociedade. Para Rauschenbusch, o que a crise social existente nas cidades exigia era uma nova teologia e uma profunda reestruturação da sociedade. A crença religiosa deve ser posta em prática para corrigir os erros da sociedade. Cabia a pessoas como ele agir de acordo com a mensagem de Cristo e ajudar a criar o reino de Deus na terra.<sup>32</sup>

Segundo Evans,

durante grande parte do século XIX, o protestantismo americano foi dominado por igrejas e denominações mergulhadas em inúmeras correntes de evangelicalismo. Amplamente associado a uma tradição de reavivamento proveniente do Primeiro e do Segundo Grande Despertar de meados do século XVIII e início do século XIX, o evangelicalismo protestante enfatizou a importância da experiência de conversão de um indivíduo, muitas vezes referida pelos evangélicos como o “novo nascimento”.<sup>33</sup>

Para Washington Gladden, a igreja com sua ênfase em salvação meramente individual, e controlada pelos ricos, falhou em ajudar os pobres não apenas materialmente, mas também espiritualmente. Em 1882, Gladden denunciou a barreira existente entre as igrejas e as classes mais pobres e insistiu que a primeira tarefa da igreja era demolir essa barreira. Gladden entendeu que os antigos sermões sobre céu e inferno pareciam irrelevantes para aqueles que trabalhavam longas horas por pequenos salários. Do púlpito de sua igreja ele começou a atacar a inércia do protestantismo em relação aos males sociais.<sup>34</sup>

O pastor Gladden é considerado o pai do Evangelho Social e figura entre os grandes do Evangelho Social. Aos 39 anos, durante o primeiro ano do seu pastorado na Igreja Congregacional em Springfield, houve uma greve de trabalhadores nas fábricas de calçados. Gladden foi visitar os grevistas e mostrou-se solidário com a situação deles. Quando os convidou para frequentarem sua igreja, no entanto, eles lhe disseram que isso não era provável, pois as pessoas que possuíam e

<sup>32</sup> RAUSCHENBUSCH, 1908, p. 350-351.

<sup>33</sup> EVANS, 2017, p. 11. Original: *For much of the nineteenth century, American Protestantism was dominated by churches and denominations steeped in numerous currents of evangelicalism. Largely associated with a tradition of revivalism coming out of the First and Second Great Awakenings of the mid-eighteenth and early nineteenth centuries, Protestant evangelicalism stressed the importance of an individual's conversion experience, often referred to by evangelicals as the "new birth."*

<sup>34</sup> BATEMAN, Bradley W. The Social Gospel and the Progressive Era. Divining America, TeacherServe©. National Humanities Center. 2023. p. 1. Disponível em: <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/twenty/tkeyinfo/socgospel.htm>. Acesso 24 de abr. 2023.

administravam as fábricas nas quais estavam sendo oprimidos, eram exatamente os membros mais ilustres de sua igreja.<sup>35</sup>

Rauschenbusch estava plenamente identificado e comprometido com os conceitos encontrados nas obras e na pregação de Washington Gladden. Segundo Scott<sup>36</sup>, Rauschenbusch começou a deixar de focar apenas na salvação de almas individuais e no pré-milenismo que muitos evangélicos haviam adotado, e começou a defender um realinhamento radical da sociedade e da cultura americana por meio do Evangelismo Social.

Neste realinhamento do evangelho de encontro com o comportamento vigente na igreja protestante, Rauschenbusch declarou que a igreja existe para o Reino, e não o Reino para a igreja: “as instituições da Igreja, suas atividades, sua adoração e sua teologia devem ser testadas [...]. O Reino de Deus não se limita aos limites da Igreja e de suas atividades. Abrange toda a vida humana. É a transfiguração cristã da ordem social”.<sup>37</sup>

Tal como nos tempos de Jesus, no século I, as pessoas não estavam apenas interessadas em um livramento da ira vindoura, em uma salvação unicamente pessoal. A religião dos tempos de Jesus também cumpria uma função social, pois a sociedade da época também estava em busca de uma salvação social, uma solução para os problemas que os afligiam como parte do plano de Deus para eles, um reino que os alcançasse em suas necessidades imediatas. Neste aspecto, segundo Bordieu,

se a religião cumpre funções sociais, [...] tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.<sup>38</sup>

A função social, para Rauschenbusch, era um forte apelo da sociedade e era a tarefa que legitimava a Igreja. Sendo ele herdeiro de uma longa tradição luterano-

---

<sup>35</sup> BATEMAN, 2023, p. 1.

<sup>36</sup> SCOTT, Graeme. **The Social Gospel and Liberation Theology**. 2014. THEO 10006 -Dissertation. Scottish Baptist College. Paisley, 2014, p. 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/9118717/The\\_Social\\_Gospel\\_and\\_Liberation\\_Theology](https://www.academia.edu/9118717/The_Social_Gospel_and_Liberation_Theology). Acesso em 09 dez 2022.

<sup>37</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 165.

<sup>38</sup> BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 48.

pietista e tendo vivenciado na pele a realidade dos trabalhadores pobres do bairro Hell's Kitchen, foi confrontado consigo mesmo quando sua ética pessoal, baseada na tradição pietista, não conseguiu atender as necessidades das classes trabalhadoras.

Ele viu-se impotente ante os males sofridos por seus congregantes, tal como já havia acontecido com Gladden. Seus pares na igreja não consideravam a obra social como um trabalho de Cristo. Em suas palavras, ele mesmo diz: “Precisei repensar todos os meus estudos bíblicos. [...] as pessoas não quiseram escutar minha mensagem”.<sup>39</sup> A igreja não escutava a mensagem do mundo, a única mensagem que a igreja escutava era a dela mesma.

O evangelicalismo moderno precisava injetar seu espírito nas estruturas sociais da nação. Rauschenbusch dizia que para a igreja se tornar plenamente cristã, ela devia sair de seu isolamento espiritual, e assim, obter a salvação encontrando o propósito de sua existência fora de si mesma, no Reino de Deus.<sup>40</sup> Ele queria mostrar que o Evangelho Social não era apenas ativismo, mas, por trás de todo o trabalho desenvolvido, havia uma motivação espiritual.

Rauschenbusch ressignificou o conceito de santidade, reagindo contra o pietismo e sua centralização da experiência interna de santificação. Dentre os vários conceitos que trouxe para a discussão, deixou bastante evidenciado que santificação não nasce do isolamento, mas do amor, pois,

A santificação não pode ser alcançada [...] por meio de uma vida não produtiva. A longo prazo, existe somente um único e verdadeiro caminho para ganhar percepção moral, autodisciplina, humildade, amor e coerência: tomar seu espaço entre as pessoas que servem umas às outras com trabalho que faz sentido. A vida de um parasita o faz cego, o trabalho revela. O misticismo não representa a forma mais madura da santificação [...], mas o aspecto eternamente jovem, infantil e na sua essência imatura da vida religiosa. A santificação pessoal deve servir o Reino de Deus<sup>41</sup>.

Este era o entendimento dos teólogos sociais, mas estava longe de um consenso. Assim, as ideias sobre o Movimento do Evangelho Social e seus principais proponentes não tiveram livre curso, não foram livres de oposição, antes enfrentaram uma feroz resistência da religião institucionalizada, que, como força de oposição e como forma de enfrentamento ao Evangelho Social e sua influência do liberalismo

---

<sup>39</sup> RAUSCHENBUSCH, 1947, p. 21.

<sup>40</sup> EVANS, 2017, p. 12.

<sup>41</sup> RENDERS, Helmut. **É Tarefa da Igreja Motivar Para a Ação**. In: Simpósio, vol. 10 [4], ano XXXVII, n. 48, nov. 2008, p. 100-117.

teológico, se posicionaram em trincheiras teológicas ferrenhamente defendidas, conhecidas como Fundamentalismo Religioso.

O próximo tópico detalha como o fundamentalismo se opõe a nova Teologia do Evangelho Social e como ele responde a nova disposição teológica conhecida como liberalismo teológico.

## **2.3 FUNDAMENTALISMO COMO OPOSIÇÃO E RESPOSTA AO LIBERALISMO TEOLÓGICO E O NASCENTE MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL**

Uma das influências que Rauschenbusch abraçou durante seu tempo como estudante foi a teologia liberal que havia sido desenvolvida na Alemanha. Dois teólogos importantes que o influenciaram foram, Albrecht Ritschl e Adolf von Harnack, principalmente quanto ao novo entendimento sobre o Reino de Deus. Isso desempenharia um papel vital na futura escrita e teologia de Rauschenbusch.<sup>42</sup>

Por volta de 1875, uma divisão começou a ocorrer no protestantismo americano entre o que hoje conhecemos como liberalismo e fundamentalismo. A influência do pensamento pós-iluminista e da ciência moderna estava começando a ter um forte impacto na religião. O cristianismo protestante estava tendo dificuldades com questões como a teoria da evolução de Darwin e a doutrina da inerrância bíblica. Muitos líderes da igreja estavam recorrendo à ortodoxia e à doutrina religiosa em uma tentativa de conter o fluxo do ataque violento do modernismo.

No entendimento de Rubem Alves, o modernismo é simplesmente sinônimo de liberalismo. Para o autor, “o modernismo se caracteriza pelo fato de que ele aceita, como seu ponto de partida, a cosmovisão científica moderna. A ciência se constitui [...] num instrumento metodológico para a interpretação dos textos sagrado”<sup>43</sup>. Isso era inaceitável para os fundamentalistas.

Para González, em sentido estrito,

o fundamentalismo é um movimento que surgiu dentro do protestantismo norte-americano, e seu nome é derivado dos cinco pontos “fundamentais” que os fundadores do movimento promulgaram em uma conferência que aconteceu na Nicarágua em 1895. Esses cinco pontos eram a infalibilidade das Escrituras; o nascimento virginal de Jesus, sua morte em substituição e

---

<sup>42</sup> EVANS, Christopher H. **The Kingdom Is Always but Coming - A Life of Walter Rauschenbusch**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2004, p. 41.

<sup>43</sup> ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020, p. 267.

pagamento pelos pecados humanos, sua ressurreição física e seu breve retorno.<sup>44</sup>

Como movimento distinto do cristianismo protestante, o fundamentalismo tem início por volta de 1905, a partir da publicação de uma série de brochuras intituladas ‘Os Fundamentos’, que foram determinantes para a origem do movimento. O movimento teve inspiração direta dos reavivamentos de D. L. Moody (1837-1899), mas foi gerado principalmente pelo choque e horrores sentidos por causa da influência crescente da teologia liberal, tendo seu principal impulso na ortodoxia protestante de B.B. Warfield, John Murray, J. Gresham Machen, entre outros.

Alguns influentes executivos cristãos patrocinaram a publicação e distribuição gratuita de doze compilações de ensaios escritos por eminentes estudiosos protestantes conservadores. Os Fundamentos foram enviados gratuitamente para milhares de pastores, líderes denominacionais, professores de institutos teológicos e demais agremiações religiosas, inclusive associações liberais nos Estados Unidos.<sup>45</sup> Em relação a este trabalho desenvolvido pelos fundamentalistas e seus posicionamentos, Rocha comenta que,

se os fundamentalistas, como ficaram conhecidos aqueles que produziram e acolheram esse documento, resgataram a importância das Escrituras (inspiração, infalibilidade e inerrância), a divindade de Cristo, o nascimento virginal de Cristo e os milagres, o sacrifício propiciatório de Cristo e sua ressurreição literal e física e seu retorno, por outro lado, radicalizaram, chegando mesmo a atingir extremos tão perigosos quanto o liberalismo de que tentavam defender-se. Numa tentativa de rechaçar a teologia liberal com todos os seus “perigos” resolveram também repelir o que de melhor havia nos teólogos liberais, especialmente quanto à sua visão holística do ser humano e sobre a responsabilidade social da Igreja.<sup>46</sup>

O que se conclui do dito por Rocha é que o Fundamentalismo Teológico foi de fato uma reação do pensamento religioso tradicional contra a adaptação do evangelho às necessidades dos novos tempos. O fundamentalismo, foi e é em si mesmo, uma teologia de reação, apologética e política. Ao se deparar com a ascensão da teologia liberal e sua influência nos evangelistas sociais em sua cruzada pela salvação da ordem social, tal como propagado pelo Evangelho Social, e não apenas

<sup>44</sup> GONZÁLEZ, Justo L. “Verbetes”: Fundamentalismo. *In: Breve Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 142.

<sup>45</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 576.

<sup>46</sup> ROCHA, 2003, p. 39.

do indivíduo, o fundamentalismo em um primeiro momento buscou associar, com ênfase negativa, o socialismo com o Evangelho Social.

Isto posto, o fundamentalismo se separou dos ideais do Evangelho Social, pois considerava que este se distanciava da essência do cristianismo, isto é, o Evangelho Social estava substituindo o evangelho da graça e das boas novas por um credo moderno e socialista. Com isto concorda Rocha, pois,

a impressão é de que a resistência de certa ala da Igreja à questão social está diretamente relacionada com a influência do evangelho social, sendo este um tema defendido pelos liberais e que suscitou, da parcela conservadora da Igreja, o que ficou conhecido como os fundamentos, os quais eram artigos escritos por conservadores americanos de todas as denominações históricas que se coligaram para defender a fé cristã da intrusão do liberalismo nos seus seminários e igrejas. Os fundamentos deram origem ao termo Fundamentalismo, conforme o conhecemos, embora, hodiernamente, haja se tornado um conceito pejorativo.<sup>47</sup>

Para Olson é exatamente isso, “o que começou como o nome de um movimento teológico que defendia a ortodoxia protestante da “acidez da modernidade” e da dissolução pela teologia liberal [...] é usado como termo de insulto e desdém para qualquer forma fanática e militante da religião”<sup>48</sup>. Assim, o termo fundamentalismo entrou no vocabulário religioso como sinônimo das crenças literais dos cristãos conservadores.

Por outro lado, na avaliação de John Stott, o fundamentalismo parte de um posicionamento centrado em uma polarização estéril traduzido em uma reação exagerada contra os liberais e aqueles que pensam ou agem de modo diferente ao seu entendimento da bíblia. Por sua vez os liberais criticam o posicionamento mais conservador dos fundamentalistas. Ao avaliar esta polarização, Stott afirma que

os primeiros tendem a concentrar-se exclusivamente na evangelização, negligenciando a necessidade social, seja ela comida para os famintos ou libertação e justiça para os oprimidos. Os últimos vão para o extremo oposto, tendendo a negligenciar a evangelização ou tentando reinterpretá-la em termos de ação sócio-política, tais como a humanização de comunidades ou a libertação dos oprimidos.<sup>49</sup>

O que se pode dizer contra Stott é que os fundamentalistas tinham um zelo maior por aquilo que entendiam ser a doutrina correta, de acordo com os pontos citados anteriormente por Rocha, e não tanto um comportamento exclusivista com a

<sup>47</sup> ROCHA, 2003, p. 38.

<sup>48</sup> OLSON, Roger, 2001, p. 570.

<sup>49</sup> STOTT, John. **Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo**. São Paulo: ABU Editora, 2005, p. 148.

evangelização propriamente dita. Um movimento de defesa gerado a partir do desconforto, provocados pelo choque de realidade com a teologia liberal e os tempos modernos. Ainda contra Stott, os liberais não estavam apenas trazendo uma reinterpretação sociopolítica da Bíblia. No que diz respeito aos evangelistas sociais, eles estavam voltando aos princípios sociais vividos e ensinados por Cristo e os apóstolos, buscando enxergar além dos limites da religião estabelecida.

No entanto, é importante ressaltar que nem todas as pessoas ligadas ao pensamento fundamentalista se opõem ao evangelho social. Muitas delas também se envolvem em ações de caridade e justiça social, embora possam ter abordagens diferentes em relação às questões sociais e políticas.

Da mesma forma, nem todos as pessoas que defendem o evangelho social rejeitam completamente a ortodoxia doutrinária. Há muitas pessoas e comunidades religiosas que procuram combinar uma compreensão conservadora da fé com um compromisso ativo com a justiça social.

Entretanto, não se pode negar que nos primórdios do Movimento Fundamentalista houve muita radicalidade, e isto em maior ou menor grau permanece na atualidade. Rauschenbusch confrontou esta radicalização fundamentalista como extremamente ortodoxa e míope, pois limitava o alcance e a ação do evangelho. Em seu livro *Christianity and the Social Crisis* (1908), ele ataca esta atitude fundamentalista afirmando: “se a igreja tentar limitar-se à teologia e à Bíblia, e recusar sua missão mais ampla para a humanidade, sua teologia gradualmente se tornará mitologia e sua Bíblia um livro fechado”.<sup>50</sup> (Tradução nossa).

Parece que isto de alguma forma tem acontecido, o fundamentalismo de algum modo fechou-se em si mesmo, a mesma visão permanece na religiosidade cristã na atualidade. Pode-se afirmar que o fundamentalismo se caracterizou como movimento de reação ao Evangelho Social e a Modernidade, leia-se teologia liberal.

Olson afirma que não existe fundamentalismo teológico sem a teologia liberal. “Histórica e teologicamente, é errado chamar de fundamentalismo qualquer coisa antes da ascensão da teologia protestante liberal. Esse movimento é a reação do

---

<sup>50</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter. **Christianity and the Social Crisis**. New York: The MacMillan Company, 1908, p. 1. Original: “If the Church tries to confine itself to theology and the Bible, and refuses its larger mission to humanity, its theology will gradually become mythology and its Bible a closed book.”

século XX ao chamado liberalismo.”<sup>51</sup> Sem a teologia liberal, a ortodoxia protestante existiria, mas o fundamentalismo não.

A afirmação de Olson é importante para se estabelecer não só o contraponto da teologia liberal e suas influências na formação doutrinária e no pensamento social de Walter Rauschenbusch, mas também na nova interpretação do Reino de Deus a partir da teologia liberal. O Movimento do Evangelho Social está profundamente enraizado nos conceitos da Teologia Liberal, sendo o próprio movimento considerado o produto último da Teologia Liberal. O próximo tópico pretende demonstrar a influência da Teologia Liberal em Rauschenbusch e em sua Teologia do Evangelho Social.

---

<sup>51</sup> OLSON, 2001, p. 571.

## **3 WALTER RAUSCHENBUSCH, O LIBERALISMO TEOLÓGICO E A TEOLOGIA DO EVANGELHO SOCIAL**

Neste capítulo serão abordados os principais conceitos sobre o liberalismo teológico, suas origens, principais pensadores e teólogos e sua relação com o Movimento do Evangelho Social. Também será abordado como a Teologia Liberal influenciou o pensamento do pastor e teólogo Walter Rauschenbusch, principal expoente do Evangelho Social, e uma breve biografia sua.

### **3.1 CONTEXTO DA TEOLOGIA LIBERAL E SUA INFLUÊNCIA NO MOVIMENTO DO EVANGELHO SOCIAL**

Os séculos XVII e XVIII onde o Iluminismo surgiu e foi seguido pela ascendência da teologia liberal no século XIX, foram períodos marcados por descobertas científicas, mudanças econômicas e revoluções políticas (sintetizadas por inúmeras revoltas populares na França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos). Este conjunto de eventos e a mudança de pensamento iniciados pelo Iluminismo, forjaram, desde sua matriz alemã, a teologia liberal.

As principais figuras associadas às origens da teologia liberal nasceram das tradições iluministas e pós-iluministas da filosofia europeia. A formulação do liberalismo nos Estados Unidos e por conseguinte o surgimento do Evangelho Social, devem ser entendidos a partir deste contexto.

Dentre os filósofos iluministas que foram fundamentais às muitas tradições futuras do liberalismo teológico destaca-se o trabalho de Immanuel Kant. Ele forneceu as bases para a teologia liberal ao postular o significado da razão para a compreensão da religião.

Para Kant, a razão era a *conditio sine qua non* da existência humana e o recurso primário para discernir o significado religioso. A razão não era apenas um meio pelo qual a humanidade poderia determinar os valores e padrões de normas morais e éticas predeterminadas para o comportamento humano, era o meio pelo qual os indivíduos poderiam realmente saber que o universo estava nas mãos de um Deus justo. Isso por si só lança um desafio direto a séculos de tradição cristã que enfatizavam a pecaminosidade da humanidade. Em seu livro, *Crítica da Razão*

Prática, Kant afirmou que a essência da natureza humana era querer e fazer o que era bom, e estava

fundamentado em uma lei, de fomentar o sumo bem (conduzir a nós o reino de Deus), desejo que não poderia nascer anteriormente em qualquer alma egoísta, e [...] para satisfazer esse desejo, foi articulado o passo à religião, podemos denominar esta doutrina moral também doutrina da felicidade, porque a esperança desta última só desperta mediante a religião. Também se pode compreender com isso tudo que, se buscarmos o fim último de Deus na criação do mundo, não se deve aduzir a isso como fim a felicidade dos seres racionais neste mundo, mas sim o sumo bem, o qual acrescenta àquele desejo dos seres racionais ainda uma condição, a saber, a de ser digno da felicidade, isto é, a moralidade de todos esses mesmos seres racionais, que contém a única medida segundo a qual podem eles aspirar à participação da felicidade por mão de um criador sábio.<sup>52</sup>

Interessante como ele associa o fazer o bem à aproximação do reino de Deus, o qual chama de sumo bem, e que para isso é necessário o passo à religião, o que conduz a uma espécie de doutrina moral ou da felicidade. Assim Kant não enfatiza a pecaminosidade da humanidade, mas acrescenta uma condição digna dos seres racionais, o de participar da felicidade por meio do reino de Deus, o sumo bem. É quase uma nova religião. Com certeza, uma nova hermenêutica.

Para Kant, a razão pode conduzir a uma situação nova. Isso não quer dizer que Kant acreditasse que a razão fosse de alguma forma um substituto para Deus; significava, porém, que a razão fornecia aos seres humanos um fundamento intelectual, onde antes havia apenas a tradição e a fé em Deus na criação do mundo. Ele não negava a existência de Deus, mas aludia a necessidade de compreender a religião como razão moral para benefício do ser humano. A teologia liberal, começando por Friedrich Schleiermacher, vai beber abundantemente desta fonte.

O Evangelho Social nasce no contexto do liberalismo teológico, e por este aspecto, é herdeiro das ideias de progresso moral humano encontradas na teologia liberal do século XIX, representada, entre outros, por Albrecht Ritschl, Adolf von Harnack, Ernst Troeltsch. Porém, antes destes, o liberalismo teológico passa obrigatoriamente por Immanuel Kant e Friedrich Schleiermacher.

Gary Dorrien, teólogo americano com especial interesse em ética social, coloca a teologia liberal como fator de solução para a crise social do final do século

---

<sup>52</sup> KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013. p. 170-171.

XIX. Ele sustenta que a tradição liberal se concentrou nos desafios colocados pelo Iluminismo, crítica histórica, ciência e tecnologia, e

tinha uma preocupação ética social com a justiça econômica, a igualdade racial, a paz e outras causas de justiça social. Afinal, foi a teologia liberal que deu origem ao movimento do evangelho social, a mais poderosa onda de ativismo pela justiça social já gerada pelas principais igrejas<sup>53</sup>. (Tradução nossa).

A afirmação acima de que o Evangelho Social é responsável pela mais poderosa onda de ativismo pela justiça social, sustentada por Dorrien, na verdade faz parte do entendimento não só deste autor como dos principais biógrafos de Rauschenbusch, e até mesmo de opositores ferrenhos ao movimento, como Reinhold Niebuhr.

Ainda que seja uma opinião bem formalizada pelos teólogos e teólogas sociais americanos, não necessariamente tem o apoio de teólogos e teólogas brasileiros, que têm feito um excelente trabalho de inclusão social nos mais variados níveis e desafios assumidos.

Basicamente as pessoas que escreveram sobre o Evangelho Social são categóricas em afirmar sua dependência da teologia liberal. Também Evans, importante pesquisador de Walter Rauschenbusch na atualidade, vai na mesma direção ao afirmar que o Evangelho Social é um desdobramento da teologia liberal, que se esforçou para aplicar uma visão teológica progressista envolvendo as estruturas sociais, políticas e econômicas americanas.<sup>54</sup>

Qual é a relação entre o liberalismo teológico e o Evangelho Social? Em sua introdução ao Evangelho Social, Sydney Ahlstrom o caracteriza como um “submovimento dentro do liberalismo religioso com uma certa visão do homem e da história governando sua lógica”.<sup>55</sup> Ahlstrom, porém orienta, que o liberalismo e o movimento do Evangelho Social não devem ser considerados a mesma coisa. Os

---

<sup>53</sup> DORRIEN, Gary. The Crisis and Necessity of Liberal Theology. *American Journal of Theology & Philosophy*, vol. 30, no. 1, 2009, pp. 3–23. JSTOR. Original: “It had a social ethical concern for economic justice, racial equality, peace, and other social justice causes. It was liberal theology, after all, that gave birth to the social gospel movement, the most powerful wave of social justice activism ever generated by the mainline churches”. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27944459>. Acesso em 28 abr. de 2023.

<sup>54</sup> EVANS, 2017, p. 9.

<sup>55</sup> AHLSTROM, Sydney. **A Religious History of the American People**. Second Edition. New Haven: Yale University Press, 2004, p 786.

evangelistas sociais eram geralmente teólogos liberais; mas a declaração não pode ser revertida.

Quanto a pergunta acima, podemos considerá-la respondida, pois fica claro diante do exposto que o Evangelho Social não é apenas influenciado pela teologia liberal ou um mero desdobramento desta, nem tampouco apenas um submovimento dentro do liberalismo teológico. O Evangelho Social é o produto final da teologia liberal.

Mas o que é a Teologia Liberal? Esta é a questão que será detalhada no próximo tópico.

### 3.1.1 A Teologia Liberal

O liberalismo teológico representa uma contextualização radical e uma completa adaptação do pensamento e da teologia cristã ao mundo moderno. Ele emerge do religiosismo individual e centrino da contemplação interior do pietismo e se volta para o cristianismo como realidade histórica.

Para Lane,<sup>56</sup> os teólogos liberais estavam dispostos a sacrificar os elementos da ortodoxia cristã tradicional em sua busca de relevância contemporânea. É neste contexto da teologia liberal, que abandona a metafísica e se preocupa mais com o terrenal, que começam a assentar-se as bases de uma teologia social.

A ideia de uma abordagem liberal do cristianismo, no âmbito desta pesquisa sobre o Evangelho Social é, no fundo, simples, porém necessária. A teologia liberal é a ideia de uma teologia baseada na razão e na experiência e que oferece uma terceira via entre a religião da autoridade ortodoxa e a descrença secular.

Gary Dorrien propõe definir a teologia liberal principalmente como um movimento mediador entre a fé e razão, tradição e cultura, ortodoxia e modernismo, buscando encontrar esta terceira via, desviando-se de alternativas inaceitáveis de um dogmatismo autoritário e um secularismo agressivo em fins do século XIX.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> LANE, Tony. **Pensamento Cristão: Da Reforma A Modernidade V. 2.** São Paulo: Abba Press, 2000. p. 81.

<sup>57</sup> DORRIEN, Gary. **The Making of American Liberal Theology**, vol. 3: Crisis, Irony; and Postmodernity, 1950-2005. Louisville: Westminster John Knox Press, 2006.

Dorrien amplia sua definição ao propor um entendimento da teologia liberal em três níveis:

em primeiro lugar, é a ideia de que todas as reivindicações da verdade, na teologia e em outras disciplinas, devem ser feitas com base na razão e na experiência e não por um apelo a uma autoridade externa;

em segundo lugar, a teologia liberal defende a viabilidade e a necessidade de uma alternativa à super crença ortodoxa e à descrença secular;

o terceiro nível consiste em coisas específicas que acompanham a derrubada do princípio da autoridade externa e a adoção de uma perspectiva mediadora entre a religião da autoridade e a descrença.<sup>58</sup>

Reforçando esta perspectiva mediadora da religião, segundo o autor, na Alemanha o movimento liberal chamava a si mesmo de teologia mediadora porque levava a sério o desafio de uma cultura crescente de deísmo e ateísmo agressivos.

Frente a estes desafios a teologia moderna buscava defender uma forma crível da religião antes que os desprezadores cultos da religião afastassem a fé cristã da respeitabilidade intelectual e cultural. Para Dreher, “a defesa schleiermacheriana da experiência religiosa [...] reflete em grande medida o constante interesse [...] em encontrar uma esfera particular do espírito humano em conexão com a qual se tornasse possível tematizar o objeto da teologia”.<sup>59</sup>

Essa tematização da teologia, melhor dito, da religião, foi expressa no título da obra fundadora da teologia moderna, *Über die Religion: Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern* (Sobre a Religião: Discursos Para as Pessoas Cultas Que a Desprezam), onde, Schleiermacher, cercado por escarnecedores cultos, em Berlim, afirmou que a verdadeira religião e a divindade de Jesus eram totalmente críveis em termos modernos.<sup>60</sup>

Deste modo, a teologia liberal concebe o significado do cristianismo a luz do conhecimento moderno e dos valores éticos. É reformista em espírito e substância; é profundamente moldada pela ciência moderna, pelo humanismo e pela crítica histórica; e está empenhada em tornar o cristianismo crível e socialmente relevante. Segundo Dreher, “para entender as correntes da teologia protestante do século XIX,

<sup>58</sup> DORRIEN, Gary. **Kantian Reason and Hegelian Spirit: The Idealistic Logic of Modern Theology**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2012, p. 13.

<sup>59</sup> DREHER, Luís H. **O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher**. (Série Teses e Dissertações, Vol. 6). São Leopoldo: IEPG/Editora Sinodal, 1995, p. 52.

<sup>60</sup> DORRIEN, 2012, p. 5.

é necessário perceber que a mesma é filha da Ilustração, dos impulsos de Schleiermacher (1768-1834) e [...] Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).<sup>61</sup> Dreher conclui que estes filósofos jamais devem ser esquecidos e sem eles não se pode entender a evolução do pensamento teológico.

Historicamente, os liberais tendiam a afirmar uma visão positiva das capacidades humanas, rejeitando as teologias ortodoxas do pecado original e da depravação humana. À medida que o século XIX avançava, aqueles que se associaram ao liberalismo teológico também abraçaram tendências emergentes na alta crítica bíblica, desenvolvimentos intelectuais nas ciências naturais, como as visões darwinianas da evolução e novas correntes da filosofia ocidental, particularmente as escolas de liberalismo enraizadas na teologia alemã do século XIX.

Para Evans, essas tendências contribuíram para o que os estudiosos frequentemente chamam de visão modernista da religião, comprometida com o objetivo de harmonizar as crenças religiosas com as correntes intelectuais em desenvolvimento em um mundo iluminista dominado pela razão.<sup>62</sup>

Aqui buscou-se apresentar um breve resumo da Teologia Liberal e como suas ideias e visões de mundo serviram de fundamentação para o Movimento do Evangelho. Obviamente estas ideias estavam depositadas em pessoas, teólogos e pensadores liberais que influenciaram o cristianismo de uma maneira geral.

No próximo tópico, estaremos apresentando aqueles teólogos liberais que influenciaram Rauschenbusch e o Movimento do Evangelho Social

### **3.1.2 Teólogos liberais que exerceram influência direta no Evangelho Social**

É impossível examinar a história do liberalismo teológico sem envolver suas raízes filosóficas. Qualquer tentativa de entender a história do liberalismo teológico que não passe pelos nomes de Kant, Hegel, Schleiermacher e Ritschl (e mais tarde, Harnack, Ernst Troeltsch, entre outros) seria elaborar uma história incompleta do liberalismo. Várias tradições de idealismo filosófico deram ao liberalismo uma base intelectual e, em alguns casos, uma base teológica prática.

---

<sup>61</sup> DREHER, Martin N. **Para Entender o Fundamentalismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 73-74.

<sup>62</sup> EVANS, 2017, p. 14.

Ao fornecer uma base para acreditar na bondade da humanidade, a teologia liberal ousou afirmar que a busca pela justiça era baseada em algo mais do que a conversão individual, fornecendo subsídios para indivíduos e comunidades de fé trabalharem pela transformação do mundo.

Ao ver Deus como um ser ativo na história, o liberalismo desafiou as comunidades cristãs a repensar criticamente sua relação entre si e a sociedade como um todo. Contrariando aspectos da tradição cristã, o liberalismo ofereceu teologias que afirmavam a santidade da vida e a importância de trabalhar pela preservação da vida, incluindo os recursos do nosso planeta.

Ao refletir sobre as complexidades do mundo, especialmente em tempos de rápidas mudanças sociais, a teologia liberal afirmou que não havia respostas fáceis, apenas que o cristianismo, em suas formas históricas e modernas, era indispensável para a busca da verdade.

De maneira direta, sem entender o papel das várias tradições do idealismo filosófico (em particular, os legados de Kant, Schleiermacher e Hegel), o liberalismo como o conhecemos nunca teria surgido como uma tradição teológica.

Tal tradição moldou a Teologia do Evangelho Social. Rauschenbusch estimava a teologia alemã em um grau bastante elevado chegando a afirmar que os teólogos alemães merecem o nome e a honra de serem chamados de profetas. Ele ousa dizer que Friedrich Schleiermacher e Albrecht Ritschl são dignos de merecer o título de profetas.<sup>63</sup>

Adolf von Harnack é um dos autores mais citados nas obras de Rauschenbusch, as referências frequentes a ele, são mais do que notas de rodapé; são reconhecimentos de uma vasta dívida, com citações de seções inteiras de seus escritos.<sup>64</sup>

O que se discute neste tópico não é tanto a biografia destes excepcionais teólogos, mas parte do conjunto de ideias e formulações teológicas que contribuíram para o estabelecimento da Teologia do Evangelho Social.

Abaixo destacam-se três teólogos liberais com influência direta, que foram considerados com admiração por Walter Rauschenbusch, e que moldaram a Teologia

---

<sup>63</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter, 2019, p. 68.

<sup>64</sup> SMUCKER, 1994, p. 98.

do Evangelho Social. Vale a pena considerar suas vidas e sua teologia, não somente para o Evangelho Social, mas também por suas influências em toda a cristandade.

### 3.1.2.1 Friedrich Schleiermacher

A obra de Kant e Hegel deram o tom para as mudanças na reinterpretação da doutrina cristã na teologia alemã do século XIX. Ninguém incorporou essas mudanças mais do que Friedrich Schleiermacher. É impossível exagerar a importância de Schleiermacher para o desenvolvimento da teologia liberal (e da teologia cristã em geral) na Europa e na América do Norte. Juntamente com Hegel, ele foi um dos principais fundadores da Universidade de Berlim e, durante vários anos, ele capacitou não apenas indivíduos que mais tarde seriam identificados com a teologia liberal, mas também estudiosos mais ortodoxos que ajudaram a forjar na Alemanha movimentos emergentes em teologia, estudos e história da igreja.

Enquanto Schleiermacher abraçou a visão de Kant da razão como um meio para justificar a existência de Deus, assim como Hegel, ele procurou evitar uma visão estagnada de Deus, enfatizando o papel da revelação divina dentro da esfera da história humana.

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher nasceu na Prússia em 1768. Seu pai era um cristão pietista devoto, de crenças ortodoxas sólidas. Schleiermacher, seguindo a tradição reformada, foi educado em escolas morávias e luteranas. Apreciava a piedade e o estudo do latim, grego e hebraico dos morávios. No entanto, por causa da resistência destes em dialogar com as tendências da filosofia de sua época, acabou se separando deles. Em uma carta que escreveu à sua irmã Charlotte, anos mais tarde, expressou a consciência de sempre ter sido pietista, porém de uma ordem superior.<sup>65</sup>

Schleiermacher tornou-se ministro da Igreja Reformada, serviu como capelão em um hospital de Berlim e depois como catedrático de teologia e pastor da Universidade de Halle. Ordenado ao ministério em 1794, Schleiermacher foi presbítero em Berlim, onde começou sua relação com os círculos da filosofia

---

<sup>65</sup> OLSON, 2001, p. 571.

romântica. Ele foi um dos primeiros a lecionar na Universidade de Berlim, da qual é cofundador.<sup>66</sup>

Em Berlim pastoreou a grande e influente Igreja da Trindade. Esta igreja, por causa do reconhecimento que Schleiermacher obteve, chegava a abrigar entre mil a mil e quinhentas pessoas em seu culto principal, reunindo toda a nobreza e a alta sociedade alemã, além da assistência do próprio chanceler alemão, Otto von Bismarck, conhecido como o chanceler de ferro, o qual tinha admiração pessoal por seu pastor, Friedrich Schleiermacher.

Como dito, ele ajudou a fundar a Universidade de Berlim. Tornou-se deão da faculdade de teologia e conquistou a reputação de herói nacional, poderoso pregador e grande intelectual. Quando morreu, em 1834, o povo de Berlim foi para as ruas em luto, para ver a procissão fúnebre passar.<sup>67</sup>

Ferreira e Myatt fornecem um exemplo de como Schleiermacher impactou o movimento emergente da teologia liberal e como repensou as doutrinas cristãs clássicas, como a expiação, o pecado. Historicamente, a doutrina da expiação enfatizou principalmente várias teologias substitutivas.

Nesta visão, que se tornou proeminente no Cristianismo Ocidental na Idade Média, a morte de Cristo foi vista como uma forma de sacrifício redentor que salvou os humanos dos perigos biológicos do pecado original. Para Schleiermacher, a morte de Cristo não foi um meio de ser purificado ou de ser perdoado das dores do pecado, mas um meio de compreender e entender completamente a mente de Cristo, a fim de incorporar seus ensinamentos na igreja e no mundo.<sup>68</sup>

Schleiermacher é considerado a ponte entre Kant e Ritschl em sua grande influência sobre Rauschenbusch. Este cita com aprovação a afirmação de Otto Pfleiderer de que "a teologia protestante de nossa época repousa sobre o fundamento

---

<sup>66</sup> GONZÁLEZ, 2009, p. 574

<sup>67</sup> FERREIRA, Franklin. **Igreja Contemporânea: Friedrich Schleiermacher**. História da Igreja – Curso Fiel de Liderança. YouTube, 18 de março de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ytdlfb0kNqc&ab\\_channel=Minist%C3%A9rioFiel](https://www.youtube.com/watch?v=ytdlfb0kNqc&ab_channel=Minist%C3%A9rioFiel). Acesso em 28 de maio de 2023.

<sup>68</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007, pp. 93;591.

lançado por Schleiermacher; todos os teólogos, [...] buscam estabelecer conexões entre a personalidade religiosa do indivíduo e a consciência comum da igreja."<sup>69</sup>

Rauschenbusch aponta Schleiermacher como uma das mentes realmente criativas na história da teologia, "um homem que propôs novos problemas e aprofundou os antigos, fecundando os pensamentos até mesmo daqueles que nunca o conheceram".<sup>70</sup>

Ao refletir sobre aqueles que conhecem parcialmente sua teologia, Rauschenbusch se apoia em Ritschl ao afirmar que Schleiermacher não deveria ser conhecido principalmente por sua "visão subjetiva da religião"<sup>71</sup>, isto é, sua definição de religião, o sentimento absoluto de dependência de Deus em oposição ao intelectualismo seco do racionalismo iluminista.

Em vez disso, Schleiermacher deveria ser conhecido por seu conceito de solidariedade. Essa ênfase do conceito de solidariedade e serviço, bem como sua cristologia, parece ter influenciado muito a Rauschenbusch na formulação de sua Teologia do Evangelho Social.

Não obstante a grande influência de Schleiermacher no pensamento de Rauschenbusch, certamente a maior influência em sua produção literária, dá-se por conta do neokantiano Albrecht Ritschl, o que será detalhado no próximo tópico.

### 3.1.2.2 Albrecht Benjamin Ritschl (1822-1889)

Este teólogo luterano, nasceu em Berlim e foi professor de teologia em Bonn e Göttingen. Nesta universidade ensinou teologia sistemática nos últimos vinte e cinco anos de sua vida, tornando-se um intérprete mundialmente famoso da teologia protestante na era moderna. Ele deixou um legado que influenciou praticamente todas as tradições teológicas que surgiram no Ocidente desde o final do século XIX, seguiu a tradição de Schleiermacher enfatizando a importância da experiência religiosa no discernimento da verdade do cristianismo.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 151.

<sup>70</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 123.

<sup>71</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 124.

<sup>72</sup> EVANS, 2010, p. 51.

Ritschl, como Schleiermacher, abraçou também as ideias do neokantismo, e tal como esta escola de pensamento, propôs um retorno a uma racionalização da religião, aproximando os conceitos filosóficos de Kant, baseando a religião em valores morais. Para Olson, “se existe um teólogo cujo nome está mais estreitamente ligado à teologia protestante liberal, este é Albrecht Ritschl. Nas últimas décadas do século XIX, a teologia liberal foi frequentemente chamada Ritschlismo”.<sup>73</sup>

Seus estudos foram decisivos para a formação do pensamento do Evangelho Social, em fins do século XIX. A importância do nome de Ritschl para a teologia liberal é tamanha que Hägglund define seu trabalho como “uma teologia liberal, até certo ponto nova e original, [...] em fins do século XIX e nos primeiros anos de nosso século”<sup>74</sup>. Tal reconhecimento da importância deste teólogo também passa por Adolf von Harnack, o qual denominava Ritschl como o último dos pais da igreja<sup>75</sup>.

Segundo Hägglund, em oposição aos que diziam que o cristianismo tratava apenas da salvação comum em Cristo, Ritschl “ênfatizava que temos de lidar com duas ideias básicas dominantes: O cristianismo pode ser comparado a uma elipse que é controlada por dois focos”<sup>76</sup>. Complementado que o foco do cristianismo está tanto como o alvo ético comum, ou seja, no Reino de Deus, quanto com a salvação pessoal.

As considerações éticas e o compromisso com o social eram determinantes na teologia de Ritschl. Para ele, a função da religião é especialmente a de promover e trazer a existência o Reino de Deus – o destino do homem concebido em categorias éticas.

A dimensão intensamente ética do protestantismo liberal é particularmente evidente nos escritos de Albrecht Ritschl. É a partir de sua influência que surge na Europa um protestantismo mais sensível e empenhado na construção social. Para Camargo,

O maior mérito de Ritschl tem sido identificado como o de infundir nas pessoas uma grande confiança no amor de Deus na mesma medida que as levava a empenhar-se no labor de transformar toda a sociedade humana no Reino de Deus. [...] os ensinamentos de Ritschl estavam impregnados do ativismo e otimismo característicos do mundo ocidental do século XIX. Os estudantes ingleses e americanos que tiveram contato com as ideias de Ritschl levaram-

---

<sup>73</sup> OLSON, 2001, p. 562.

<sup>74</sup> HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 8ª Ed. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2016, p. 298.

<sup>75</sup> KLEIN, Carlos Jeremias. *Teologia e Modernidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 45.

<sup>76</sup> HÄGGLUND, 2016, p. 298.

nas de volta aos seus países, onde, especialmente nos EUA, iriam, mais tarde, contribuir de forma decisiva na origem do evangelho social.<sup>77</sup>

Para Ritschl, e para legiões de teólogos que o seguiram, a ética estava vinculada à doutrina do Reino de Deus. Para os liberais da tradição Ritschliana, o Reino de Deus não estava centrado em um fim apocalíptico da história, mas foi definido pela forma como os ensinamentos de Jesus incorporaram o poder de Deus na história. “Cristo era verdadeiramente uma revelação do que Deus é em amor, o modelo que o homem deve ser, o portador da autoridade moral de Deus sobre os homens e o fundador do Reino de Deus.”<sup>78</sup>

Ritschl deduz que a entrada de Jesus na história representou um momento significativo para Israel, pelo qual em seu ministério Jesus estava trazendo uma nova visão religiosa, uma que representava dramaticamente os preceitos de uma sociedade divina na terra, a incorporação do Reino de Deus. Esta definição foi absorvida por gerações de liberais e foi central na teologia do Evangelho Social.

Enquanto os teólogos influenciados por Ritschl, em especial Rauschenbusch, debatiam até que ponto as declarações de Jesus sobre o Reino deveriam ser interpretadas apocalípticamente, eles estavam unidos em uma insistência de que o significado primário da teologia de Jesus precisava ser entendido em termos das realidades históricas, sociais e concretas do primeiro século.

Rauschenbusch assimilou plenamente os conceitos sobre o Reino de Deus pretendidos por Ritschl e os aplicou de maneira quase integral aos conceitos do Evangelho Social. No livro *Escritos Essenciais*, Rauschenbusch comenta que a associação do Reino de Deus como uma interpretação apocalíptica ainda se mantinha popular ao longo do séculos XIX, porém, “um modelo alternativo para o reino de Deus emergiu da Alemanha e teve um forte impacto no desenvolvimento da teologia liberal. O arquiteto mais famoso desse ponto de vista foi o teólogo e historiador alemão, Albrecht Ritschl”<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> CAMARGO, 1988, p. 255.

<sup>78</sup> KLEIN, 2005, p. 45.

<sup>79</sup> EVANS, 2010, p. 51.

Ritschl gerou muitos seguidores e é um dos teólogos liberais mais ligados a Teologia do Evangelho Social. Entre os principais discípulos, encontra-se Adolf Harnack, que será melhor conhecido no tópico a seguir.

### 3.1.2.3 Adolf von Harnack (1851-1930)

Ele é considerado o mais importante discípulo de Albrecht Ritschl e notabilizou-se especialmente como historiador da igreja, dando ênfase maior à história do dogma. Considerado a maior autoridade da história da igreja em sua época, dominou esta área como ninguém e chegou a conhecer o vasto campo da patrística e da exegese como nenhum outro em seu tempo. Foi professor de história eclesiástica e teologia histórica da Universidade de Berlim, e um dos grandes intérpretes e responsáveis pela popularização da teologia protestante liberal. Segundo Olson, “de muitas maneiras foi sucessor de Schleiermacher e de Ritschl na liderança do movimento teológico liberal”<sup>80</sup>.

Sua obra mais conhecida, *Lehrbuch der Dogmengeschichte* (História do Dogma I-III, 1886-90, várias edições posteriores), extensa obra publicada em sete volumes, um monumento ao liberalismo teológico e o ápice de sua pesquisa histórica, considerava como primeiro princípio básico do cristianismo autêntico, o Reino de Deus como realidade presente no coração do ser humano<sup>81</sup>.

Harnack, como eminente teólogo, historiador e professor, contribuiu grandemente na formação teológica da juventude alemã. Foi considerado o príncipe dos historiadores. Praticamente todos os estudantes de teologia de seu tempo foram alunos de Harnack, por pelo menos um ano. E não só na Alemanha, mas também teólogos ingleses e americanos foram por ele influenciados.

Dentro do contexto do Evangelho Social, vemos que

A influência de Harnack chegou à América do Norte, no outro lado do oceano Atlântico, e ajudou a desenvolver uma escola de pensamento liberal chamada o Evangelho Social, cujo proponente principal era o teólogo batista Walter Rauschenbusch. [...], Mas seu primeiro amor foi o Evangelho Social. A mensagem de Harnack do “evangelho simples” de Jesus sobre o Reino de Deus na história também influenciou profundamente os profetas do Evangelho Social.<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> OLSON, 2001, p. 566.

<sup>81</sup> HÄGGLUND, 2016, p. 309.

<sup>82</sup> OLSON, 2001, p. 567.

Rauschenbusch ensinou as mesmas disciplinas que Adolf Harnack, na divisão alemã do Seminário Teológico de Rochester.

Para finalizar este tópico, pode-se dizer que estes grandes pensadores da religião, Schleiermacher, Ritschl e Harnack, não se destacaram apenas pela corrente de pensamento que acreditavam e defendiam. Eles foram pastores de igrejas, tinham seus públicos, tinham seus púlpitos. Viviam a vida comum cristã, pregavam, celebravam sacramentos, eram professores apaixonados pela Palavra. Foram atacados por suas convicções, mas as defenderam e a história tratou de registrá-las para que chegasse até nós.

Todos, sem exceção, centralizaram suas vidas em Cristo, confirmando à sua maneira, em suas doutrinas, a crença em Jesus Cristo. Acreditavam em um Deus imanente, próximo, um Deus pessoal que ama e está envolvido com as pessoas. Estes liberais eram pessoas com mentes abertas para contextualizar o evangelho no mundo, sem limitar a teologia nas questões em que a razão ofereceu opções interessantes o bastante para alargar as fronteiras da religião.

Não se dividiam entre as suposições de que as pessoas podem optar entre ser cristão ou ser moderno. Deixaram claro que devem ser ambas, na mesma proporção. Preconizavam que a verdade cristã confrontava a modernidade e a transformava. Porém, e isto é muito liberal, preconizavam ainda, que a modernidade, por sua vez também confronta o cristianismo e o transforma.

Por força de seu idealismo moral e sua insistência nos frutos práticos da religião, os liberais chamaram os cristãos de seu tempo à responsabilidade diante da maldade social. Entendemos que seu otimismo e sua ousadia eram o que mais motivavam os liberais. Eram pessoas que acreditavam em si mesmas, eram corajosas, não tinham temor em agir e, notadamente, não tinham pudor em apresentar uma teologia aliada à cultura e ao espírito de sua época, diferente dos padrões religiosos estabelecidos.

Estes liberais exerceram um profundo impacto na biografia de Rauschenbusch e ajudaram a moldar o seu pensamento e suas convicções, como detalharemos no tópico a seguir.

### 3.2 BREVE BIOGRAFIA DE WALTER RAUSCHENBUSCH

Apesar de importantes evangelistas sociais protagonizarem o Movimento do Evangelho Social, o foco deste trabalho tem sido o pastor batista Walter Rauschenbusch, reconhecidamente o maior líder do Movimento do Evangelho Social. Dentre as vozes batistas que falaram pela justiça social ao longo dos anos, poucas foram tão ouvidas quanto a dele. Ele é lembrado como o principal profeta do Evangelho Social no protestantismo americano, um pioneiro significativo no esforço de relacionar a fé cristã às difíceis questões socioeconômicas da sociedade industrial moderna.

Sua família simpatizava com a revolução liberal alemã de 1848. Ele e seu pai foram os primeiros historiadores americanos a associar-se com a ala progressista da Reforma. A revolução teológica liderada por Albrecht Ritschl na Europa alimentou uma rejeição da escola da ortodoxia tradicional. Com estes valores em mente, em 1886, aos vinte e cinco anos de idade, Rauschenbusch sentiu-se pronto para o pastorado no bairro de classe operária de imigrantes alemães, da cidade de Nova York, conhecido com o sinistro nome de Hell's Kitchen. Ele estava pronto para enfrentar os ácidos do industrialismo e do urbanismo massivo.<sup>83</sup>

As raízes familiares na revolução liberal alemã, sua mudança para Rochester, um dos redutos iniciais do liberalismo, e o forte impacto intelectual, religioso e social da cidade de Nova York foram decisivos para o desenvolvimento de Rauschenbusch como líder do Evangelho Social. De fato, era seu destino histórico estar em lugares onde vigorosas forças históricas estavam sendo desencadeadas.

De acordo com Smucker, a peregrinação pietista do pai de Rauschenbusch culminou em sua migração para a América em 1846 aos trinta anos de idade e sua entrada na igreja batista cerca de dez anos depois. Essa jornada de fé reflete a fase do *Zeitgeist* alemão em que o racionalismo iluminista estava em sério conflito tanto com a velha ortodoxia quanto com o novo pietismo. Depois de uma longa luta com a ortodoxia e o racionalismo, Augusto Rauschenbusch emergiu como um pietista convicto.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> SMUCKER, Donovan E. **The Origins of Walter Rauschenbusch's Social Ethics**. Montreal: McGill-Quenn's University Press, 1994. p. 3

<sup>84</sup> SMUCKER, 1994, p. 22.

O nome de Walter Rauschenbusch é sinônimo de Evangelho Social, e exerceu grande influência no protestantismo norte-americano no início do século XX, com o objetivo de mobilizar os cristãos americanos a trabalhar por uma sociedade mais justa para todos, especialmente para a população urbana e a classe operária. Ao longo dos anos, o evangelho social influenciou o pensamento e as obras de outros teólogos, entre eles, impactou o Reverendo Martin Luther King. Em seu artigo *My Pilgrimage to Nonviolence King* (Minha Peregrinação ao Rei da Não Violência) escreveu:

Somente quando entrei no Crozer Theological Seminary em 1948 é que comecei uma busca intelectual séria por um método para eliminar o mal social. Embora meu maior interesse fosse nos campos da teologia e da filosofia, eu passava muito tempo lendo as obras dos grandes filósofos sociais. Cheguei cedo ao Cristianismo e à Crise Social de Walter Rauschenbusch, que deixou uma marca indelével em meu pensamento, dando-me uma base teológica para a preocupação social que já havia crescido em mim como resultado de minhas primeiras experiências... Rauschenbusch havia feito um grande serviço para a Igreja Cristã ao insistir que o evangelho trata do homem todo, não apenas de sua alma, mas de seu corpo; não apenas seu bem-estar espiritual, mas também seu bem-estar material. Tenho convicção desde a leitura de Rauschenbusch de que qualquer religião que professa estar preocupada com as almas dos homens e não está preocupada com as condições sociais e econômicas que marcam a alma, é uma religião espiritualmente moribunda esperando apenas o dia para ser enterrada. Já foi bem dito: "Uma religião que termina com o indivíduo, acaba".<sup>85</sup> (Tradução nossa).

Rauschenbusch também causou um grande impacto sobre o influente teólogo Reinhold Niebuhr, que se considerava em dívida com este, ao construir sua visão sobre o mal sistemático. Niebuhr, teólogo e pastor, foi um crítico do liberalismo teológico americano e ferrenho opositor de Rauschenbusch, mas, curiosamente considerava o seu trabalho

---

<sup>85</sup> KING, JR. Martin Luther. *My Pilgrimage to Nonviolence King*. Stanford: Stanford University Press, 1958, p. 1. Original: *Not until I entered Crozer Theological Seminary in 1948, however, did I begin a serious intellectual quest for a method to eliminate social evil. Although my major interest was in the fields of theology and philosophy, I spent a great deal of time reading the works of the great social philosophers. I came early to Walter Rauschenbusch's Christianity and the Social Crisis, which left an indelible imprint on my thinking by giving me a theological basis for the social concern which had already grown up in me as a result of my early experiences [...] Rauschenbusch had done a great service for the Christian Church by insisting that the gospel deals with the whole man, not only his soul but his body; not only his spiritual well-being but his material well-being. It has been my conviction ever since reading Rauschenbusch that any religion which professes to be concerned about the souls of men and is not concerned about the social and economic conditions that scar the soul, is a spiritually moribund religion only waiting for the day to be buried. It well has been said: "A religion that ends with the individual, ends"*. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/king-papers/documents/my-pilgrimage-nonviolence>. Acesso em 10 de dez, 2022.

uma extensão e uma aplicação para nossos dias tanto do realismo social quanto da lealdade à fé cristã que caracterizou o pensamento e a vida de alguém [Rauschenbusch] que não foi apenas o verdadeiro fundador do cristianismo social neste país, mas também seu expoente mais brilhante<sup>86</sup>. (Tradução nossa).

Partindo de um oponente tão respeitado quanto Nieburh, isto é sem dúvida um importante reconhecimento da grandeza e do trabalho realizado por Rauschenbusch.

O espírito de luta e de profunda solidariedade eram marcas patentes nos líderes do Movimento do Evangelho Social. As experiências dos líderes do Movimento se repetem. Assim como Washington Gladden ficou ao lado dos trabalhadores na greve das fábricas de calçado em sua cidade, também a experiência da igreja de Nova York envolveu Rauschenbusch em uma greve, na qual ele se opôs à liderança anti-trabalhista do reverendo A.J. Behrends, que usou as sanções da Igreja contra os trabalhadores.<sup>87</sup>

Parece que a Igreja em cada época prefere manter-se ligada ao *status quo*; também, em cada época, são as vozes dissonantes dos evangelistas sociais, suas reinterpretações e ressignificações do evangelho que trazem solução para os marginalizados. O cristianismo autêntico baseado em amor e solidariedade nunca fica sem representação. Rauschenbusch ansiava por tempos melhores, ao ser indagado por sua posição nestes momentos, ele dia: “o que nós, [...] podemos fazer é aliviar a luta e acelerar a vitória do direito, dando fé e esperança aos que estão abatidos e estimulando o senso de justiça daqueles que estão no poder, para que não endureçam seus corações mantendo Israel em cativo, mas “deixa o povo ir”.<sup>88</sup>

Foi na Alemanha que Rauschenbusch experimentou a fase inicial e confiante do Ritschlianismo; nos Estados Unidos ele adentra nos mesmos ideais da influente fase da teologia liberal e sua preocupação social. Ele encara o liberalismo teológico como uma fé militante, agressiva e lutadora. Para um líder com uma compreensão firme do espírito dinâmico de seu tempo, nada se compara ao envolvimento direto nos

---

<sup>86</sup> NIEBURH, Reinhold. *An Interpretation of Christian Ethics*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2021. P. 7. Original: “An extension and an application to our own day of both the social realism and the loyalty to the Christian faith which characterized the thought and life of one [Rauschenbusch] who was not only the real founder of social Christianity in this country but also its most brilliant and generally satisfying exponent to the present day.”

<sup>87</sup> SMUCKER, 1994, p. 82.

<sup>88</sup> RAUSCHENBUSCH, 1908, p. 411.

principais centros de influência nos primórdios da instalação do Movimento do Evangelho Social. Rauschenbusch felizmente teve tal envolvimento, e quando sua experiência interagiu com suas convicções previamente adquiridas, ele foi capaz de dar ao Evangelho Social americano sua expressão definitiva.

Rauschenbusch ensinou história da igreja no Rochester Theological Seminary (agora Colgate Rochester Crozer Divinity School) e viajou por todo o país, chamando a atenção para a crise social instaurada nos Estados Unidos e defendendo a causa do Evangelho Social. Ele estava comprometido com a necessidade da experiência religiosa para transformar personalidades individuais e comprometido com o ativismo político para tornar as estruturas sociais mais igualitárias.<sup>89</sup>

Mais do que qualquer outra pessoa, Rauschenbusch capturou o espírito do Movimento do Evangelho Social, alertando seus contemporâneos para uma crise social percebida que se desenrolava nos Estados Unidos durante as primeiras décadas do século XX, exortando-os a aproveitar a grande oportunidade de progresso social. Seus contemporâneos o rotularam de vários modos, entre eles, historiador da igreja, socialista cristão, sociólogo e teólogo.

“Na realidade ele era principalmente um pastor cujo objetivo era nada menos que pregar pela conversão da América”.<sup>90</sup> Nenhum dos líderes sociais capturou melhor o *zeitgeist* do Evangelho Social do que ele, ninguém no protestantismo americano comunicou a mensagem do evangelho social com maior clareza, persuasão e paixão do que Rauschenbusch.<sup>91</sup>

Como parte deste espírito da época, seu zelo e energia e alta motivação, enquanto escrevia *Uma Teologia Para o Evangelho Social*, ele deixou registrado que “a literatura religiosa divulgando o evangelho social é notável por seu volume, por sua vitalidade e convicção. O fervor emocional das novas convicções criou orações e hinos de aspiração social, para os quais os novos hinários estão abrindo espaço.”<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> RAUSCHENBUSCH, 1908, p. 226.

<sup>90</sup> EVANS, 2004, p. xxv.

<sup>91</sup> SMUCKER, 1994, p. 82.

<sup>92</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 48.

Ele entendia que o discipulado cristão era alimentado não apenas pela teologia e pela doutrina, mas também pelos hinos e orações do povo, que articulavam “uma consciência de solidariedade mais rica do que a teologia individualista”<sup>93</sup>.

A inquietação que ele expressou com os Estados Unidos indo para a guerra contra a Alemanha, a terra natal de seus pais e muitas das pessoas a quem ele serviu em seu ministério pastoral, acabou resultando na queda de Rauschenbusch em desgraça, à medida que a Primeira Guerra Mundial avançava. Ele produziu a declaração definitiva da teologia do Evangelho Social, *Uma Teologia para o Evangelho Social* (1917) pouco antes de sua morte. Rauschenbusch não viveu para ver a Alemanha derrotada em 1918.

### **3.2.1 Exame da teologia de Rauschenbusch e escritos selecionados**

Rauschenbusch encontrou na Bíblia uma consistente teologia social reconstrutiva baseada no tema do reino de Deus. Em seu livro *Cristianismo e a Crise Social*, ele apresentou seu argumento, ao dizer que o estudo bíblico moderno estava abrindo os olhos para o que a Bíblia realmente dizia, à medida que esta passava por uma nova reinterpretação social. Ao interpretar Isaías 1:18, falando sobre o pecado nacional e a salvação, em seus escritos, ele afirmou que o profeta não falava de pecados pessoais que se tornariam brancos como a neve, mas falava de um novo começo disponível para a nação, se os pecados sociais fossem corrigidos.<sup>94</sup>

Os profetas, escreveu ele, não estavam interessados na moralidade privada de almas piedosas destacadas, mas na moralidade social da nação. Isto é reflexo do seu entendimento do pecado a partir de Schleiermacher e Ritschl. Para Schleiermacher a ideia do pecado como transgressão da lei divina foi rejeitada. “Schleiermacher não situava o pecado no campo da vontade, mas no dos sentimentos piedosos. Schleiermacher concebeu o pecado original em termos da pecaminosidade ou incapacidade de fazer o bem, comum à humanidade desde a sua origem.”<sup>95</sup> Em Ritschl, Rauschenbusch encontrou que este “considerava o pecado não como

---

<sup>93</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 53.

<sup>94</sup> RAUSCHENBUSCH, 1908, p. 11.

<sup>95</sup> HÄGGLUND, 2016, p. 283.

corrupção perante Deus, mas desvios isolados do bem, que resultam de conhecimento insuficiente do bem comum, que simultaneamente é o bem ético”<sup>96</sup>.

Rauschenbusch, com base em sua interpretação dos profetas e dos evangelhos, acreditava firmemente que o Reino de Deus em sua regeneração progressiva na história é que conduziria a nação a uma ética social cristã, com ações que mudariam o panorama da sociedade de seu tempo.

Para ele, os evangelhos, principalmente os sinóticos, eram parte integrante do Evangelho Social. São os evangelhos que estabelecem os ensinamentos proféticos de Jesus como fundamento para a melhoria da sociedade. Um ensinamento fundamental de Jesus, de suma importância para os seguidores do Evangelho Social e demais seguimentos cristãos que defendiam uma reforma social, foi a Regra de Ouro, citada em Mt 7.12: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”.<sup>97</sup>

Rauschenbusch identificou-se com esse conceito; primeiramente viu sua aplicação nas obras de Washington Gladden, porém, levou essa visão mais longe do que este em sua proposta de regulamentação do estado, ao propor um realinhamento das condições sociais, em vez de confiar apenas na Regra de Ouro. Segundo Scott,

À medida que Rauschenbusch começou a deixar de focar apenas na salvação de almas individuais e no pré-milenismo que muitos evangélicos haviam adotado, ele começou a defender um realinhamento radical da sociedade e da cultura americana por meio do socialismo político cristão. Ele adotou uma posição mais pós-milenista e começou a dar mais atenção à introdução do reino de Deus.<sup>98</sup>

Camargo conclui com base neste realinhamento que “todo o encadeamento histórico, as movimentações sociais, os seus primórdios e a grande ebulição social que o movimento causou nos meios teológicos, tem seu ápice em Rauschenbusch”<sup>99</sup>. Como citado, ele vinha mudando sua visão e seu ensinamento. Ele mesmo diz: “Precisei repensar todos os meus estudos bíblicos. [...] as pessoas não quiseram escutar minha

---

<sup>96</sup> HÄGGLUND, 2016, p. 298.

<sup>97</sup> BÍBLIA SAGRADA, NOVA VERSÃO INTERNACIONAL: Antigo e Novo Testamento. Português. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

<sup>98</sup> SCOTT, Graeme N. The Social Gospel and Liberation Theology. 2014. 38 f. THEO 10006 - Dissertation. Scottish Baptist College. Paisley, 2014, p. 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/9118717/The\\_Social\\_Gospel\\_and\\_Liberation\\_Theology](https://www.academia.edu/9118717/The_Social_Gospel_and_Liberation_Theology). Acesso em 09 dez 2022.

<sup>99</sup> CAMARGO, 1988, p.258

mensagem”.<sup>100</sup> Rapidamente Rauschenbusch, por sua intensa dedicação à causa do Evangelho Social, converte-se em seu principal teólogo. Começa a insistir em suas pregações para que seja feita cuidadosa releitura da Bíblia e aplicação de seus ensinamentos aos pobres e oprimidos. Em sua Teologia do Evangelho Social, volta a afirmar que o reino de Deus é a mensagem central de Jesus. Neste contexto comenta Minus,

quando chamado a escrever uma série de lições da escola dominical de dois anos para publicação a partir de 1888, ele começou a refletir sobre as implicações sociais da mensagem de Cristo. Ele supostamente evitou comentários bíblicos ao escrever as lições porque “eles estavam imersos na velha ortodoxia e pareciam irrelevantes para as questões contemporâneas”. A partir de 1889, ele pregou ocasionalmente à sua congregação sobre o tema da “salvação da sociedade”.<sup>101</sup>

Entende-se que o Evangelho Social não era para Rauschenbusch algo novo, mas algo autêntico. Estava baseado no conceito da igreja primitiva, conforme visto em Atos 4:32-35. A atitude de viver em comunidade e compartilhar uns com os outros é considerada o Evangelho Social em ação. Desse modo, o Evangelho Social pode ser visto como um retorno à tradição cristã do primeiro século, e não uma inovação do século XIX, sem consonância com a velha interpretação ortodoxa.

Quanto a estas velhas interpretações da ortodoxia tradicional, Rauschenbusch vai afirmar que “o Evangelho Social não tem qualquer contribuição a fazer. Seu interesse permanece na terra, com as relações sociais da vida que acontece agora”<sup>102</sup>. Deste modo, ele inicia uma guinada teológica ao reinterpretar doutrinas capitais da tradição evangélica.

O Evangelho Social reflete convicções teológicas particulares. Uma delas é o pecado original. O teólogo de Rochester estava menos interessado em falar sobre a capacidade humana de pecar, enfatizando, em vez disso, o potencial humano para vencer o pecado. Em sua teologia a consciência do pecado não é diminuída, porém, a ênfase é deslocada para diferentes conceitos de pecado: a atenção é concentrada em questões de moralidade pública, em erros cometidos por classes inteiras, em pecados que submergem cidades inteiras. Assim, “o pecado é essencialmente egoísmo, esta definição está em mais consonância com o Evangelho Social do que

---

<sup>100</sup> RAUSCHENBUSCH, 1947, p. 21.

<sup>101</sup> MINUS, Paul. **Walter Rauschenbusch: American Reformer**. New York: Macmillan, 1988, p. 17.

<sup>102</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 73.

com qualquer outro tipo de religião individualista. A mente pecaminosa, então, é uma mente associal e uma mente antissocial”<sup>103</sup>.

Adolf Harnack afirmava que a maioria das doutrinas cristãs, entre elas a do pecado, era invenção dos Pais da Igreja. Seguindo a mesma trilha, Rauschenbusch afirma que o pecado original tem sua origem, não no evangelho, mas é uma construção dos Pais da Igreja, os quais se centraram no indivíduo em vez de olhar para o quadro mais amplo. Seu argumento para isso é dado em Cristianismo e a Crise Social, onde ele afirma: “as igrejas cristãs primitivas não eram tanto organizações eclesiásticas quanto comunidades fraternas. [...] Suas refeições comuns expressavam e criavam solidariedade social”.<sup>104</sup> (Tradução nossa).

Portanto, esta construção dos Pais da Igreja resultou em um olhar exclusivo ao indivíduo, no que respeita a salvação, em vez de olhar para a comunidade de crentes como grupo coletivo. A Igreja tornou-se uma ferramenta do Estado para controlar as massas através do ensino da fé. O pecado tornou-se um assunto egoisticamente pessoal. Era o indivíduo que era o pecador e que falhara em viver de acordo com os ensinamentos morais de Jesus.

O que a igreja parecia não levar em conta em sua abordagem é que seu foco estava na moralidade religiosa em torno de si mesma; para o Evangelho Social, a ênfase deve estar na comunidade e não no indivíduo. Para Rauschenbusch isto representava um desprezo aos valores cristãos, pois, de modo reverso, “os serviços prestados à Igreja tem valor religioso mais elevado do que os serviços prestados à comunidade”<sup>105</sup>.

Uma tremenda inversão de valores: a Igreja não veio para servir, mas para ser servida. Tudo ao contrário, pois na verdade a igreja existe para o Reino, e não o Reino para a igreja. Para contornar esta inversão de valores, a contribuição distintiva do Evangelho Social foi trazer um novo entendimento consoante ao pecado e a salvação, não apenas em termos de indivíduo, mas de estabelecer uma comunidade de retidão aqui e agora organizada sob os auspícios do Reino de Deus.

---

<sup>103</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 89.

<sup>104</sup> RAUSCHENBUSCH, 1926, p. 141. Original: “The primitive Christian churches were not ecclesiastical organizations so much as fraternal communities. [...] Their common meals expressed and created social solidarity”.

<sup>105</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 159.

Para tanto, Rauschenbusch ofereceu sugestões para uma formulação teológica do Reino de Deus. Primeiro, ele não aceitava que os aspectos religiosos, políticos ou sociais deviam estar separados da vida comum da igreja, tampouco estas coisas deviam estar dissociadas do reino de Deus. Tudo isto deveria confluir para um mesmo objetivo. Ele reitera que

O Reino de Deus tinha como objetivo não só levar os indivíduos ao céu, mas também, transformar a vida na terra em harmonia com os céus. As igrejas comprometidas com o Reino são o veículo para esta transformação. O Reino de Deus é uma concepção coletiva, envolve toda a vida social humana, não é um assunto de salvação de almas humanas, mas a salvação de um organismo social.<sup>106</sup>

Considerando o envolvimento de todo o tecido social, Rauschenbusch conclui que o Reino de Deus é a humanidade organizada de acordo com a vontade de Deus, existindo agora e no futuro. Uma vez que o Reino é de Deus e Deus está sempre nele, o Reino está sempre presente. Na realidade o Reino de Deus está sempre chegando, sempre pressionando o presente, sempre repleto de possibilidades e sempre convidando à ação imediata.<sup>107</sup> Quando falta a consciência do Reino de Deus, então há uma insensibilidade correspondente aos pecados sociais e públicos que frustram o Reino. Portanto, o objetivo fundamental da teologia do Evangelho Social é a restauração da doutrina do reino de Deus ao seu lugar primário. “A doutrina do Reino de Deus, [...] é em si mesma, o Evangelho Social”.<sup>108</sup>

### 3.2.2 Cristianismo e a Crise Social

Considerando que a pesquisa trata de Rauschenbusch e sua Teologia Para o Evangelho Social, este tópico apresenta um breve comentário sobre dois trabalhos imprescindíveis para o entendimento do pensamento da Teologia do Evangelho Social. Dois livros que foram marcadores de uma época. Os livros são: *Christianity and the Social Crisis* (1908) e *Uma Teologia para o Evangelho Social* (1917).

Rauschenbusch é certamente o proponente mais influente do movimento do Evangelho Social na América do Norte. Seu livro, *Christianity and the Social Crisis*, foi amplamente discutido tanto na esfera privada quanto publicamente. Nele,

<sup>106</sup> RAUSCHENBUSCH, 1947, p. 17.

<sup>107</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 162-164.

<sup>108</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 155.

Rauschenbusch afirmou que o cristianismo do início do século XX enfrentava um momento de imensa crise social, e havia perdido contato com seu foco ético na mudança radical da sociedade. Para ele, cristianizar a América significava trazer a sociedade em harmonia com as convicções éticas de Jesus, de uma forma que criaria uma ordem social justa.<sup>109</sup>

A mensagem radical de *O Cristianismo e a Crise Social* é de difícil avaliação nos dias atuais, porque sua crítica se tornou intrínseca à voz do cristianismo de fins do século XIX. Mas é possível medir seu impacto e relevância pela extraordinária resposta ao lançamento do livro em 1907. O livro foi amplamente lido e teve seis edições em dois anos. A paixão e a clareza da escrita de Rauschenbusch capturaram a imaginação dos cristãos protestantes na América.

O livro *Cristianismo e a Crise Social* articulou o que muitos clérigos queriam dizer e impulsionou a mensagem do Evangelho Social das sombras para uma ampla visibilidade. Nos três anos seguintes, foi o livro religioso mais vendido depois da Bíblia, vendendo cinquenta mil cópias em suas primeiras impressões.<sup>110</sup>

Após um ano sabático na Alemanha, Rauschenbusch é surpreendido ao saber que seu livro o havia tornado uma figura de renome nacional. A genialidade do livro foi a maneira como ele vinculou uma visão teológica de justiça social a uma crise social vividamente descrita e desafiou seu público a agir em nome das pessoas oprimidas.<sup>111</sup> O livro representou uma oportunidade nacional para a disseminação do Evangelho Social. Com o sucesso, ele falou em fóruns e igrejas em todo o país, dentro e fora de sua denominação, seja na Convenção Nacional Batista do Norte, ou na Sinagoga Livre de Nova York, ou no *Fisk College* (escola para negros), no Tennessee.

A obra *Cristianismo e a Crise Social*, inspirou diversas denominações a incorporar compromissos de justiça social em suas declarações de fé, incluindo o Conselho Federal de Igrejas, atual Conselho Nacional de Igrejas, fundado um ano após o lançamento do livro. O novo entusiasmo da Igreja pelo reino de Deus impulsionou muitos dos movimentos de reforma que varreram a nação no século XX, incluindo a luta por leis de trabalho infantil, compensação do trabalho com pelo menos

---

<sup>109</sup> RAUSCHENBUSCH, 1908, p. vii-viii.

<sup>110</sup> RAUSCHENBUSCH, Walter; CAMPOLO, Tony. **Christianity and the Social Crisis in the 21st Century: The Classic That Woke Up the Church**. San Francisco: HarperOne, 2008, p. viii.

<sup>111</sup> EVANS, 2004, p. 187.

um salário-mínimo, o *New Deal* de Franklin Roosevelt, a Grande Sociedade e o movimento dos direitos civis.

O livro continuou dando frutos durante todo o século XX, nos anos 1960, Martin Luther King Jr. escreveu: “No início dos anos 50, li *O Cristianismo e a Crise Social* de Walter Rauschenbusch, um livro que deixou impressa uma marca indelével em meu pensamento (tradução nossa).”<sup>112</sup>

‘*O Cristianismo e a Crise Social*’ foi um chamado para despertar o público cristão para abraçar uma missão social, para atender aos pecados sociais, bem como aos pecados individuais, para buscar a salvação social, sem descartar a salvação individual. Os princípios éticos que ele derivou da vida de Jesus foram a valorização da personalidade humana, a solidariedade da família e a obrigação de defender todas as pessoas fragilizadas, cuja vida é prejudicada e é negada seu lugar na humanidade

Rauschenbusch, sendo pastor, voltou-se naturalmente para a Bíblia na busca de soluções sobre a dura realidade com a qual foi confrontado. *O Cristianismo e a Crise Social* foi o resultado de suas descobertas e sua interpretação. Com sua nova visão concedida pelos pobres de sua igreja, ele viu o Reino de Deus como peça central do ensino de Jesus e a esperança de seu ministério terreno.

“Em vez de uma sociedade baseada na coerção, exploração e desigualdade, Jesus desejava fundar uma sociedade baseada no amor, serviço e igualdade”.<sup>113</sup> O autor estava convencido de que o Reino de Deus não era uma visão apocalíptica que poderia ser adiada passivamente, mas um chamado profético para a transformação da sociedade aqui e agora.

### **3.2.3 Uma Teologia Para o Evangelho Social**

James McClendon é um teólogo sistemático americano que em sua pesquisa busca avaliar a cultura americana na igreja e na sociedade à luz do evangelho de Jesus Cristo. Ele reconhece Rauschenbusch como o evangelista social de maior influência no pensamento americano, pois “sozinho alcançou estatura cosmopolita - e

---

<sup>112</sup> RAUSCHENBUSCH; CAMPOLO, 2008, p. 10. Original: “In the early 50’s I read Walter Rauschenbusch’s *Christianity and the Social Crisis*, a book which left an indelible imprint on my thinking.”

<sup>113</sup> RAUSCHENBUSCH; CAMPOLO, p. 9.

significativamente, seu ponto de partida foi a ética”<sup>114</sup>. Ao comentar sobre o livro ‘*A Theology for the Social Gospel*’, ele afirma tratar-se de um livro vivo, pois combate o mal concreto. Infelizmente, esse mal persiste; muitas das páginas de Rauschenbusch podem ter sido escritas ontem.<sup>115</sup>

A proposta de ‘Uma Teologia Para o Evangelho Social’, é simples e direta, descrita já na primeira linha do livro: “Temos um Evangelho Social. Necessitamos de uma teologia sistemática suficientemente ampla para se equiparar a ele e suficientemente vital para apoiá-lo”.<sup>116</sup> O livro nasce de um entendimento de que o trabalho do Evangelho Social, que estava em curso, deveria ter uma teologia que justificasse tecnicamente o que já estava acontecendo na prática. Mas também tinha como meta revitalizar a teologia tal como vinha sendo praticada.

Os três primeiros capítulos defendem um reajuste e expansão da teologia para fornecer uma base intelectual sólida para o evangelho social. Os pressupostos da obra são totalmente voltados para o Evangelho Social. Nos demais capítulos, Rauschenbusch, tenta mostrar como as principais doutrinas cristãs podem ser expandidas e reajustadas para incorporar ideias centrais ao evangelho social e busca relacioná-lo com a expressão teológica da religião cristã, com o fim de rejuvenescê-la. Ao tratar de forma eletiva algumas doutrinas comuns à teologia sistemática, tais como: a queda, salvação e expiação, escatologia e o reino de Deus, não sem oposição, consegue desta maneira, dar ao Evangelho Social um lugar, uma cadeira na casa da teologia cristã.

Rauschenbusch acredita que uma teologia focada no Reino de Deus pode corrigir os desvios da doutrina ortodoxa focada na salvação e no pecado individual. Ele demonstra nos capítulos 12 ao e 14, que a doutrina do Reino de Deus é o centro de Uma Teologia do Evangelho Social. Para ele o Reino de Deus abrange todas as esferas da vida humana e é continuamente progressista, nunca para de evoluir.

Seguindo a ideia de corrigir desvios ortodoxos, no capítulo 15, ele segue o espírito da Reforma ao libertar a humanidade de conceitos errados de Deus. Ele diz que “o valor da Reforma Protestante deveria ser reafirmado [...]. Lutero banuiu a ideia

---

<sup>114</sup> CLENDON, James W. Mc. *Systematic Theology*. Vol. 1 – Ethics. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 10.

<sup>115</sup> CLENDON, James W. Mc. *Systematic Theology*. Vol. 2 – Doctrine. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 57-58.

<sup>116</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 47.

de “mérito” da teologia. Somente Cristo teve mérito. Os indivíduos não precisam conquistar méritos. Isto encerrou o sistema de contrato de trabalho na religião”<sup>117</sup>.

Em seu capítulo final, Rauschenbusch interpreta a doutrina da Expição à luz de dois princípios modernos: personalidade e solidariedade. Ele substitui a Doutrina da Expição como “uma teoria de imputação legal” por uma em favor de “uma concepção de solidariedade espiritual”<sup>118</sup>. Nenhum dos conceitos teológicos de Rauschenbusch é tão rejeitado como este. De fato, este conceito não encontrou aprovação em seu tempo e não encontra até hoje aprovação mesmo por parte das pessoas que nutrem admiração pela teologia do Evangelho Social. Por causa deste conceito, entre as duras críticas que recebeu, as mais contundentes vieram de Augustus Hopkins Strong, seu mais ilustre mentor, como veremos abaixo.

Rauschenbusch terminou seu último livro cerca de oito meses antes de sua morte. O livro recebeu críticas favoráveis de liberais, porém, como antecipado, Augustus Hopkins Strong – teólogo sistemático, professor e presidente do Colgate Rochester Crozer Divinity School, e autor da mais famosa Teologia Sistemática entre os batistas<sup>119</sup> – principal mentor de Rauschenbusch, e a quem este dedicou o livro, criticou duramente sua teologia. Assim escreve Strong:

Sua teologia é de amor, mas não de justiça como a de Paulo.... Ao procurar fazer uma nova aplicação do cristianismo, você não está deixando de fora o único cristianismo que temos de aplicar? Você não está substituindo o Cristianismo por um substituto feito pelo homem, que não fornece nem explicação do pecado universal do homem nem dinâmica para curá-lo?<sup>120</sup> (Tradução nossa).

Segundo Evans, Strong teria implorado a Walter Rauschenbusch a que escrevesse em seu próximo livro e mostrasse mais claramente, citando a epístola de Judas, que ele ainda mantinha a fé uma vez entregue aos santos. Muitos pastores e teólogos mais conservadores manifestaram seu repúdio pela nova teologia do Evangelho Social, da mesma maneira que repudiavam a teologia liberal.

<sup>117</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 190-192.

<sup>118</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 258.

<sup>119</sup> EVANS, 2004, p. 33-34.

<sup>120</sup> EVANS, 2004, p. 299. Original: *Your theology is one of love, but not of righteousness like that of Paul.... In seeking to make a new application of Christianity, are you not leaving out the only Christianity we have to apply? Are you not replacing Christianity by a man-made substitute, which furnishes neither explanation of man's universal sin nor dynamic whereby to cure it?*

Independente das críticas o livro teve uma boa receptividade, mas não teve a aceitação retumbante, nem o peso e a influência de Cristianismo e a Crise Social. O livro não está dotado de grandes metáforas vívidas, nem de sentenças cortantes ou de citações apaixonadas de seus livros anteriores. O que existe é uma maior originalidade de pensamento. Uma Teologia Para o evangelho Social é o seu último trabalho, representa o pensamento maduro e uma façanha intelectual para a qual trinta anos de prática o precederam. Também foi sua afirmação segura sobre o que era para ele a Teologia do Evangelho Social e um legado para as próximas gerações de evangelistas, ativistas e pessoas apaixonados pelas causas sociais.

É da vida de Rauschenbusch e a defesa de valores cristãos que não estavam sendo aplicados à ordem social, que surge a Teologia do Evangelho Social e uma nova maneira de se entender o Reino de Deus e seu papel na sociedade. Um Reino presente, vivo e atuante. O próximo capítulo vai tratar de aproximar a Teologia do Evangelho Social e sua visão do Reino de Deus com a Teologia Bíblica.

## **4 O REINO DE DEUS: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA BÍBLICA E APROXIMAÇÕES COM A TEOLOGIA DO EVANGELHO SOCIAL**

No que se refere aos aspectos e conceitos diversos sobre o Reino de Deus, propõe-se incluir algumas considerações sobre o Sermão do Monte, expressos em Mateus capítulos cinco ao sete, dando-se principal destaque às bem-aventuranças. As considerações serão desenvolvidas limitando-se ao texto de Mateus 5:3-10, objetivando relacionar as bem-aventuranças e a solidariedade de Jesus como proposta de humanização, restauração da dignidade e elevação do ser humano em uma espécie de chegada ou inauguração antecipada do Reino de Deus, pois, segundo Carson, “o magnífico tema desses três capítulos é o Reino do céu. [...] O Reino do céu é, portanto, o tema principal do Sermão do Monte”<sup>121</sup>.

Estas considerações são de caráter seletivo, configuradas pelas perspectivas baseadas nas experiências relacionais de Jesus Cristo com o seu público, evidenciando a intencionalidade e a funcionalidade dos textos, buscando conciliar, por meio da abordagem socioliterária, o texto proposto ao aspecto histórico-social de seus respectivos públicos originais.

A análise em si, pretende, a partir de uma exegese resumida do texto, entrever aspectos das bem-aventuranças que se imbricam com a perspectiva social, ressaltando descobertas que permitam estabelecer a relação entre o Evangelho Social e a função social do Reino de Deus contida nestas bem-aventuranças. Para tanto será observado como Jesus, no contexto do Sermão do Monte como discurso inaugural do Reino de Deus, em uma postura humanizadora e inclusiva, acolhe, atende, se interessa pelas pessoas e dá a elas esperança e elevação.

Após a análise do texto, vamos conhecer alguns aspectos sobre o Reino de Deus, sua centralidade na pregação de Jesus e os principais conceitos da teologia bíblica. A partir disto, busca-se estabelecer um diálogo entre as ideias dos teólogos bíblicos sobre o Reino de Deus e a proposta do Evangelho Social. Por fim, de acordo como os autores elencados lidam com o tema do Reino, relacionar estes conhecimentos frente ao entendimento da Teologia do Evangelho Social.

---

<sup>121</sup> CARSON, D. A. O Sermão do Monte: Exposição de Mateus 5-7. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 12,16.

#### 4.1 ORGANIZAÇÃO LITERÁRIA DAS PERÍCOPEAS COMO RESPOSTA ÀS DEMANDAS SOCIAIS

A abordagem ao texto de Mateus 5.3-10, se dará por meio da análise socioliterária, entendendo-se que, por meio deste método de aproximação ao texto, pode-se conseguir um melhor alinhamento com a ideia proposta para este trabalho. Sobre este tipo de abordagem, Ched Myers, em seu excelente comentário sobre O Evangelho de Marcos, define que:

Um método socioliterário estipula que a narrativa evangélica deve ser interpretada toda, não em partes isoladas. Se a longa tarefa, porém, consiste em recuperar a Bíblia libertadora, precisamos apresentar comentário sistemático sobre os textos na sua inteireza, e não apenas sobre os que parecem à primeira vista favorecer uma leitura política! [...] não tanto um comentário versículo por versículo, mas antes uma exposição “episódio por episódio”, estudando o sentido de cada unidade literária e sua relação com as outras unidades [...].<sup>122</sup>

Assim, buscaremos discorrer o episódio das bem-aventuranças, utilizando os recursos de tal abordagem como meio para captar e harmonizar as diversas propriedades linguísticas em seu aspecto sociológico. Sobre a utilização da análise literária como meio de acesso ao texto, Abreu faz a seguinte declaração,

Sendo a literatura uma linguagem complexa e, não obstante distinta, a análise literária pode nos orientar no acesso a uma realidade do passado, quanto às operações da linguagem no texto e, [...] na eficiência da comunicação de sua mensagem no condicionamento de seu tempo e lugar. A forma da expressão linguística é condicionada pela situação. Estabelecem-se, por exemplo, as formas gerais de contato para uma conversação, as cartas se escrevem segundo determinado modelo, [...] se redigem segundo determinado esquema. Tais esquemas permitem obter certas conclusões acerca do contexto sociocultural dos textos.<sup>123</sup>

É na identificação destes contextos que se ampliam o entendimento destes esquemas literários. O Novo Testamento compõe uma coleção de diversos gêneros literários, entre eles os apocalípticos e os evangelhos. Estes formam um gênero único na literatura. “Moule, falando sobre o Evangelho de Marcos, afirma: Ele não possui paralelo verdadeiro que o tenha precedido. É o primeiro exemplo existente de um novo

<sup>122</sup> MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulus, 2021. P. 18-19.

<sup>123</sup> ABREU, Vitor. Estudo Literário Do Novo Testamento: Gêneros Literários nos Contextos do Cristianismo Primitivo. **Revista Jesus Histórico e sua Recepção**. Rio de Janeiro, 08 nov. 2012, p. 66. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos8/artigo-vitor.pdf>. Acesso em: 04 abril de 2023.

gênero literário. Aquilo que temos aprendido a denominar como evangelho”.<sup>124</sup> Sendo o evangelho de Marcos uma das principais fontes de Mateus, a mesma aplicação pode ser feita a este evangelho.

O método de interpretação conhecido como crítica das formas ou crítica formal, o qual Martin Dibelius foi um dos principais proponentes, identificou esta característica única do evangelho, uma criação original do cristianismo. Para Dibelius, quem estudar a história das formas evangélicas, encontrar-se-á diante de um “fenômeno sem precedentes da primitiva literatura cristã, os evangelhos sinóticos. [...] o caráter literário destes escritos revela elementos que os distinguem de todos os outros escritos cristão primitivos”.<sup>125</sup> O gênero literário dos evangelhos é único em si mesmo.

Ao dedicarmos atenção especial aos textos, a partir das premissas da crítica formal, ampliaremos a visão que temos dos evangelhos. A crítica formal, segundo entendimento de Scroggs:

Era o estudo de certas formas estilizadas pelas quais os fiéis primitivos expressavam seu ponto de vista a respeito da significância de Jesus (em parte com base na memória). Assim, as formas representavam uma forma primitiva da expressão dos fiéis. [...] Foram transmitidas oralmente por “profetas” (que não faziam parte da elite). Foram aceitas pelos ouvintes e tornaram-se parte de sua fé. Na medida em que podemos reunir opiniões semelhantes a respeito de Jesus a partir dessa fonte, temos indícios tão bons quanto é possível ter da opinião das comunidades primitivas que acreditavam em Jesus. De fato, a análise dessas tradições orais pode servir de acesso às descrições sociológicas das comunidades primitivas.<sup>126</sup>

Dentre os autores pesquisados neste trabalho, Gottwald, Theissen e Scroggs, apoiaram suas premissas na teoria das formas. Gerd Theissen, que tem uma extensa visão sociológica do evangelho, tema principal de suas pesquisas, explica que nos evangelhos, principalmente nos sinóticos, encontram-se as mesmas formas e gêneros, temas e motivos, “Jesus aparece em todos os sinóticos como pregador escatológico, o qual em palavra e ação, em parábolas e milagres, anuncia e representa o iminente Reino de Deus como uma dádiva aos pobres e pecadores”<sup>127</sup>.

<sup>124</sup> ZABATIERO, Júlio. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 24.

<sup>125</sup> DIBELIUS, Martín. **La Historia de las Formas Evangélicas**. Valencia: Edicep, 1984, p. 14.

<sup>126</sup> SCROGGS, Robin. **O Jesus do Povo: Trajetórias no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 17.

<sup>127</sup> THEISSEN, Gerd. **O Jesus Histórico – Um manual**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 45.

Buscar no seguimento desta pesquisa, com o auxílio do método histórico crítico, um entendimento sociológico da Bíblia ou apresentá-la como literatura, não desconsidera o seu caráter sagrado. O uso do método histórico-crítico<sup>128</sup> parte da análise histórica e literária da Bíblia, buscando estabelecer as origens do texto, fazendo comparações com outros documentos do mesmo período, para verificar se os eventos e transformações históricas ali narrados ocorreram como são descritos<sup>129</sup>. Neste aspecto concorda Flávio Schmitt, pois “o método histórico crítico tem na sua origem a influência de um contexto histórico em transformação”<sup>130</sup>. Ainda sobre a preferência pelo método histórico-crítico, Schmitt justifica, dizendo que

para além de paixões e genitivos, o método histórico-crítico é um convite à reflexão, ao discernimento do que humanamente é possível conceber em termos de interpretação, compreensão e sentido da vida, e dos textos bíblicos que lhe dão sustentação.<sup>131</sup>

Complementando o exposto, Gonzaga alia ao método histórico-crítico o aspecto bíblico teológico, e transcreve a importante advertência do Papa Bento XVI, contida na *Verbum Domini*, n. 34: “Somente quando se observam os dois níveis metodológicos, histórico-crítico e teológico, é que se pode falar de uma exegese teológica, de uma exegese adequada a este Livro.” Gonzaga destaca ainda que, “o panorama dos métodos exegéticos atuais, inclusive o método histórico-crítico, com suas possibilidades e limites, [...]deve procurar compreender os Livros Sagrados, a partir de sua própria realidade e dos métodos científicos disponíveis, das Ciências Bíblicas e Teológicas”.<sup>132</sup>

Assim, partindo-se do método histórico-crítico, compreende-se que a abordagem socioliterária investiga os contatos entre os textos e o comportamento humano; investiga o comportamento dos que creem, transmitem, interpretam e

<sup>128</sup> O método histórico-crítico é um método por pressupor que para chegar ao entendimento de algo é preciso seguir por um caminho. É através de um método, no procedimento próprio da ciência, que a verificação histórico-crítica revela toda a sua cientificidade. Ao fazer do texto um objeto de investigação, o método histórico-crítico recorre ao método para compreendê-lo. *In*: SCHMITT, Flávio. **Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva**. Estudos Teológicos. São Leopoldo, v. 59, n. 02, p. 330, jul./dez. 2019.

<sup>129</sup> GOTTWALD, Norman R. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 23.

<sup>130</sup> SCHMITT, 2019, p. 328.

<sup>131</sup> SCHMITT, 2019, p. 326.

<sup>132</sup> GONZAGA, Waldecir; RESENDE, J. F. S. Teologias Bíblicas e Pastoral e o Influxo na Vida Eclesial. **AD Aeternum** – Revista de Teologia – Nº. 3, 2022, p. 26-50. Disponível em: <https://doi.org/10.60543/aa.v1i3.8030>. Acesso em 30 junho de 2023.

recebem os textos. A questão socioliterária é parte integrante do princípio da investigação histórico-crítica. Sobre isto, são muito adequadas as seguintes palavras de Wegner,

A leitura sociológica tem por objetivo tirar a fé de suas amarras intimistas, individualizantes e meramente espiritualizantes. A vida do povo se decide no prato cheio ou vazio sobre a mesa, no emprego ou desemprego [...], na terra para plantar, no salário arrojado ou não, no teto para morar, no dinheiro para poder cuidar da saúde [...] a Leitura Sociológica [...] parte do entendimento que Deus não está aquém de nossa realidade nua e crua, mas quer inserir-se bem dentro dela e ser percebido a partir de suas dores e alegrias, desesperos e esperanças [...] É na materialidade concreta da vida que precisamos – também – sentir e enxergar a presença de Deus.<sup>133</sup>

Isto justifica a escolha e a aplicação da abordagem socioliterária desenvolvida neste trabalho, pois, se entendêssemos a fé apenas de um ponto de vista meramente espiritual, o valor do cristianismo ficaria reduzido a um individualismo religioso. Considerando os aspectos propostos a partir da abordagem socioliterária é que se fará o resumo exegetico proposto no próximo tópico.

A partir das bases estabelecidas acima, o próximo tópico vai trazer o resumo exegetico do texto proposto, com o auxílio e aplicação da abordagem socioliterária.

## 4.2 RESUMO EXEGÉTICO DO TEXTO DE MATEUS 5:3-10

Para um melhor alinhamento de Mateus 5.3-10, no escopo desta pesquisa, faremos uma tradução própria do texto com o objetivo de alinhá-la a uma tradução não convencional que se coaduna com o *lócus* social do texto proposto. A identificação do contexto social, o local onde foi escrito e uma interpretação a partir da tradução própria, complementam este resumo exegetico.

São muitas as perícopes que ressaltam a importância do Reino de Deus, e algumas destas perícopes oferecem uma aplicação completa e até mesmo um ensino e contextos mais detalhados quanto aos conceitos sobre o Reino de Deus, como as diversas parábolas sobre o Reino, como exemplo. Porém, fez-se a opção pelo texto de Mateus 5.1-10, porque o contexto das multidões, sua natureza e situações vividas

---

<sup>133</sup> WEGNER, Uwe. **A Leitura Bíblica por Meio do Método Sociológico**. São Paulo: CEDI, 1993, p. 10.

enquadram-se melhor, dentro do escopo desta pesquisa, com as realidades apresentadas por Rauschenbusch e se Evangelho Social.

Como indicado, a perícopre selecionada das bem-aventuranças é o texto de Mateus 5.3-10. Perícopre significa cortar ao redor, e corresponde à paragrafação obtida nos manuscritos utilizados para a tradução e edição da Bíblia, ou seja, trata-se de um parágrafo ou um texto tomado como sentido completo.

Entretanto, em muitos casos, a divisão tanto em capítulos quanto em versículos, quebra o sentido, biparte o texto e altera toda a linha de pensamento. Silva, ao falar sobre a importância de delimitar o texto, afirma que

uma das qualidades de um texto é a sua delimitação, isto é, um escrito com começo, meio e fim. Delimitar um texto, portanto, significa identificar os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina, e desse modo, isolar a chamada “perícopre”. Esse termo [...] é formado por duas palavras gregas – περί [ao redor de] + κόπτω [corto] – e usado para designar um trecho que foi recortado de seu contexto. As perícopes bíblicas são unidades literárias relativamente breves.<sup>134</sup>

O texto das bem-aventuranças é o início do Sermão do Monte, o primeiro e mais longo sermão de Jesus registrado nos evangelhos, e, como indica Fritz Rienecker, é “a formidável novidade que Jesus tem a dizer à sua comunidade! O Sermão do Monte é a grande abertura daquilo que Jesus quer comunicar, [...] a *Carta Magna do Reino dos Céus*”<sup>135</sup>, é onde Jesus começa a apresentar os princípios sobre os quais o Reino dos Céus é edificado.

O corte específico das bem-aventuranças em Mateus 5.3-10, segue sugestão dos principais biblistas, que serão abaixo assinalados, os quais justificam o corte do texto nestes versículos, não incluindo os versos onze e doze. Para Turner, a estrutura deve distinguir Mt 5.3-10 de Mt 5.11-12, pois “as bem-aventuranças em Mt 5.11-12 usam a segunda pessoa, enquanto em Mt 5.3-10 usam a terceira pessoa. [...] No geral, Mt 5:3-10 equivale a um olhar para trás e Mt 5.11-12, um olhar para frente em direção à perseguição futura por causa de Jesus.”<sup>136</sup>

Carson também divide o texto das bem-aventuranças entre Mt 5.3-10 e Mt 5.11-12, considerando os versículos 11-12 como uma expansão, aplicando-os aos

<sup>134</sup> SILVA, Cássio M. **Metodologia de Exegese Bíblica Versão 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 47.

<sup>135</sup> RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 75.

<sup>136</sup> TURNER, David L. **Baker Exegetical Commentary on the New Testament – Matthew**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 153.

discípulos, justificando a mudança da terceira para a segunda pessoa<sup>137</sup>, concordando com a estrutura acima, proposta por Turner. Carter, por sua vez, faz um corte entre Mt 5.3-9 e Mt 5.10-12, justificando que o primeiro corte fala do ponto de vista justo desafiando o *status quo* e suas estruturas de poder; e o segundo corte se refere a questões de retidão e justiça e a perseguição que vem por conta disso.<sup>138</sup>

Optamos por estabelecer a perícopes tal como Carson e Turner propuseram acima, não somente pela mudança da terceira para a segunda pessoa, mas, em função de a primeira bem-aventurança (v. 3), “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus” (Mt 5:3), e a oitava bem aventurança (v. 10), “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus”, incluírem a mesma promessa, sinalizando um começo e fim bem definidos.

Não obstante a limitação das bem-aventuranças em Mt 5.3-10, para melhor entendimento do contexto, faremos no próximo tópico, a nossa própria tradução incluindo os versículos 1 e 2, ou seja, o texto traduzido no próximo tópico, refere-se a Mateus 5:1-10.

#### 4.2.1 Texto grego e a tradução de Mateus 5.1-10

O objetivo da tradução própria é ter uma leitura contextualizada, trazendo o texto mais próximo à proposta deste trabalho, tentando captar aspectos diferentes das traduções tradicionais, às quais estamos mecanicamente acostumados, buscando algum significado que possa trazer um melhor entendimento ao tema proposto.

Texto grego de Mt 5.1-10 (NA <sup>28</sup> ) <sup>139</sup>	Tradução de Mt 5.1-10
<sup>1</sup> Ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος καὶ καθίσαντος αὐτοῦ προσήλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ	<sup>1</sup> E prestando atenção a multidão de pessoas, <sup>140</sup> subiu para o monte, e assentando-se ele acercaram-se dele os discípulos dele; <sup>141</sup>

<sup>137</sup> CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: SHEDD Publicações, 2014, p. 163-171.

<sup>138</sup> CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: Paulus, 2021, 178-179.

<sup>139</sup> NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. p. 9-10. Daqui em diante esta edição será citada com Doravante a vigésima oitava edição revisada de Nestle-Aland será citada com a seguinte abreviatura: NA<sup>28</sup>

<sup>140</sup> Olhar – perceber com atenção; dirigir o olhar para. Ver ἐμβλέπω. Tópico Relacionado: Olhar. In: BRANNAN, Rick. (Org). **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020; Strong 1492 εἶδω ou οἶδα. 1d) Ver; 1d1) i.e. voltar os olhos, a mente, a atenção a algo; 1d2) prestar atenção, observar. In: STRONG, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

<sup>141</sup> Dicionários utilizados na tradução própria: ARNDT, William; GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. 4. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2021; RUSCONI, Carlo. **Dicionário do**

<p><sup>2</sup> καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτοὺς λέγων</p> <p><sup>3</sup> <b>Μακάριοι</b> οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν</p> <p><sup>4</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ πενθοῦντες ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται</p> <p><sup>5</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ πραεῖς ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὴν γῆν</p> <p><sup>6</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται</p> <p><sup>7</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ ἐλεήμονες ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται</p> <p><sup>8</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν ὄψονται</p> <p><sup>9</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ εἰρηνοποιοὶ ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ θεοῦ κληθήσονται</p> <p><sup>10</sup> <b>μακάριοι</b> οἱ δεδιωγμένοι ἕνεκεν δικαιοσύνης ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν</p>	<p><sup>2</sup> e abrindo a boca dele ensinava a eles dizendo:</p> <p><sup>3</sup> <b>Felizes</b> os pobres no espírito, <b>pois o Reino dos Céus pertence a eles.</b></p> <p><sup>4</sup> <b>Felizes</b> os (que) agora choram, pois eles receberão consolação.</p> <p><sup>5</sup> <b>Felizes</b> os humildes, porque eles receberão a terra por herança.</p> <p><sup>6</sup> <b>Felizes</b> os agora famintos,<sup>142</sup> e os agora tendo sede da justiça, pois eles terão seus desejos realizados<sup>143</sup>.</p> <p><sup>7</sup> <b>Felizes</b> os que ajudam o aflito<sup>144</sup>, pois eles experimentarão misericórdia.</p> <p><sup>8</sup> <b>Felizes</b> os puros no coração, pois eles Deus verão.</p> <p><sup>9</sup> <b>Felizes</b> os que trazem a paz, pois eles filhos de Deus serão chamados.</p> <p><sup>10</sup> <b>Felizes</b> os maltratados por causa de justiça, <b>pois o Reino dos Céus pertence a eles.</b></p>
--	--

Fonte: Texto grego da NA28; tabela e tradução do autor.

Dada a tradução acima, faremos no próximo tópico, uma análise do contexto do Sermão do Monte buscando captar como o cenário descrito por Mateus ajuda a identificar o prisma social enfrentado por Jesus, seus discípulos e a multidão, e como o Reino é manifestado neste contexto.

#### 4.2.2 Contexto geral das bem-aventuranças

A identificação do local onde foi escrito o evangelho de Mateus é relevante para esta pesquisa, considerando que Mateus, e os outros evangelhos sinóticos, foram escritos para atender a uma demanda não só escatológica, mas também social da comunidade cristã do primeiro século. Os escritos e suas mensagens não estavam dissociados da realidade de seus públicos. Era preciso situá-los no contexto dos

**Grego do Novo Testamento.** São Paulo, SP: Paulus, 2003. LOUW, J. P.; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do Novo Testamento.** Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

<sup>142</sup> STRONG, J. 2002. 3983 πεινάω mesmo que 3993 (“definhar”); 1) ter fome, estar faminto; 1a) passar necessidade. BRANAN, R. 2020. πεινάω, VB. ter fome. 1. estar faminto – ser ou tornar-se necessitado de comida; especialmente quando experimentando dores de fome.

<sup>143</sup> STRONG, J. 2002. 5526 χορταζω; 1) alimentar com ervas, grama, feno; saciar, satisfazer com alimento, nutrir, engordar; 1a) de animais. 2) saciar ou satisfazer as pessoas. 3) *realizar ou satisfazer o desejo de alguém.*

<sup>144</sup> STRONG, J. 2002. 1653 ελεεω de 1656; 1) ter misericórdia de; 3) *ajudar o aflito*, levar ajuda ao miserável 4) *experimentar misericórdia.*

acontecimentos que fervilhavam à sua volta. Neste caso o ‘onde’ foi escrito vai ao encontro do horizonte teológico do ‘porquê’ foi escrito, considerando o contexto social da mensagem veiculada com a condição social do público que a recebeu. Isto nos dará uma melhor percepção das características marcantes dos sujeitos e da mensagem das bem-aventuranças.

Segundo Kümmel, o autor de Mateus escreveu para um público cristão de língua grega, mas, em sua maioria composto por judeus. Presume-se que foi escrito na cidade de Antioquia, na província romana da Síria, nas últimas duas décadas do primeiro século. Pode-se demonstrar que Ignácio de Antioquia utilizou ali o evangelho pouco depois do ano 100<sup>145</sup>. Quanto a origem e destino de Mateus, Köstenberger diz que a “maioria dos estudiosos hoje opta mais especificamente por Antioquia da Síria. [...] Mateus combinou tanto o interesse judeu quanto o gentio. Antioquia tinham uma grande população judaica, sendo o centro da atividade missionária gentilica”<sup>146</sup>.

Para identificarmos o público presente no Sermão do Monte, precisamos retornar a Mateus 4:23-25, que diz:

<sup>23</sup> Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades entre o povo. <sup>24</sup> E a sua fama correu por toda a Síria. Trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoniados, epiléticos e paralíticos. E ele os curou. <sup>25</sup> E da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão numerosas multidões o seguiam.<sup>147</sup>

Para John Stott este é o “cenário essencial para se compreender o Sermão do Monte. O Sermão encontra-se no Evangelho de Mateus, logo no começo do ministério público de Jesus”. Este, após o seu batismo e tentação no deserto, começa a anunciar as boas novas do Reino dos céus, dizendo que está às portas. Ainda, segundo Stott, “Ele mesmo viera para inaugurá-lo”<sup>148</sup>. O anúncio do Reino, tal como descrito acima, é dirigido a toda a geografia da palestina, trazendo a ideia de um público globalizado. Havia gente de todas as culturas e de todas as regiões circunvizinhas.

<sup>145</sup> KÜMELL Werner G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982. p. 138.

<sup>146</sup> KÖSTENBERGER, J. Andreas; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento**: a manjedoura, a cruz e a coroa. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 414.

<sup>147</sup> BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

<sup>148</sup> STOTT, John. **A Mensagem do Sermão do Monte contracultura Cristã**. 3ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2003, p. 5.

A região era constantemente sacudida por rebeliões. A Judéia, a Samaria, a Idumeia e as Dez Cidades (as Decápolis) eram colônias diretamente administradas por Roma, desde a morte de Herodes (4 a.C.) e a destituição de Arquelau (6 a.C.). A região, desde sempre, era foco de guerrilhas, organização de resistência e intervenções de grupos armados, que em todo o tempo provocavam escaramuças e punham empecilhos ao exército ocupante. O lugar que Jesus nasce, cresce e morre é um país ocupado, turbulento e cujos habitantes odiavam Roma como potência idólatra e opressora<sup>149</sup>.

Aclarando o transfundo deste ambiente, Carter apresenta o cenário social, político, econômico e religioso da audiência de Mateus, em dois extremos. Por um lado, estavam aqueles que detinham o poder político e econômico – por meio da especulação da terra – os grandes proprietários, donos de grandes latifúndios. Eles controlavam a terra e as aldeias rurais circundantes, e lucravam mediante práticas econômicas predatórias ou tributárias, aluguéis sobre arrendamento da terra, juros abusivos sobre tudo e impostos extorsivos (sobre vendas, gados, produtos).<sup>150</sup>

No outro extremo, estavam os pobres e miseráveis, cujas condições de vida eram duríssimas. Carter, resumidamente, faz uma apresentação drástica da vida na região:

Todo quadro preciso de Antioquia na época do Novo Testamento deve descrever uma cidade cheia de miséria, perigo, medo, desespero e ódio. Antioquia era uma cidade onde a família comum vivia uma vida pobre e sórdida em quartos apertados e sujos, onde pelo menos a metade das crianças morria no nascimento ou durante a infância, e onde a maioria das crianças que sobreviveram perderam ao menos um dos genitores antes de alcançar a maturidade. A cidade estava cheia de ódio e medo surgidos nos intensos antagonismos étnicos e exacerbados por um constante fluxo de estrangeiros.<sup>151</sup>

Talvez não seja muito diferente da realidade das grandes cidades hoje em dia. Horsley e Carter não estão descrevendo a Nova York e a favela miserável do bairro Hell's Kitchen, onde Rauschenbusch propagou a necessidade da vinda do Reino, mas o quadro é muito semelhante. Pois, de maneira semelhante a situação descrita por Carter, Rauschenbusch, neste bairro, encontrou as duras realidades da

---

<sup>149</sup> HORSLEY, Richard A. **Jesus e a Espiral de Violência**. Resistência judaica popular na Palestina Romana. São Paulo: Paulus, 2010, p. 6-9.

<sup>150</sup> CARTER, 2020, p. 39.

<sup>151</sup> CARTER, 2020, p. 47.

industrialização capitalista vividas pelos pobres: desemprego, desnutrição, favelas e doenças. Os funerais de muitas crianças, realizados por Rauschenbusch, o afetaram de modo muito particular. “Seu encontro marcante com a pobreza urbana, especialmente os funerais que realizou para crianças, levou-o ao ativismo político e a uma compreensão social-progressista do cristianismo”<sup>152</sup>.

É neste ambiente identificado por Carter e Horsley, que a fama de Jesus corre por todos os lados. Galileia, Síria, Decápolis, partes da Judeia, Jerusalém, e até mesmo nas regiões hoje pertencentes à Jordânia. E como não correria, dadas a necessidade extrema e toda a sorte de mazelas e desesperança que costuma acompanhar a população paupérrima e miserável, Jesus vem curando, libertando e anunciando a boa nova do Reino. Seu esforço por “curar, libertar do mal, tirar do abatimento, sanear a religião, construir uma sociedade mais amável, constituem caminhos para acolher e promover o Reino de Deus”<sup>153</sup>.

Com razão, Lutero afirma que “isso é um belo, doce e alegre começo de seu ensinamento e de sua prédica. Ele vem [...] da maneira mais amigável, somente incentivando e atraindo, e com lindas promessas”<sup>154</sup>. Lutero conseguiu captar a doçura deste momento de atração de Jesus pelas multidões. Este foi o caminho percorrido pelo grande anunciador do Reino.

É neste cenário que se descortina o Sermão do Monte. Considerando os sujeitos das bem-aventuranças, inferimos tratar-se de sujeitos marginalizados do contexto social, econômico e político de Antioquia. Assim, para Carter, o material bíblico, como Mateus, origina-se principalmente em lugares sociais de impotência e marginalidade cultural, entre uma minoria, desde os pobres, o Evangelho legitima uma identidade e estilo de vida marginais para esta comunidade<sup>155</sup>.

Inseridos nesta realidade situa-se a audiência do Evangelho de Mateus e seu contexto imediato do Sermão do Monte, tema do próximo tópico.

---

<sup>152</sup> DORRIEN, Gary. **Kingdom Coming**. The Christian Century, 2007. Disponível em: <https://www.christiancentury.org/article/2007-11/kingdom-coming>. Acesso em 08 de junho de 2023.

<sup>153</sup> PAGOLA, José Antônio. **Jesus Aproximação Histórica**. Petrópolis. Editora Vozes, 2014, p. 130.

<sup>154</sup> LUTERO, Martinho. O Quinto Capítulo de São Mateus. In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**: Interpretação do Novo Testamento Mateus 5-7 – 1 Coríntios 15 – 1 Timóteo. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005. v. 9, p. 28.

<sup>155</sup> CARTER, 2020, p. 11;28.

### 4.2.3 Contexto imediato das bem-aventuranças

Mateus 5:1-3 (tradução própria): “<sup>1</sup> E prestando atenção a multidão de pessoas subiu para o monte, e assentando-se ele acercaram-se dele os discípulos dele; <sup>2</sup> e abrindo a boca dele ensinava a eles dizendo: <sup>3</sup> Felizes os pobres no espírito, pois o Reino dos Céus pertence a eles.”

O final do capítulo 4 de Mateus diz que as multidões o seguiam, literalmente iam atrás dele. As multidões o seguiam, não no sentido de que o obedeciam, mas no sentido de onde ele estava aí elas iam. Movidas pela curiosidade, pelo desejo de cura e socorro, pela expectativa de que poderiam de alguma maneira alcançar algum bem. Quem sabe pela própria surpresa, pelo inusitado de alguém comum, do meio deles, falando a linguagem deles, sem autoritarismo, sem ritualismos, nem apelos exacerbados da lei, conseguia alcançá-los, conseguia atendê-los.

O outro grupo presente são os primeiros discípulos que ele chamara. Estão presentes tanto a multidão quanto os discípulos. Carson vai identificar que não era mais possível escapar das grandes multidões, ele infere que o que começou com uma multidão, vai num crescendo até tornar-se em mais agrupamentos de povos, indicando que o sermão pode ter durado alguns dias e não apenas algumas horas<sup>156</sup>. O que começa com ‘prestando atenção na multidão’, torna-se ao final do sermão em “as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino” (Mateus 7:28)<sup>157</sup>.

As multidões seguiam a Jesus, mas aqui em Mateus 5:1, é ele quem vê, quem percebe, quem presta atenção a elas. Para os discípulos e para a multidão, é que são dirigidas as palavras, não importando a ordem, se primeiro estes ou aqueles, no final, toda a plateia se maravilha. Jesus, vendo aquela multidão perdida, diria em outra ocasião, são como ovelhas que não tem pastor, que não tem cuidado, que não tem ninguém por elas. Para elas é que são anunciadas as boas novas do Reino dos céus.

Carter afirma, e assim indicamos na tradução acima, que Jesus não é nominado no início do Sermão do Monte, é preciso retroceder ao final do capítulo 4 para identificá-lo. “Jesus é aquele que anuncia e manifesta o Reinado de Deus”.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> CARSON, 2014, p. 162.

<sup>157</sup> BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

<sup>158</sup> CARTER, 2020, p. 176.

Para Luz, o sermão todo gira em torno destas pessoas, ele afirma que o que é decisivo para Jesus é a promessa incondicional, categórica, de salvação dirigida às pessoas que se encontram em situação de desespero.<sup>159</sup>

Sobre isto concorda Carter, pois, as bem-aventuranças, tendo como pano de fundo Isaías 61, “descrevem não qualidades pessoais, mas situações de aflição ou infortúnio, que são honradas ou estimadas porque o reinando de Deus as revoga”. O que é fundamental em todas as bem-aventuranças é a chegada do Reino dos céus e o estabelecimento da justiça ou retidão de Deus.<sup>160</sup>

Ao comentar sobre as pessoas felizes, iniciando em Mt 5.3, “felizes os pobres no espírito, pois o Reino dos Céus pertence a eles” (tradução própria), Luz afirma que,

não se deve interpretá-las partindo da correlação sapiencial entre ação e paixão, como um sistema de compensação, como um toma lá dá cá. Isto porque as bem-aventuranças não colocam em primeiro plano a conduta humana e, tampouco as promessas aos bem-aventurados são consequências do comportamento humano. Pelo contrário, este tipo de bem-aventurança dos que têm fome fica excluído pela experiência diária de nunca estarem saciados.<sup>161</sup>

Fazendo eco ao exposto acima por Carter e Luz, Willard assevera que se entendermos as bem-aventuranças como um toma lá dá cá, simplesmente substituímos a extática declaração do evangelho por outro legalismo banal. Estas multidões são chamadas de felizes “por Jesus não por que estejam numa condição meritória, mas porque, precisamente apesar disso e em meio à sua sempre tão deplorável condição o Reino dos céus lhes traz a redenção pela graça de Cristo”<sup>162</sup>.

No próximo tópico busca-se compreender que o aspecto da salvação prometida aos pobres, aos famintos e aos que choram, já se faz realidade na dedicação de Jesus aos que não estão integrados a uma classe social minimamente digna ou aos que têm perdido a consciência de classe social.

#### 4.2.4 Felizes os pobres

<sup>159</sup> LUZ, Ulrich. **El Evangelio Según San Mateo**. Mateus 1 ao 7. Salamanca: Sígueme, 1993, p. 270.

<sup>160</sup> CARTER, 2020, p. 179.

<sup>161</sup> LUZ, Ulrich. **El Evangelio Según San Mateo**. Mateus 1 ao 7. Salamanca: Sígueme, 1993. p. 270.

<sup>162</sup> WILLARD, Dallas. **A Conspiração Divina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 124.

O Sermão do Monte começa com a palavra felizes, e este grupo de felizes podem ser divididos em dois grupos:

<sup>3</sup> Felizes os pobres no espírito, pois o Reino dos Céus pertence a eles. <sup>4</sup> Felizes os (que) agora choram, pois eles receberão consolação. <sup>5</sup> Felizes os humildes, porque eles receberão a terra por herança. <sup>6</sup> Felizes os agora famintos, e os agora tendo sede da justiça, pois eles terão seus desejos realizados.

<sup>7</sup> Felizes os que ajudam o aflito, pois eles experimentarão misericórdia. <sup>8</sup> Felizes os puros no coração, pois eles Deus verão. <sup>9</sup> Felizes os que trazem a paz, pois eles filhos de Deus serão chamados. <sup>10</sup> Felizes os maltratados por causa de justiça, pois o Reino dos Céus pertence a eles. (Mateus 5:3-10, tradução própria).

Hans Dieter Betz, em seu *“Essays on the Sermon on the Mount”*, trabalha com as oito bem-aventuranças de Mateus 5.3-10, limitando-as em dois grupos, como já apresentado no item 4.2, mas justifica a delimitação, como segue:

Em Mt 5:3-12, dois estratos podem ser claramente distinguidos. Em Mt 5:3-10, uma série de oito bem-aventuranças, paralelas na forma, foram agrupadas; cada uma consiste em um dístico na terceira pessoa do plural, cuja segunda linha é invariavelmente introduzida por *oti* (“aquele”). [...] Em Mt 5:11-12, mais duas bem-aventuranças foram adicionadas secundariamente. Essas expansões secundárias provocam mudanças na forma, embora não esteja aparente o motivo. Porém, o simbolismo permanece constante, pois tanto o número oito quanto o número dez expressam a perfeição.<sup>163</sup>

Assim, as duas divisões propostas pelo autor dão ao texto um sentido diferenciado, com o primeiro grupo representando os desafios da jornada cristã, e o segundo grupo mais direcionado ao viver cristão.

Carter, segue a mesma sistemática de Betz, detalhando assim a dupla divisão das bem-aventuranças: no primeiro grupo estão os pobres, os tristes, os destituídos de poder e os que carecem de justiça (Mt 5.3-6); o segundo grupo fala dos que são considerados felizes por ações humanas, são os que ajudam o aflito, os que não estão envolvidos com corrupção, os portadores da paz e aqueles que desafiam o sistema por causa de seu modo de vida justo (Mt 5.7-10).<sup>164</sup>

<sup>163</sup> BETZ, Hans Dieter. *Essay on the Sermon on the mount*. Philadelphia: Fortress Press, 1984, p. 18. Original: *“In Matt. 5:3-12, two strata can clearly be distinguished. In Matt. 5:3-10, a series of eight macarisms, largely parallel in form, have been brought together; each consists of a distich in the third person plural, the second line of which is invariably introduced by oti (“that”). [...] In Matt. 5:11-12, two further macarisms have been added secondarily. These secondary expansions bring about changes in form, though it is not clear for what reason. In any case, the symbolism remains constant, since both the number eight and the number ten express perfection”*.

<sup>164</sup> CARTER, 2021, p. 177-178.

Karris e Bergant, em seu comentário Bíblico, vão na mesma direção, expandindo o entendimento de uma dupla divisão das bem-aventuranças contidas em Mateus 5.3-10,

O primeiro conjunto de bem-aventuranças (v. 3-6) proclama felizes os pobres de coração (espírito), aqueles cuja condição exige total confiança em Deus), os que choram, os mansos e os que tem fome e sede de justiça. [...] O segundo conjunto de bem-aventuranças (v. 7-10) também culmina com uma referência à justiça, exatamente como o primeiro conjunto (cf. o v. 6). Aqui é pronunciada uma benção sobre os misericordiosos, os de coração puro, os que agem em favor da paz e os perseguidos por causa da justiça.<sup>165</sup>

Jesus lista quatro grupos de pessoas como felizes: os pobres, os famintos, os que choram e os que são odiados e maltratados por estarem ligados de alguma maneira a Jesus e a sua justiça. Podemos entender, a partir de Willard, que os dois grupos de felizes ou os quatro tipos de pessoas listadas, podem se resumir a um só tipo de pessoa, a pobre, e que, se olharmos o paralelo em Lucas 6.17-22, “os pobres, os famintos, os que choram e os que são odiados por seguirem a Jesus, são os que estão ali na multidão.”<sup>166</sup>

Carter não vai negociar o conceito de pobre e nem o espiritualizar, “eles são os *pobres literais*, físicos, os despossuídos, aqueles que vivem na dificuldade social e econômica, carecendo de recursos adequados e oprimidos pelos poderosos”<sup>167</sup>.

Para que não fique nenhuma dúvida em relação ao conceitos de pobre utilizado pelos autores citados, Willard afirma: “Ainda estou para encontrar alguém que tente traduzir assim a primeira bem-aventurança: “bem-aventurados vós, os que pensam que são pobres, ou os que se acham pobres”<sup>168</sup>. Quando vemos a realidade das multidões esfaimadas que seguiam a Jesus, elas estavam a três dias sem comer! E os evangelhos citam a multiplicação de pães para dar de comer àquela gente (e.g. Mateus 14.13-19; 15.32-38), não é possível espiritualizar, não dá para despedir vazias as multidões.

Não se pode espiritualizar a condição de quem tem fome. “Quem tem fome tem pressa”, disse o sociólogo Herbert de Souza, quando criou o Ação Cidadania, mobilizando todo o Brasil - seguindo a voz daquele que fez isso primeiro (deem vocês

<sup>165</sup> BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (organizadores). **Comentários Bíblicos**. Mateus volume 3. São Paulo: Loyola, 1999, p. 18.

<sup>166</sup> WILLARD, 2001, p. 138.

<sup>167</sup> CARTER, 2021, p. 179

<sup>168</sup> WILLARD, 2001, p. 138.

mesmo de comer a eles, Mateus 14.16) – atendendo a 32 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza<sup>169</sup>, sem desculpas, apenas com o senso de responsabilidade e urgência, como fez Jesus.

Para Willard, o choque de realidade é visível, basta ver a lista dos excluídos, dos espezinhados, estapeados e traídos por promessa vazias e palavras espiritualizadas que não resolvem a dor física e real daqueles que sangram e as privações dos mais pobres. Ele diz: “é interessante notar que Simon e Garfunkel conseguiram registrar a ideia de Jesus na sua velha canção, enquanto muitos de nós “doutores” não a compreendemos”<sup>170</sup>.

A velha canção citada por Willard, diz assim:

Abençoadas são as pessoas humildes pois herdarão, abençoada é a ovelha cujo sangue corre, abençoadas são as pessoas humilhadas, as escarradas, as alcaguetadas. Oh Senhor, por que me esqueceste? Não tenho para onde ir. [...] Abençoado o ser humano cuja alma lhe pertence.<sup>171</sup> (Tradução nossa, adaptada para uma linguagem inclusiva).

Por qual motivo, esta classe de pessoas, que captura a atenção de Jesus, são chamadas abençoadas? Qual seria o motivo para tal felicidade? É que o Reino dos Céus, o qual agora pertencem, se acercou a eles por meio de Jesus Cristo. E ele convida a estas pessoas a se porem em marcha, na direção do Reino de Deus, no qual Ele lhes traz a esperança e lhes abre a porta, introduzindo seus corações a uma nova dinâmica da salvação.

Garland esclarece que a explicação que pode justificar os pobres como felizes ou abençoados, vem do uso da palavra *makarioi*, que era no mundo grego, uma atribuição usada para parabenizar alguém privilegiado pelos deuses, e neste aspecto, as bem-aventuranças de Jesus servem para anunciar a aproximação do Reino dos céus até estas pessoas, quando tudo será corrigido. Assim, ele muda de sentido e passa a designar não mais a felicidade caracterizada pelos privilegiados da sorte nesta vida, mas a felicidade que caracterizaria a vida no Reino de Deus<sup>172</sup>.

<sup>169</sup> SOUZA, Herbert. Sem data. Disponível em: <https://www.acaodacidadania.org.br/nossa-historia>. Acesso em 11 de junho de 2023.

<sup>170</sup> WILLARD, 2021, p. 139.

<sup>171</sup> SIMON, Paul; GARFUNKEL, A. **Blessed**. Disponível em: <https://www.paulsimon.com/song/blessed/>. Acesso em: 13 de junho de 2023. Original: “*Blessed are the meek for they shall inherit, Blessed is the lamb whose blood flows, Blessed are the sat upon, Spat upon, ratted on. O Lord, why have you forsaken me? I got no place to go. [...] Blessed is the man whose soul belongs to*”.

<sup>172</sup> GARLAND, David E. **Reading Matthew** - A Literary and Theological Commentary. New York: Smyth & Helwys Publishing, Inc. 2012, p. 60-61.

De acordo com Esser, o conceito de pobre no Novo Testamento, principalmente nos Evangelhos Sinóticos, aparece 34 vezes, sendo que, 24 vezes (10 vezes em Lucas, em matéria que lhe é exclusiva), o estudo da palavra nos Sinóticos tem o seu sentido literal. Na passagem do jovem rico Jesus disse: “Vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres” (Mc 10.21; cf. Lc 18.22); a oferta da viúva pobre “que tinha direito à esmolas é muito maior do que aquelas dos ricos” (Mc 12.41; Lc 21.1-4)<sup>173</sup>.

Em Mt 11.5 Jesus se refere aos pobres da seguinte forma: “os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho”, ou seja, o que Jesus fala atende a cada um na sua necessidade. Jesus também se refere aos pobres na primeira bem-aventurança, tanto de Mateus, “bem-aventurados os pobres de espírito”, quanto de Lc (6.20), “bem-aventurados os pobres”. Sobre isso, Esser define que:

a forma expandida em Mateus, os pobres de espírito [hoi ptochoi to pneumatí], ressalta o fundo histórico veterotestamentário e judaico daqueles que na aflição confiam somente em Deus (cf. Sl 69.28-29, 32-33). [...] Em Lucas as bem-aventuranças se confinam essencialmente à pobreza, aos pobres, aos que choram, aos famintos, aos odiados (Lc 6.24). [...] Isto porque aquele que crê no Filho acha cumpridas nele todas as promessas de Deus para os pobres e sofredores, angustiados e humildes.<sup>174</sup>

Nos Evangelhos Sinóticos, diferente de outras passagens da Bíblia, a pobreza é compreendida na condição exata da palavra, sem nenhum eufemismo, sem utilizar recursos de sentido ‘espiritual’. Diante disso, afirmamos que o pobre é aquele que não tem recursos econômicos e sofre privações das necessidades básicas da vida. Joachim Jeremias reforça estes conceitos, afirmando que a fórmula que Lucas usa é com certeza a fórmula original. “Lucas pensa em pobres de fato, como nas bem-aventuranças seguintes se pensa igualmente em pessoas que de fato passam fome, que choram e são perseguidas (Lc 6.21-23)”.<sup>175</sup>

Jesus não tinha tempo para abstrações, quando falava de pobreza, falava do que via, pois percorria todas as aldeias (Mt 4.23-24), e o que via diante de seus olhos eram famílias exploradas, lutando para não serem expulsas de suas terras, crianças ameaçadas pela fome e pela doença, mendigos à beira do caminho, lunáticos perdidos pelas vielas e pelos campos, pessoas que tinham perdido a esperança e a

<sup>173</sup> ESSER, H. H. Verbetete: “pobre”. In: COHENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1686-1687.

<sup>174</sup> ESSER, 2000, p. 1687.

<sup>175</sup> JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 181.

razão de viver, endemoninhados sem o mínimo de dignidade, assolados pela religião e pela alta sociedade. Era a este público a quem se dirigia, a estes queria alcançar e dar segurança.

O que Jesus tem a dizer a estes: Jesus declara-os felizes, mesmo em meio a esta situação, não porque terão as suas situações resolvidas do dia para a noite. Eles são felizes porque Deus está vindo para suprimir esta situação de miséria e lhes devolver o sorriso, o gosto pela vida. Não está convidando ninguém a resignação, mas à esperança. Não quer que alimentem falsas ilusões, mas que recuperem a sua dignidade.<sup>176</sup>

Assim, Pagola arremata em definitivo a questão: “Jesus declara de maneira categórica que o Reino de Deus é para os pobres”<sup>177</sup>. Esse é o evangelho das bem-aventuranças. Com esta declaração de Pagola, que se enquadra perfeitamente na Teologia do Evangelho Social de Rauschenbusch referente ao Reino de Deus, veremos no próximo tópico, qual o entendimento da Teologia Bíblica e os principais conceitos sobre o Reino de Deus no contexto do Evangelho Social.

### 4.3 TEOLOGIA BÍBLICA ACERCA DO REINO DE DEUS NO CONTEXTO DO EVANGELHO SOCIAL

O Reino de Deus é para os pobres. Por isso é central para a Teologia do Evangelho Social. É o conceito em torno do qual ela gravita. Rauschenbusch entendeu que a esperança cristã envolvia muito mais do que a salvação de almas. Impulsionado por sua realidade social, ele desenvolveu uma nova interpretação para o Reino de Deus, baseando-se nos ensinamentos de Jesus, atualizados pelas ferramentas da crítica bíblica e pelo campo nascente da sociologia<sup>178</sup>.

Para Rauschenbusch, "a centralidade do Reino de Deus na obra de Cristo é uma força redentora que incide sobre a ordem social"<sup>179</sup>. De acordo com Minus,

<sup>176</sup> PAGOLA, 2014, p. 131

<sup>177</sup> PAGOLA, 2014, p. 130.

<sup>178</sup> NELSON, Janet R. **Walter Rauschenbusch and the Social Gospel: A Hopeful Theology for the Twenty-First Century Economy**. CrossCurrents, vol. 59, no. 4, 2009, pp. 442-46. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24461589>. Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>179</sup> BECKLEY, Harlan. **Passion for Justice**. Louisville: Westminster – John Knox Press, 1992, p. 71. Original: “*the centrality of the Kingdom of God in the work of Christ is a redemptive force bearing on the social order*”.

Rauschenbusch identificou os anseios e todos os objetivos de Jesus na ideia do Reino de Deus.<sup>180</sup>

Foram as novas interpretações sobre o Reino de Deus, associadas à realidade social a qual estava inserido, que causaram tremendo impacto na vida e no pensamento de Rauschenbusch e deram a ele os principais fundamentos para a criação da Teologia do Evangelho Social.

Considerando estes fatos, no próximo tópico serão abordados conceitos e ideias sobre o Reino de Deus ou Reino dos Céus, buscando estabelecer um diálogo entre a teologia bíblica e a Teologia do Evangelho Social. Serão analisados como a teologia bíblica e os teólogos sociais lidam com o tema do Reino de Deus, e como seus posicionamentos são percebidos frente ao entendimento da Teologia do Evangelho Social. Buscar-se-á estabelecer paralelos, comparações e possíveis desvios que justifiquem ou se contrapõem ao Evangelho Social.

#### **4.3.1 O Reino de Deus (*ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ*) ou o Reino dos Céus (*ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν*) em Mateus**

Como a abordagem desenvolvida neste trabalho está baseada no evangelho de Mateus, e somente este traz o conceito de Reino dos Céus, neste subtópico vamos estabelecer a semelhança ou concordância entre os termos Reino de Deus e Reino dos Céus. A expressão comumente usada por Mateus é o Reino dos Céus, em vez de o Reino de Deus.

Para Theissen a “expressão *βασιλεία τοῦ θεοῦ* engloba tanto a realização da soberania de Deus como a imagem espacial de um âmbito de soberania. No primeiro sentido, deveria ser traduzido por soberania real, no segundo por Reino de Deus”.

Com apenas quatro exceções, em Mateus 12:28; 19:24; 21:31,43, nas quais emprega a expressão o Reino de Deus, Mateus sempre usa a expressão Reino dos Céus. A expressão preferida de Mateus não restringe o Reino de Deus somente aos céus. Para Carson, “o objetivo bíblico é o exercício manifesto da soberania de Deus [...]. Há paralelos suficientes entre os sinóticos para indicar que Reino de Deus e Reino

---

<sup>180</sup> MINUS, 1988, p. 84.

dos Céus são a mesma coisa (Mt 19.23-24; Mc 10.23-25), a distinção conotativa é menos certa”<sup>181</sup>.

Vários comentaristas, como veremos a seguir, justificam a utilização da expressão Reino dos Céus em substituição ao Reino de Deus, para não ofender a sensibilidade dos religiosos judeus. Ulrich Luz, de certa maneira apoia esta ideia, pois, parte do princípio que Mateus utiliza a expressão *ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν*, porque a mesma coincide com o uso sinagoga e encaixa-se mais com a linguagem rabínica.

Ainda que Luz defenda a ideia de a expressão estar de acordo com a sensibilidade judaica, todavia afirma, concordando com o dito por Carson acima, que o significado de Reino de Deus e Reino dos Céus é o mesmo, dado que a teologia de Mateus não oferece motivo maior para a mudança de termos, é mais plausível que Mateus se deixou guiar pelo uso linguístico de sua comunidade<sup>182</sup>.

Segundo Pennington, uma pesquisa da discussão acadêmica revela que cada visão tem seus adeptos. Vários escritores sugerem que o Reino de Deus era o termo original, e que o uso único da expressão em Mateus, teve o objetivo real de evitar dizer o nome de Deus, revelando seu próprio meio judaico. Ainda que não haja uma discussão suficientemente específica, parece que essa visão é a mais amplamente assumida por causa da exclusividade da expressão em Mateus, e a explicação típica de por que o Reino dos Céus ocorre somente em Mateus, está mais de acordo com sua sensibilidade judaica.<sup>183</sup>

Para Turner, este é um pensamento já superado e há poucas dúvidas de que Mateus utiliza o termo com o intuito de não mencionar o nome de Deus, por causa dos judeus piedosos que equivaliam o termo céus também como representação do domínio de Deus. “O céu representa Deus por metonímia, a substituição de uma palavra por outra com a qual está naturalmente associada (cf. Dn 4:26; Mt 21:25; Lc 15:18, 21)”<sup>184</sup>.

Embora o Reino dos Céus seja o preferido e predominante em Mateus, o evangelista não se restringe a este termo, ele usa uma variedade de frases com

---

<sup>181</sup> CARSON, 2014, p. 129.

<sup>182</sup> LUZ, 1993, p. 203.

<sup>183</sup> PENNINGTON, Jonathan T. **Heaven and Earth in the Gospel of Matthew**. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV. 2007, p. 49.

<sup>184</sup> TURNER, 2008, p. 107.

formas diferentes, como o Reino do Pai, o Reino do Filho do Homem e simplesmente *ἡ βασιλεία*. Essas expressões aparecem por variação estilística, bem como por razões contextuais particulares.

Também encontramos quatro ocorrências diretas contendo a expressão Reino de Deus (Mt 12.28; 19.24; 21.31, 43), cinco referências ao Reino do Pai (Mt 6.10, 33; 13.43; 25.34; 26.29), duas referências do Reino do Filho do Homem (Mt 13.41; 16.28), uma referência ao Reino de Jesus (Mt 20.21), bem como seis instâncias contendo simplesmente a palavra Reino (Mt 4.23; 8.12; 9.35; 13.19, 38; 24.). “Essas expressões frequentes e múltiplas levaram muitos estudiosos a entender o reino como “o conceito mais abrangente do primeiro Evangelho”<sup>185</sup>.

Davies e Allison concordam e apontam que os outros Evangelhos também usam uma variedade de expressões para o Reino, todas com o mesmo referente. É melhor, portanto, pensar em termos de denotação e conotação. Cada uma das muitas expressões de Reino em Mateus (incluindo reino de Deus e reino dos céus) denota o Reino de Deus, tendo sido inaugurado e ainda por vir escatologicamente, mas as formas das expressões têm conotações diferentes; eles desempenham funções ligeiramente diferentes literária e teologicamente.<sup>186</sup>

Ladd, de igual modo, sinaliza que ambas as expressões Reino de Deus e Reino dos Céus, possam ter a mesma conotação. Ao comentar sobre a expressão em Mateus, ele diz que: “possivelmente, tenha usado ambas as frases, e os Evangelhos, que foram originalmente endereçados a destinatários gentílicos, omitiram a expressão semítica, pois a mesma não faria sentido para o público gentio”<sup>187</sup>.

É curiosa esta observação, porque, como temos visto em Joachim Jeremias<sup>188</sup>, Mateus escreveu para um público tanto de judeus quanto de gentios, mas o mais importante, é que a maioria dos comentaristas concordam com Ladd, que sustenta que a expressão pode fazer muito sentido, e o uso intercambiável dos termos

<sup>185</sup> PENNINGTON, 2007, p. 30.

<sup>186</sup> DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. A Critical and Exegetical Commentary on **The Gospel According to St. Matthew**. International Critical Commentary. 3 vols. Vol. 1, Matthew 1–7. Edinburgh: T & T Clark, 1988. p. 391-392.

<sup>187</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Hagnos. 2003, p. 90.

<sup>188</sup> JEREMIAS, 2008, p. 181.

Reino de Deus e Reino dos Céus, reforça que ambos são centrais na pregação de Jesus<sup>189</sup>.

É sobre esta centralidade, independente do intercâmbio de termos, Reino de Deus ou Reino dos Céus, que vamos buscar aproximar, no próximo tópico, o uso dos termos na pregação de Jesus e na teologia do Evangelho Social.

#### 4.3.2 A centralidade do Reino de Deus na pregação de Jesus e na Teologia do Evangelho Social

Independentemente da forma de aproximação aos evangelhos, seja a partir de uma perspectiva narrativa ou um aprofundamento sobre o Jesus histórico, existe praticamente uma unanimidade de que o Reino de Deus ou o Reinado de Deus, é a mensagem central de Jesus Cristo. James Dunn afirma que “a centralidade do Reino de Deus (*ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ*) na pregação de Jesus é um dos fatos menos discutíveis, ou contestados, sobre Jesus<sup>190</sup>.

A comprovação dessa afirmação pode ser facilmente encontrada até mesmo entre os comentários mais elementares sobre o tema do Reino de Deus que temos pesquisado. Praticamente todos os livros sobre a mensagem do Reino de Deus começam com esse entendimento. Ladd também sustenta esta posição ao afirmar que “a erudição moderna revela quase que uma unanimidade, na minha opinião, ao afirmar que o Reino de Deus é a mensagem central de Jesus”<sup>191</sup>. É significativo que na citada obra de James Dunn, *Jesus Recordado*, ele resume a questão desta forma:

as evidências que temos apontam para uma conclusão clara e apenas para ela: que Jesus foi lembrado como alguém que pregava sobre o Reino de Deus e que esse Reino era central para sua mensagem e missão. O impacto dessa pregação foi preservado na tradição de Jesus, embora de maneira menos clara em outros pontos nos primeiros escritos cristãos<sup>192</sup>.

Complementando Dunn, a centralidade da mensagem do Reino na mensagem de Jesus era tão determinante, que segundo a tradição dos cristãos primitivos, quando se falava na pessoa de Jesus, imediatamente se recordava a mensagem do Reino de Deus. Cada um dos relatos sinóticos mostra prontamente a

---

<sup>189</sup> LADD, 2003, p. 90.

<sup>190</sup> DUNN, James D. G. **Jesus Recordado**. O cristianismo em seus começos. Livro 1. São Paulo: Paulus. 2022, p. 509.

<sup>191</sup> LADD, 2003, p. 84.

<sup>192</sup> DUNN, 2022, p. 514.

centralidade do Reino, porém, Mateus dá um maior destaque ao tema. Por exemplo, Mateus usa tanto βασιλεία quanto βασιλεύς<sup>193</sup> de maneira mais frequente que os outros evangelistas. Mateus deixa claro em seus escritos o foco no tema do Reino: as bem-aventuranças são estruturadas com referência ao Reino dos Céus (Mt 5.3-10); entrar no Reino é o que Jesus regularmente exorta as pessoas a fazer (Mt 5.19-20; 7.21; 18.3; 21.31; 23.13); a oração do Pai Nosso, tem em seu cerne o pedido para que o Reino de Deus venha à terra (Mt 6.10); o Sermão do Monte está repleto da linguagem do Reino<sup>194</sup>.

Hagner informa que em lugares cruciais e por meio de constante repetição, Mateus torna seus ouvintes particularmente conscientes da centralidade da mensagem do vindouro Reino de Deus. Hagner mostra que

a importância do Reino para o evangelista é óbvia pelo fato de que ele usa a palavra com muito mais frequência do que qualquer um dos outros Evangelhos, e quase três vezes mais do que Marcos. A mensagem de Jesus e de João Batista (3:2), é a vinda do Reino (4:17), e esta por sua vez se torna a mensagem dos discípulos (10:7). Tudo no Evangelho se relaciona de alguma forma com esse tema dominante.<sup>195</sup> (Tradução nossa).

Hagner conclui assim, acompanhando os comentaristas anteriores, que o tema dominante no evangelho de Mateus é o Reino de Deus. A centralidade do Reino de Deus é determinante para a Teologia do Evangelho Social, são os conceitos concernentes ao Reino de Deus, atualizados pela Teologia Liberal, que vão formar o pensamento do Evangelho Social e dar origem a sua teologia. Esta nova conceituação sobre o Reino de Deus é o que se busca explicar no próximo tópico.

---

<sup>193</sup> 37.67: alguém que tem autoridade total dentro de determinada área e pode transferir esse poder e autoridade a um sucessor (embora, no tempo do NT, alguns reis apenas governassem com a aprovação das autoridades romanas, não tendo a possibilidade de passar adiante as suas prerrogativas) — “rei”. In: LOUW, J. P.; NIDA, Eugene A. Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013., p. 426-427.

<sup>194</sup> PENNINGTON, 2007, p. 280.

<sup>195</sup> HAGNER, Donald A. **Matthew 1–13**. Vol. 33a, Word Biblical Commentary. Dallas: Word Books, 1993, p. 59. Original: “The evangelist prefers the Jewish expression “the kingdom of heaven” (of the heavens), a circumlocution “the kingdom of God” (which, however, does occur in 12:28; 19:24; and 21:31, 43). The importance of the kingdom for the evangelist is obvious from the fact that he uses the word much more frequently than does anyone of the other Gospels, and nearly three times as often as Mark. The message of Jesus, like that of John the Baptist (3:2), is the coming of the kingdom (4: 17), and this in turn becomes the message of the disciples (10:7). Everything in the Gospel relates in some way to this controlling theme.”

### 4.3.3 Novos conceitos sobre o Reino de Deus na teologia bíblica atual

Já demonstramos que o Reino de Deus é a mensagem central na pregação de Jesus. Horsley segue os comentaristas acima, concordando que, por consenso comum, Jesus proclamou a iminência ou presença do Reino de Deus. A partir disto, Horsley introduz uma primeira ideia (ampla) sobre o reinado ou Reino de Deus:

Se olharmos para os primeiros Evangelhos como histórias completas, e não simplesmente para os ditos, veremos que Jesus estava também praticando ou realizando o Reino de Deus em curas, exorcismos, alimentação das massas e em ensinamentos relacionados com a aliança. A julgar pelo significado da expressão “Reino de Deus” em muitos contextos e associações dos ensinamentos e da prática de Jesus, a frase tinha dois aspectos bem amplos: o reino de Deus como julgamento dos governantes e o Reino de Deus como renovação de Israel. São dois lados da mesma moeda, dois aspectos complementares da mesma realidade antecipada.<sup>196</sup>

Com isto Horsley entende também o Reino de Deus como algo que teve uma realização antecipada nos tempos de Jesus. Ladd entende que há muitos textos nos evangelhos sinóticos que apresentam o Reino de Deus como um estado de benção já presente. Ele toma como exemplo alguns versículos que situam os acontecimentos em torno de Jesus e a partir dele, como manifestação presente do Reino, qual sejam:

Jesus proferiu uma advertência contra os escribas e fariseus: “... pois que fechais aos homens o Reino dos céus; e nem vós entraís, nem deixais entrar aos que estão entrando” (Mt. 23:13). [...] Em outra ocasião Jesus declarou: “Os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus” - referindo-se aos líderes religiosos de Israel (Mt. 21:31). A interpretação mais natural de tais passagens é de uma situação histórica presente. “As classes marginalizadas estão entrando no Reino e não há evidência de que os líderes aparentemente respeitáveis responderão à mensagem do Reino.”<sup>197</sup>

Os contextos apresentados por Ladd e Horsley mostram que o Reino de Deus é reconhecido como presente normalmente em um ambiente que envolve um contexto de atividade social de Jesus, em atividade junto ao povo. Zuck, em sua Teologia do Novo Testamento vai questionar em que sentido o Reino de Deus está presente? Ele parte dos mesmos pressupostos de Horsley e Ladd, considerando os sinais, milagres e curas, isto é, as obras que Jesus fazia em nome de Deus e como representante do seu Reino. Zuck faz uso destes argumentos e responde em que sentido o Reino de Deus está presente:

Provavelmente, da forma prevista pelo salmista quando disse: “Para que façam saber aos filhos dos homens as tuas proezas e a glória da magnificência do teu Reino” (Sl 145.12). No ministério de Jesus, o poder do

<sup>196</sup> HORSLEY, Richard A. **Jesus e o império**. O Reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004, p. 19-20.

<sup>197</sup> LADD, 2003, p. 100.

Espírito dá expressão à autoridade de Deus e a demonstra. O governo soberano de Deus manifestou-se no ministério de Jesus. Por isso, os que testemunharam o ministério de Jesus e ouviram a mensagem dEle foram, ao mesmo tempo, confrontados com o chamado para se submeter.<sup>198</sup>

O Reino de Deus ganha uma nova conotação a partir de Warren Carter e seu já mencionado trabalho ‘O Evangelho de São Mateus a Partir das Margens’. A perspectiva do autor é uma contranarrativa, escrita sob o prisma das comunidades, focando a comunidade de discípulos com uma postura de resistência ante as forças do mal, ao lado de Jesus, como agente do Império de Deus, e coloca o evangelho como força antecipadora da volta de Jesus para estabelecer o Império de Deus sobre tudo<sup>199</sup>.

Warren utiliza o conceito de Império, termo este que surge a partir de novas leituras do Novo Testamento à luz de seu contexto imperial romano. Vários estudiosos, tais como: Richard Horsley, Bruce Malina, Ched Myers, entre outros, começaram a traduzir Reino como ‘império’, afirmando que o uso desse termos mostra uma oposição consciente a César e às injustiças do Império Romano. Pagola usa o termo Império de Deus para contrapor o único império conhecido da época, o império romano<sup>200</sup>.

Crossan trabalha com a mesma ideia, para ele os evangelhos traduzem invariavelmente o termo ‘Reino’ empregado por Jesus com a palavra *βασιλεία*, que nos anos trinta do primeiro século só era utilizada para falar do ‘império’ de Roma<sup>201</sup>. Carter revela uma preocupação consciente sobre como traduzir *βασιλεία* como uma mudança de ênfase. Ele propõe ser necessária esta mudança, para destacar o Império de Deus como resistência e alternativa ao império de Roma.

Biblistas e teólogos atuais tem aproximado o conceito de Reino de Deus aos eventos e interações sociais de Jesus como promotoras do Reino de Deus. Não há uma definição clara do termo, ela é sempre ampla, e o Reino é ao mesmo tempo uma escatologia realizada, como também futura. Mas enquanto o Reino não se concretiza de fato, ao realizarmos as obras de Jesus, estamos fazendo o Reino presente.

---

<sup>198</sup> ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD. 2018, p. 38.

<sup>199</sup> CARTER, 2020, p. 9.

<sup>200</sup> PAGOLA, 2014, p. 134.

<sup>201</sup> CROSSAN, JOHN Dominic. **O Nascimento do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 282.

Rauschenbusch, por seu entendimento de um Reino de Deus aqui e agora, trabalhou para construir o Reino de Deus e levar a Igreja a uma nova fase em sua história. O próximo tópico vai explicar este novo entendimento e a ampliação do conceito de Reino de Deus em Rauschenbusch.

#### **4.3.4 A ampliação dos conceitos do Reino de Deus pelo Evangelho Social para inclusão de toda a sociedade**

Através da história sempre houve movimentos reformistas que tentaram aproximar o ideal do Reino de Deus com a realidade da ordem social, tentando de alguma maneira alcançar e mudar a sorte dos mais necessitados. Horsley fala disso como um retorno à herança bíblica ocidental. Para ele, um dos mais importante foi o

Movimento do Evangelho Social, no final do século XIX e início do século XX. Um dos seus representantes mais eminentes, Walter Rauschenbusch, acreditava que o Reino de Deus proclamado por Jesus podia perfeitamente inspirar uma transformação das instituições americanas<sup>202</sup>.

O conceito e as aplicações do Reino de Deus eram tão centrais para Rauschenbusch, que ele vai criar, como seu último trabalho antes de sua morte em 1918, aquela que é a única 'Teologia Para O Evangelho Social', a qual faremos um breve resumo. Em Uma Teologia Para O Evangelho Social, ele ofereceu algumas sugestões para a formulação teológica da doutrina do Reino, as quais resumimos abaixo:

1) o Reino foi iniciado por Jesus Cristo, sustentado pelo Espírito Santo, e será realizado pelo poder de Deus por meio das ações da humanidade; 2) o Reino é o propósito supremo de Deus. Torna a teologia dinâmica e está constantemente em conflito com o pecado organizado do mundo. 3) o Reino é presente e futuro. É como Deus, eterno. Está sempre chegando, sempre pressionando e sempre convidando à ação imediata. 4) Jesus libertou o Reino de suas tendências nacionalistas e individualistas, o Reino é de Deus e não da Igreja, não conhece limites e não conhece fronteiras. 5) o Reino é o projeto de Deus para a humanidade e envolve redenção em toda a vida social. 6) o propósito da Igreja é anunciar e fazer o Reino de Deus disponível a todas as pessoas<sup>203</sup>.

---

<sup>202</sup> HORSLEY, 2004, p. 8.

<sup>203</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 162-165.

Como já afirmado, para Rauschenbusch, o Reino não se limita à Igreja e às suas atividades. A Igreja é apenas uma instituição social junto com a família, a organização industrial e o estado. O Reino de Deus está em todos eles, e todos devem trabalhar juntos para trazer o Reino de Deus à terra. Pagola diz que a causa a que Jesus vai se dedicar com toda a sua vida, seu tempo e suas forças, é o Reino de Deus, sua convicção mais profunda, a paixão que animava toda a sua vida.

Assim também Rauschenbusch fez do Reino de Deus o ideal de toda a sua vida. Pagola diz que “embora possa surpreender mais de um, Jesus só falou do “Reino de Deus”, não da ‘Igreja’”. A expressão o ‘Reino’ aparece 120 vezes nos evangelhos; a palavra ‘Igreja’ só aparece duas vezes (Mt 16.18; 18.17), e obviamente não é um termo empregado por Jesus”.<sup>204</sup> Concordando com Pagola, Rauschenbusch diz que “Jesus sempre falou sobre o Reino de Deus, é seguro afirmar que ele nunca pensou em fundar o tipo de instituição que posteriormente afirmaria agir por ele”<sup>205</sup>.

Na ótica de Rauschenbusch, o Reino de Deus na terra tinha um objetivo duplo: a regeneração de cada indivíduo para a filiação divina e a vida eterna, e a vitória do espírito de Cristo sobre o espírito deste mundo em todas as formas de sociedade humana e uma alteração correspondente em todas as instituições formadas pela sociedade humana. Horsley complementa dizendo que,

segundo o que ele [Rauschenbusch] e outros pregavam sobre o evangelho social, o Reino de Deus comportava dois aspectos complementares. Por um lado, o Reino de Deus pairava como juiz sobre o pecado social e as forças sobre-humanas opressivas, especialmente as das instituições econômicas capitalistas que criavam injustiças cada vez maiores. Por outro, o Reino podia estimular o povo [...] a concretizar uma ordem político-econômica justa, a potencializar a sociedade para pôr as suas instituições econômicas e políticas a serviço da realização do Reino de Deus.<sup>206</sup>

Para Rauschenbusch, a implantação da vida do Reino de Deus aqui e agora é o propósito supremo de Deus, é a tarefa pela qual a Igreja justifica sua existência. “A Igreja existe para o Reino de Deus”<sup>207</sup>. O Reino de Deus é o pano de fundo necessário para a ideia cristã de Deus.

A implantação do Reino de Deus precisa começar ali onde está o povo mais humilhado. Estas pessoas pobres, famintas e aflitas são as “ovelhas” que melhor representam os abatidos de Israel. O Reino de Deus só pode ser

<sup>204</sup> PAGOLA, 2014, p. 115.

<sup>205</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 155.

<sup>206</sup> HORSLEY, 2004, p. 9.

<sup>207</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019, p. 165.

anunciado a partir do contato direto e estreito com as pessoas mais necessitadas de alívio e libertação.<sup>208</sup>

O Reino começando e se manifestando onde o povo está, onde a necessidade se encontra. Foi assim com o Movimento Pelos Direitos Civis, de Martin Luther King, foi assim (e é), com a Teologia da Libertação, é assim com a Teologia Feminista, a Teologia Negra e as demais teologias inclusivas. O Reino nasce da necessidade do povo e precisa ser manifestado a este mesmo povo. Jesus disse: aos pobres é anunciado o evangelho (do Reino).

A apropriação, por Rauschenbusch, da ideia do Reino de Deus como meio de salvação da ordem social, se originou a partir do contato com o povo. Foi produto da reflexão sobre sua experiência pastoral em Nova York, no meio de uma comunidade pobre, vendo, vivendo e sofrendo as suas dores, o Reino de Deus que era pregado nas igrejas, inclusive a sua, para ele não era o Reino de Deus anunciado por Jesus. O objetivo fundamental da Teologia do Evangelho Social é a restauração da doutrina do Reino de Deus ao seu lugar primário. “A doutrina do Reino de Deus, é em si mesma, o Evangelho Social”.<sup>209</sup>

---

<sup>208</sup> PAGOLA, 2014, p. 114.

<sup>209</sup> RAUSCHENBUSCH, 2019. P. 155.

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou responder se o Movimento do Evangelho Social de Walter Rauschenbusch pôde, de fato, representar uma perspectiva social do Reino de Deus. O caminho desenvolvido nesta busca compreendeu captar os aspectos sociais do Reino de Deus, encampados pela Teologia do Evangelho Social em uma forma de apropriação contextualizada dos conceitos do Reino de Deus como resposta para a crise social.

Entendemos que não é preciso compartilhar as convicções teológico-liberais de Rauschenbusch para compartilhar sua visão ética de uma sociedade mais justa, equitativa e cooperativa. No entanto, vemos sim, de muitas maneiras, a contribuição de um movimento cristão como modelo e inspiração para diversos movimentos sociais. Isto é um exemplo de que em cada época da história da Igreja, levantam-se homens e mulheres com disposição para mudar a ordem social. Sejam movimentos com maior intensidade, como o Movimento do Evangelho Social, ou o Movimento pelos Direitos Civis, ou ainda o impactante trabalho da Teologia da Libertação.

Apesar da marginalização do Movimento do Evangelho Social de Walter Rauschenbusch por movimentos fundamentalistas ou por teólogos ligados a uma ala mais conservadora sobre a função da igreja na sociedade, a tradição do Evangelho Social ou de outros movimentos sociais seculares ou as diversas teologias sociais e suas formas de ler o papel da religião, devem ser vista como um complemento necessário para a salvação da ordem social.

Esta pequena fração de movimentos sociais elencados, junto a muitos outros não citados, têm os mesmos objetivos de alcançar maior justiça social, seja por meio do processo democrático, seja por sua importância na ampliação dos direitos democráticos no âmbito econômico, seja como um equilíbrio necessário e pragmático das relações de poder no âmbito político.

Rauschenbusch pode nos oferecer esperança à medida que avançamos para reformar nossa ordem social, o atual sistema social econômico em direção a uma maior transparência e participação democrática, a uma maior possibilidade de inclusão do ser humano em todas as suas complexidades. Rauschenbusch, ele mesmo como pessoa, serve de advertência de que mesmo nossas melhores

intenções de realizar uma sociedade melhor podem nos desviar da justiça que buscamos. É correto exigir uma distribuição mais justa e equitativa dos bens econômicos, é correto e necessário atender os marginalizados em suas necessidades, pois o que de fato se busca dentro do reestabelecimento das relações em uma ordem social, é justamente a satisfação deste anseio por justiça e equidade em todas as áreas, sem deixar ninguém de fora.

No Brasil, uma parcela da liderança eclesial contemporânea, independente de denominação, bem como instituições e a própria academia, têm demonstrado forte interesse em atender e solucionar a crise social sempre presente. Por meio deste trabalho entendemos que estas lideranças fariam bem em ler Walter Rauschenbusch e outros teólogos e pensadores sociais. Assim se pode avançar na conquista de um futuro mais seguro, justo e próspero para toda a sociedade. O Reino de Deus está dentro de nós e as necessidades e oportunidades estão a nossa volta.

Entendemos desta maneira que o Evangelho Social do modo como absorveu e ressignificou os conceitos acerca do Reino de Deus, mudou a realidade com a qual a igreja enxergava a sociedade, trazendo uma nova interpretação dos conceitos do Reino de Deus e da missão da Igreja, atuando como fator de salvação para a ordem social.

Trazendo um pouco da ideia da pesquisa para o nosso entorno ministerial e da comunidade religiosa como um todo, entende-se que vivemos um tempo de preocupação com o social, porém entendemos que ainda há muito mais a fazer. Temos a grata oportunidade de participar de uma comunidade, um Ministério Pastoral que se preocupa com o social, com o pobre, com o necessitado. Diante de tantas obras inclusivas e de valor social realizadas pelo Ministério Batista Cristo é a Vida (MBCV), surge a necessidade de enxergar todo este trabalho da igreja, sob a ótica de Jesus, tal qual demonstrada nesta pesquisa.

É motivador enxergar na história de homens e mulheres que tiveram o mesmo foco, que independente das oposições, fizeram o social, incluíram o pobre, abriram oportunidades para que a dignidade humana se caracterizasse não apenas pelo ser servido, mas pelo servir. Costumamos dizer que agindo assim, manifestamos o Reino.

Diante de tantos exemplos que temos expostos, percebemos que o MBCV, através de suas muitas oportunidades para servir, se espelha no conceito de Reino

de Deus como solução para a sociedade, baseados na palavra do Mestre, que disse: “o Filho do Homem, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos”. É servindo desta maneira que se resgata, é servindo, que se inclui, é servindo que se traz dignidade.

Quando se fala em evangelho social, muitas coisas vêm à cabeça, principalmente um ativismo social paternalista, que, enquanto necessário, e muito, já que poucos realmente fazem alguma coisa, não muda as realidades presentes. Remediando-as por um tempo e tornando-as um ciclo quase vicioso. A responsabilidade social está em tirar as pessoas da situação de vulnerabilidade, estabilizá-las na vida por meio de um evangelho prático e depois capacitá-las a fazer o mesmo por seus semelhantes. São os incluídos que incluem.

A assistência social, posto que nobre, atende a necessidade sem mudar a realidade. Isto não humaniza, isto torna a pessoa dependente, mas não inclui, não liberta. O serviço social remedia, resolve parcialmente, resgatando pessoas de sua situação de vulnerabilidade. Resolve individualmente, mas não resolve coletivamente. A solução está na ação social, no social de fato. Em promover o incluído, por meio da transformação da vida, do caráter e do resgate da dignidade, assumindo na sociedade papel relevante na transformação de outro ser humano.

Esta pesquisa mostra como ainda estamos longe dos ideais do Reino preconizados por Rauschenbusch. O que Rauschenbusch fez ao trazer o Reino de Deus como solução e dignidade para aquelas pessoas daquele bairro miserável, é o que Jesus fez, é o que Pedro Casaldáliga fez, é o que Martin Luther King fez, é o que Gustavo Gutiérrez e tantas mulheres à frente de teologias feministas e demais teologias libertárias estão fazendo. Estas pessoas não se acomodaram com a situação vigente. Não conseguiram livrar a terra de todos os seus males, mas por um pouco de tempo trouxeram alívio para a dor daquela gente. Isto é promover o Reino de Deus. Isto é inclusivo. Isto é social.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA, **NOVA VERSÃO INTERNACIONAL**: Antigo e Novo Testamento. Português. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

A BÍBLIA SAGRADA. **Edição Revista e Atualizada no Brasil**, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

ABREU, Vitor. Estudo Literário Do Novo Testamento: Gêneros Literários nos Contextos do Cristianismo Primitivo. **Revista Jesus Histórico e sua Recepção**. Rio de Janeiro, 08 nov. 2012, p. 66. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos8/artigo-vitor.pdf>. Acesso em 04 abril de 2023.

AHLSTROM, Sydney. **A Religious History of the American People**. Second Edition. New Haven: Yale University Press, 2004.

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020.

ARNDT, William; GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. 4. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2021.

BATEMAN, Bradley W. **The Social Gospel and the Progressive Era**. Divining America, TeacherServe©. National Humanities Center. Disponível em: <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/twenty/tkeyinfo/socgospel.htm>. Acesso 24 de abril 2023.

BEBBINGTON, D. **Evangelicalism in Modern Britain**. London: Taylor & Francis Group, 2005.

BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (organizadores). **Comentários Bíblicos**. Mateus volume 3. São Paulo: Loyola, 1999.

BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANNAN, Rick. (Org). **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

CAMARGO, César S. **O Evangelho Social**: Aspectos Históricos e Teológicos. Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). São Paulo, v. 6 (3), n. 31, 254-255.

CARSON, D. A. **Cristo & Cultura**: Uma Releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: SHEDD Publicações, 2014.

CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: Exposição de Mateus 5-7. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: Paulus, 2020.

COLE, Nicki L. **What Is Social Order in Sociology?** ThoughtCom. 2019. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/social-order-definition-4138213> . Acesso em 11 de julho de 2023.

CLENDON, James W. Mc. **Systematic Theology**. Vol. 1 – Ethics. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CLENDON, James W. Mc. **Systematic Theology**. Vol. 2 – Doctrine. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. **A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to St. Matthew**. International Critical Commentary. 3 vols. Vol. 1, Matthew 1–7. Edinburgh: T & T Clark, 1988. p. 391-392.

DIBELIUS, Martín. **La História de las Formas Evangélicas**. Valencia: Edicep, 1984.

DORRIEN, Gary. **The Making of American Liberal Theology**, vol. 3: Crisis, Irony; and Postmodernity, 1950-2005. Louisville: Westminster John Knox Press, 2006.

DORRIEN, Gary. **Kingdom Coming**. The Christian Century, 2007. Disponível em: <https://www.christiancentury.org/article/2007-11/kingdom-coming> . Acesso em 08 de junho de 2023.

DORRIEN, Gary. **Kantian Reason and Hegelian Spirit**: The Idealistic Logic of Modern Theology. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2012.

DORRIEN, Gary. **In a Post Hegelian Spirit** – Philosophical Theology as Idealist Discontent. Waco, Texas. Baylor University Press, 2020.

DORRIEN, Gary. **The Crisis and Necessity of Liberal Theology**. American Journal of Theology & Philosophy, vol. 30, no. 1, 2009, pp. 3–23. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27944459>. Acesso em 28 abr. de 2023.

DREHER, Luís H. **O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher**. (Série Teses e Dissertações, Vol. 6). São Leopoldo: IEPG/Editora Sinodal, 1995.

DREHER, Martin N. **Para Entender o Fundamentalismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DUNN, James D. G. **JESUS RECORDADO**. O cristianismo em seus começos. Livro 1. São Paulo: Paulus. 2022.

EVANS, Cristopher H. **The Kingdom Is Always but Coming** - A Life of Walter Rauschenbusch. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2004.

EVANS, Christopher H. **Liberalism Without Illusions** – Renewing an American Christian Tradition. Waco: Baylor University Press, 2010.

EVANS, Christopher H. **The Social Gospel in American Religion**. New York: NYU Press, 2017.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FERREIRA, Franklin. **Igreja Contemporânea: Friedrich Schleiermacher**. História da Igreja – Curso Fiel de Liderança. YouTube, 18 de março de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ytdlfb0kNgc&ab\\_channel=Minist%C3%A9rioFiel](https://www.youtube.com/watch?v=ytdlfb0kNgc&ab_channel=Minist%C3%A9rioFiel). Acesso em 28 de maio de 2023.

GARLAND, David E. **Reading Matthew** - A Literary and Theological Commentary. New York: Smyth & Helwys Publishing, Inc. 2012.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZAGA, Waldecir; RESENDE, J. F. S. Teologias Bíblicas e Pastoral e o Influxo na Vida Eclesial. AD Aeternum – Revista de Teologia – Nº. 3, 2022, p. 26-50. Disponível em: <https://doi.org/10.60543/aa.v1i3.8030>. Acesso em 30 junho de 2023.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão** – Volume III. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZÁLEZ, Justo L. In: **Breve Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

GOTTWALD, Norman R. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulus, 2011.

HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 8ª Ed. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2016.

HANDY, Robert T. **The Social Gospel in America 1870-1920**. New York: Oxford University Press, 1996.

H. H. ESSER. In: COHENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1686-1687.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e a Espiral de Violência**. Resistência judaica popular na Palestina Romana. São Paulo: Paulus, 2010.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o império**. O Reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004, p. 19-20.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

KING, JR. Martin Luther. **My Pilgrimage to Nonviolence King**. Stanford: Stanford University Press, 1958. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/king-papers/documents/my-pilgrimage-nonviolence>. Acesso em 10 dez, 2022.

KÖSTENBERGER, J. Andreas; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento**: a manjedoura, a cruz e a coroa. São Paulo: Vida Nova, 2022.

KÜMELL Werner G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Hagnos. 2003.

LANE, Tony. **Pensamento Cristão**: Da Reforma A Modernidade V. 2. São Paulo: Abba Press, 2000.

LOUW, J. P.; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTERO, Martinho. O Quinto Capítulo de São Mateus. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**: Interpretação do Novo Testamento Mateus 5-7 – 1 Coríntios 15 – 1 Timóteo. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005. v. 9.

LUZ, Ulrich. El Evangelio Según San Mateo. Mateus 1 ao 7. Salamanca: Sígueme, 1993.

MALINA, Bruce. **O Evangelho Social de Jesus**. São Paulo, 2004.

MARTY, Martin E. **Modern American Religion**, Volume 1: The Irony of It All, 1893-1919. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

MINAYO, M. N. S. (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINUS, Paul. Walter Rauschenbusch: **American Reformer**. New York: Macmillan, 1988.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulus, 2021.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. Corrected printing 2020.

NIEBURH, Reinhold. **An Interpretation of Christian Ethics**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2021.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus Aproximação Histórica**. Petrópolis. Editora Vozes, 2014.

PENNINGTON, Jonathan T. **Heaven and Earth in the Gospel of Matthew**. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV. 2007.

RAUSCHENBUSCH, Walter. **Christianity and the Social Crisis**. New York: The MacMillan Company, 1908.

RAUSCHENBUSCH, Walter. **Los Principios Sociales de Jesus**. Buenos Aires: La Aurora, 1947.

RAUSCHENBUSCH, Walter; CAMPOLO, Tony. **Christianity and the Social Crisis in the 21st Century: The Classic That Woke Up the Church**. San Francisco: HarperOne, 2008.

RAUSCHENBUSCH, Walter. **Uma Teologia Para o Evangelho Social**. Vitória: ASTE, 2019.

RENDERS, Helmut. **É Tarefa da Igreja Motivar Para a Ação**. In: Simpósio, vol. 10 [4], ano XXXVII, n. 48, nov. 2008.

RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

ROCHA, Calvino. **Responsabilidade Social da Igreja**. Londrina: Descoberta Editora, 2003.

ROWLAND, Chistopher. **The Cambridge Companion to Liberation Theology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

SCHMITT, Flávio. **Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva**. Estudos Teológicos. São Leopoldo, v. 59, n. 02, p. 330, jul./dez. 2019.

SCOTT, Graeme. **The Social Gospel and Liberation Theology**. 2014. THEO 10006 -Dissertation. Scottish Baptist College. Paisley, 2014, p. 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/9118717/The\\_Social\\_Gospel\\_and\\_Liberation\\_Theology](https://www.academia.edu/9118717/The_Social_Gospel_and_Liberation_Theology). Acesso em 09 dez 2022.

SCROGGS, Robin. **O Jesus do Povo: Trajetórias no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulus, 2012.

SILVA, Cássio M. D. **Metodologia de Exegese Bíblica Versão 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2022.

SMUCKER, Donovan E. **The Origins of Walter Rauschenbusch's Social Ethics**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1994.

STOTT, John. **A Mensagem do Sermão do Monte Contracultura Cristã**. 3ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2003.

STOTT, John. **Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo**. São Paulo: ABU Editora, 2005.

STRONG, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

THEISSEN, Gerd. **O Movimento de Jesus**. História de uma revolução de valores. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

THEISSEN, Gerd. **O Jesus Histórico – Um manual**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

TURNER, David L. **Baker Exegetical Commentary on the New Testament – Matthew**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

WALDMAN, Steven. **Interview Rick Warren: Social Gospel & “Marxism in Christian Clothing”**. New York, 2018. Disponível em: <https://www.beliefnet.com/columnists/stevenwaldman/2008/12/rick-warren-social-gospel-marx.html>. Acesso em 18 de nov. de 2022.

WEGNER, Uwe. **A Leitura Bíblica por Meio do Método Sociológico**. São Paulo: CEDI, 1993.

WILLARD, Dallas. **A Conspiração Divina**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

ZABATIERO, Júlio. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD. 2018.